

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA

LABAREDAS NO AR:
*A rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza
(1958-1964)*

Ana Elisabete Freitas Jaguaribe

DISSERTAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LABAREDAS NO AR:

**A rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza
(1958-1964)**

LABAREDAS NO AR:

**A rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza
(1958-1964)**

Ana Elisabete Freitas Jaguaribe

Ana Elisabete Freitas Jaguaribe mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Ceará para obtenção do
grau de mestre em História Social sob a orientação do
Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

**FORTALEZA
Março, 2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LABAREDAS NO AR:

**A rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza
(1958-1964)**

LABAREDAS NO AR:

**A rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza
(1958-1964)**

Ana Elisabete Freitas Jaguaribe

Ana Elisabete Freitas Jaguaribe

**Esta dissertação foi julgada, em sua forma final, pelo orientador e membros
da banca examinadora, composta pelos professores:**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Ceará para obtenção do
grau de mestre em História Social sob a orientação do
Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho**

**FORTALEZA
Março, 2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LABAREDAS NO AR:

**A rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza
(1958-1964)**

Ana Elisabete Freitas Jaguaribe

**Esta dissertação foi julgada, em sua forma final, pelo orientador e membros
da banca examinadora, composta pelos professores:**

Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

Gisela Maria de Jesus

**FORTALEZA
Março, 2005**

FICHA CATALOGRÁFICA

J 23I

JAGUARIBE, Ana Elisabete Freitas

Labaredas no ar: a rádio Dragão do Mar e o cotidiano de
Fortaleza (1958-1964) – Fortaleza, 2005.
106 p.

Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do
Ceará

Orientador: Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho.

1. Fortaleza (CE) – História – 1958-1964
2. Comunicação de Massa e Cultura – Fortaleza (CE)

CDD 302.23

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo reconstruir o papel social do rádio no cotidiano de Fortaleza, a partir da experiência da primeira fase da Rádio Dragão do Mar, num período que se inicia no ano de fundação da emissora, 1958, até 1964, quando de seu fechamento pelo golpe militar. Tentei resgatar as relações da emissora com o cotidiano de Fortaleza, identificando os momentos em que atuou como articuladora de novas práticas sociais, impulsionadora de novos hábitos de costume e geradora de novos espaços de sociabilidade e de prática política.

A Rádio Dragão do Mar foi um veículo de divulgação dos ideários do nacional desenvolvimentismo, sintonizando o Ceará com as questões que diziam mais de perto ao Brasil da virada dos 50/60, servindo de ponte entre o país moderno e o Ceará rural. Bossa nova, reformas de base, reforma agrária, Cadeia da Legalidade, seca de 58, arrombamento do Orós, todos episódios que compunham a pauta da emissora. Some-se a isto os radioteatros, os programas de músicas populares, as crônicas políticas, que interferiram na ordem do tempo de Fortaleza.

A relação Dragão do Mar/Fortaleza foi resgatada através de depoimentos de profissionais de rádio e de pessoas comuns que vivenciaram o período estudado, além de pesquisa em jornais e revistas da época, crônicas e livros de memórias.

AGRADECIMENTOS

Espero expressar, na medida exata, todo o sentimento de gratidão que tenho com as pessoas que estiveram comigo neste percurso.

Ofereço este trabalho aos: Davi Jaguaribe, que me ensina a ser *droit* na vida e a quem amo para sempre; Orlando Senna, mestre da escrita, que me ensina sobre a paixão da vida, parceiro de muitos sonhos; Paulo Linhares, amigo e inspirador intelectual, cúmplice de Fortaleza.

Ofereço este trabalho às: Carla da Escóssia, primeira amiga, parceira e cúmplice leal dos amores e desamores da vida; Francisca (Nenem) Jaguaribe, irmã que me ensina a ser mãe tolerante e amorosa; Maninha Moraes, que me ensina a ser docemente da pedra dura; Simone Lima, amiga e interlocutora generosa, companheira leal; Tereza Cartaxo, pela alegria e a coragem que sempre me anima; especialmente à Vicência Jaguaribe, minha primeira irmã, que me ensinou o prazer das letras.

À Mirian e Chico Jaguaribe, meus pais, a quem devo a minha vida.

À Maristela Freitas – com quem aprendi a enfrentar a vida.

Agradecimentos vários: o primeiro e maior, ao meu orientador Gilmar de Carvalho, que teve tolerância e generosidade com os atrasos da minha vida atribulada. Sem a sua sensibilidade, tudo teria sido mais difícil; ao professor Eurípedes Fuques que me recebeu com generosidade no Mestrado de História. Através dele, abraço todos os professores com quem tive o prazer de conviver no curso; à querida Regina Jucá, mais do que secretária, uma amiga generosa e atenta; ao querido aluno Janderson Angelim, que dividiu comigo os caminhos, nem sempre agradáveis, dos impressos mal conservados da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Aos amigos Mônica Magalhães, por sua leitura rigorosa e oportuna, e Élcio Batista, pelo companheirismo de sempre. À Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa – Funcap, que me apoiou com uma bolsa de pesquisa. A todos os depoentes deste trabalho, que me ajudaram a resgatar um circuito afetivo e revelador da alma de Fortaleza. O meu muito obrigada. Para sempre.

ÍNDICE

CAPÍTULO 4

A Dragão e o povo nas ruas

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

Comunicação e História: litígio e aproximação

CAPÍTULO 2

A radiodifusão no Ceará

2.1. As grandes campanhas públicas

CAPÍTULO 3

Labaredas no ar: a Dragão e a cidade

3.1. A Fortaleza dos 50: sonhos de metrópole

3.2. Aldeota: os bastidores dos ricos

3.3. A política mediada

3.4. No dial da Dragão

3.5. Um cárcere em meu destino

3.6. O povão no microfone

3.7. Um banquinho, um violão ...

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 4

A Dragão e o povo nas ruas	70
4.1.O Inventário da vergonha	71
4.2. Orós e Chessman: do local ao global	78
4.3. Chessman e a cidade	82
4.4. Da cadeia da Legalidade ao golpe militar	86

CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
----------------------	----

BIBLIOGRAFIA	102
--------------	-----

INTRODUÇÃO

É necessário mencionar o percurso desta pesquisa, que encontrou seu rumo depois de alguns desvios do tema inicial, com o qual fui selecionada para o Mestrado de História Social da Universidade Federal do Ceará, no ano de 2002. "Iracema, o mito sitiado: o cotidiano de uma bairro sob a égide da especulação" deu título ao projeto de investigação, que se propunha analisar a construção histórica da paisagem urbana da Praia de Iracema, a partir do cotidiano dos moradores do bairro. O projeto se colocava na perspectiva de encontrar uma Fortaleza diferente da cidade circunscrita aos limites da dimensão econômica e do planejamento urbano.

No processo de coleta dos depoimentos orais, deparei-me com um espaço afetivo dos depoentes ocupado por lembranças de um "tempo de ouro", em que o rádio era um dos principais articuladores do cotidiano de Fortaleza. A revelação coincidiu com a tradicional fase de fastio que, em determinado momento, toma conta do pesquisador. A sensibilidade do meu orientador, a quem credito boa parte da retomada do meu entusiasmo por este trabalho, ajudou-me a mudar, com segurança, os objetivos da pesquisa.

Um novo desafio me foi colocado. A partir das memórias dos moradores do bairro da Praia de Iracema, passei a conviver com uma Fortaleza que experimentava novas rotinas, articulava novas práticas culturais e entrava no que se convencionou chamar de "a era do rádio". O meu interesse de pesquisa tomou novos rumos e as minhas reflexões seguiram no sentido de reconstruir o papel social do rádio no cotidiano de Fortaleza. Optei por fazer esta reflexão a partir da análise da primeira fase da Rádio Dragão do Mar, no período de 1958 a 1964, ano em que a emissora foi fechada pelo golpe militar.

Estabelecemos como ponto de partida a identificação do cenário social da Fortaleza dos anos 50, as rotinas e as novas formas de sociabilidade que a cidade passa a experimentar com a nova realidade articulada pelo primeiro

¹ A Rádio Urupuru foi inaugurada em 15 de junho de 1958.

² SHAFER, R. Murray. "Radio Radical". In: *Rádio Nova: conjunções da radiobornia contemporânea*. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, EDC, Publique, 1997, p. 29.

veículo de comunicação de massa que se consolidava¹. Considerado o principal porta-voz da onda de “modernidade” que contaminou o país na década de 50, o rádio foi um instrumento fundamental no processo de experimentação de novas referências culturais que Fortaleza inaugura no período pós-guerra, além de elemento impulsionador da incipiente indústria de consumo de massa, que se delineava no estado naquele período. Através das publicidades veiculadas pelo rádio, que eram produzidas no eixo Rio-São Paulo e enviadas para todo o Brasil, a cidade entrou em contato com produtos de multinacionais, as quais cancelavam as novelas radiofônicas, imprimindo novos hábitos à população. O Rádio Teatro Colgate-Palmolive e o Romance Kolinós, ambos da Rádio Uirapuru², são exemplos disto.

A relação de intimidade que a população estabeleceu com o rádio interferiu na ordem do tempo, com a cidade passando a se movimentar em torno dos horários da programação radiofônica. A crônica *A nossa palavra*, escrita por Blanchard Girão, parava a cidade diariamente, às 12h30min, no *dial* da Rádio Dragão do Mar, enquanto o *A hora da prece*, de José Limaverde, fazia Fortaleza rezar, às 18 horas, sintonizando a Ceará Rádio Clube. O rádio se transformaria, também em Fortaleza, no que o pesquisador canadense R.Murray Schafer chamou de relógio da civilização ocidental. Ele lembra que o veículo usurpou “a função cronômetro conferida anteriormente ao sino da igreja e ao apito da fábrica. (...) As notícias chegam às 8 horas no caminho para o trabalho, às 17 horas no caminho de volta para casa, às 23 horas no caminho da cama”³.

Esta relação de intimidade, que se configura no jargão bastante difundido “o companheiro do ouvinte”, conferiu ao rádio grande credibilidade junto ao público. Constatei o poder de mobilização do veículo, em diversos momentos do período pesquisado: ele funcionou como elemento articulador de grandes manifestações populares. Coube à Rádio Dragão do Mar, criada para servir de instrumento político do Partido Social Democrático (PSD), o papel de inaugurar no Ceará o

¹Inaugurada em 1934, com a chegada da Ceará Rádio Clube, a radiodifusão no Ceará viveu na década de 50 o seu apogeu, a chamada “era de ouro” do rádio.

²A Rádio Uirapuru foi inaugurada em 16 de junho de 1956.

³SHAFFER, R.Murray. “Rádio Radical”. In: *Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea*. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997, p.29.

que hoje chamamos de arena mediada⁴ da política moderna, patrocinando nas eleições de 58 a publicização dos mais calorosos debates políticos vistos até então.

Este trabalho teve como objetivo pontuar no cotidiano de Fortaleza as novas práticas culturais que se estabeleceram, a partir do poder de significação que o *mídia* rádio assumiu. É importante deixar claro que as relações entre o rádio e as rotinas da cidade, consideradas nesta pesquisa, não anula o espaço próprio de recepção, do seu uso e de sua interpretação⁵. Foi-me bastante caro, para esta análise, o conceito de *fabricação* de Michel de Certeau. Uma ação silenciosa e astuciosa por parte do consumidor, que se apropria do cotidiano “com mil maneiras de caça não autorizada”⁶.

Labaredas no ar: a Rádio Dragão do Mar e o cotidiano de Fortaleza (1958-1964) é um esforço de analisar um período histórico de Fortaleza, a partir da relação da cidade com a Dragão do Mar, como foi mencionado. Um esforço travestido de aventura arriscada, considerando a falta de documentação que dê conta da história da rádio. A escassez de bibliografia especializada no tema também foi outro limitador que tentei superar a partir de depoimentos orais e pesquisa em jornais e revistas do período. Neste desafio, me valeu a orientação do “paradigma indiciário”, do historiador italiano Carlo Ginzburg: segui rastros, considerei as ausências, observei os indícios.

Contando, como já observei, com escassas bibliografia e documentação relacionadas ao objeto da pesquisa, deparei-me com o desafio de lidar com os recursos da História Oral, num trajeto que envolveu um trabalho rigoroso de reunir e confrontar uma série de repertórios memoriais, cujas falas estavam especialmente contaminadas por uma subjetividade radical. A radicalidade referida decorre da proximidade em que os depoentes se encontram de suas histórias recentes. Conteí com a particularidade de reunir relatos de personagens que ainda trabalham no rádio e que carregam o reconhecimento social de terem

⁴THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1998, p.126.

⁵CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, no. 16, 1995, p.186.

⁶CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 38.

constituído uma geração de “pioneiros”, responsáveis pela “construção da história do rádio cearense”, numa Fortaleza de suposto “passado glorioso”, numa “era de ouro”.

O percurso não foi fácil. A prática da entrevista jornalística nos facilitou a coleta dos depoimentos. Por outro lado, o imediatismo jornalístico, que reduz o olhar, nos requereu um cuidado especial, muitas vezes obsessivo, para com a pressa na observação dos relatos. Cruzei depoimentos, repeti entrevistas, confrontei versões, na tentativa de revisitar experiências e submetê-las a uma operação historiográfica rigorosa. Esta empreitada, como já referi, foi dura. Os relatos colhidos, além da particularidade de alguns depoentes, acima citada, trazem a marca da mediatização, que incorporam outros elementos nas lembranças construídas.

(...)a tecnologia de massa modifica não só nosso sentido do temporal, mas também a natureza especificamente espacial do lembrar. A noção de que podemos nos lembrar, por exemplo, do assassinato de Kennedy significa que lembramos de como foi apresentado na televisão ou no rádio, e não de termos a experiência direta deste evento⁷.

No caso específico da nossa pesquisa, parte dos nossos depoentes foram produtores dos conteúdos da mídia, o que reforça uma posição privilegiada no espaço social da Fortaleza do período pesquisado. Ouvimos personagens que falaram sobre suas vidas pessoais, ligando-as ao cotidiano da cidade, através de eventos em que se sentiram roteiristas, atores e diretores das cenas principais. A despeito destas particularidades, segui na pesquisa com a consciência de que a relação entre a memória e a história também se constitui em arena de disputas e tensões. Neste percurso, o alerta de Paul Thompson para a representação da subjetividade, no trabalho de construção dos relatos, foi-me bastante útil:

A história não apenas sobre eventos, estruturas ou padrões de comportamentos, mas também como são eles vivenciados e lembrados na imaginação. E parte da história, aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também acreditam que *poderia* ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo –, pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu⁸.

⁷ THOMPSON, J. B. Op. Cit., p. 129.

⁸ THOMPSON, P. *A voz do passado : história oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira, 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.184.

Capítulo I

Dividi em quatro capítulos este trabalho. *História e comunicação: litígio e aproximação*, o primeiro capítulo, resgata o percurso teórico desta pesquisa, trabalhando a relação entre os dois campos. *A radiodifusão no Ceará* é apresentada no capítulo dois, quando procuramos mostrar o processo de desenvolvimento da primeira fase do rádio cearense e as transformações que as rotinas da cidade sofreram com a presença do mídia.

Labaredas no ar dá nome ao terceiro capítulo, que apresenta o diálogo que a Rádio Dragão do Mar estabeleceu com Fortaleza. Aqui, mergulhamos na relação entre a cidade e a emissora, analisando a inserção da programação da rádio no cotidiano da cidade, num processo em que se conformam novas práticas culturais e novas socialidades na cidade. *A Dragão e o povo nas ruas*, o último capítulo, narra alguns dos principais acontecimentos em que a rádio e a cidade tornam-se íntimas parceiras.

Os conceitos que, no primeiro momento de reflexão, procuraram dar conta da sociedade de massa misturaram elocubrações sobre padronização e alienação, vulgaridade e pessimismo, tendo na definição do "homem-massa", de José Ortega y Gasset, a grande vedete conceitual dos anos trinta do século passado. Jesús-Martin Barbero define o surgimento da teoria da sociedade de massa como "um movimento que vai do medo a decepção e daí ao pessimismo, mas conservando o asco".⁹

O pessimismo que sustentou as reflexões iniciais sobre a sociedade de massa foi resgatado, no final dos anos 40, de forma sofisticada pelos integrantes da Escola de Frankfurt, que influenciaram sobremaneira todo o pensamento social sobre os meios de comunicação na América Latina. Segundo os pensadores frankfurtianos, entre eles, Max Horkheimer, Siegfried Kraucauer, Herbert Marcuse e Theodor W. Adorno, a chamada indústria cultural¹⁰ torna todos "os ouvintes iguais" ao sujeitá-los, autotaneamente, aos idênticos programas de todas as

⁹ Martin Barbero, Jesús. *Dos meios às mediações* Comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sergio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001, p.55

¹⁰ Horkheimer e Adorno usam a palavra pela primeira vez em 1947, no texto: "A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas".

Capítulo I

História e Comunicação: litígio e aproximação

A importância dos meios de comunicação no processo de constituição das sociedades modernas é incontestável. O reconhecimento acadêmico desta situação, entretanto, não fez um percurso fácil. Ainda hoje, a legitimação dos estudos da mídia como campo científico é centro de longos debates teóricos. Costuma-se creditar esta resistência acadêmica, muitas vezes, à natureza do que se constituiria o próprio objeto de estudo, estigmatizado por muitos de um bem de consumo ligeiro. Filhos diletos da revolução industrial, os meios de comunicação têm sua reflexão muito ligada às teorias da sociedade de massa que, surgidas ainda no século XIX, são profundamente marcadas pelo conservadorismo da época.

Os conceitos que, no primeiro momento de reflexão, procuraram dar conta da sociedade de massa misturaram elocubrações sobre padronização e alienação, vulgaridade e pessimismo, tendo na definição do “homem-massa”, de José Ortega y Gasset, a grande vedete conceitual dos anos trinta do século passado. Jesús-Martín Barbero define o surgimento da teoria da sociedade de massa como “um movimento que vai do medo à decepção e daí ao pessimismo, mas conservando o asco”⁹.

O pessimismo que sustentou as reflexões iniciais sobre a sociedade de massa foi resgatado, no final dos anos 40, de forma sofisticada pelos integrantes da Escola de Frankfurt, que influenciaram sobremaneira todo o pensamento social sobre os meios de comunicação na América Latina. Segundo os pensadores frankfurtianos, entre eles, Max Horkheimer, Siegfried Kraucauer, Herbert Marcuse e Theodor W. Adorno, a chamada indústria cultural¹⁰ torna todos “os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas de todas as

⁹Martín-Barbero, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001, p.55

¹⁰Horkheimer e Adorno usam a palavra pela primeira vez em 1947, no texto “A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas”.

estações”¹¹. Esta visão de dominação absoluta dos veículos de massa sobre receptores atomizados contaminou os estudos dos *mídias* até meados da década de 80, quando novas reflexões abriram possibilidades de resistência e de produção por parte dos receptores.

O historiador Roger Chartier, por exemplo, alerta para a necessidade de superar esta visão maniqueísta que se fez presente em muito do pensamento social sobre os meios de comunicação.

A mídia moderna não impõe, como se acreditou apressadamente, um condicionamento homogeneizante, destruidor de uma cultura popular, que seria preciso buscar no mundo que perdemos. A vontade de inculcação de modelos culturais nunca anula o espaço próprio de sua recepção, do seu uso e da sua interpretação ¹².

O uso do termo indústria cultural coloca-se, neste trabalho, na perspectiva de Néstor García Canclini, quando ele assume o conceito dos frankfurtianos, referindo-se à lógica técnica da produção dos bens culturais, ao mesmo tempo em que ratifica a limitação do conceito:

A noção de indústrias culturais, útil aos frankfurtianos para produzir estudos tão renovadores quanto apocalípticos, continua servindo quando queremos nos referir ao fato de que cada vez mais bens culturais não são gerados artesanal ou individualmente, mas através de procedimentos técnicos, máquinas e relações de trabalho equivalentes aos que outros produtos na indústria geram; entretanto este enfoque costuma dizer pouco sobre *o que é produzido e o que acontece com os receptores*¹³.

Mas, se o processo de reflexão sobre a *mídia* foi contaminado pelo mesmo viés pessimista que norteou momentos importantes do pensamento social sobre a sociedade moderna, como foi referido, o seu diálogo com outros campos teóricos também não foi fácil. A relação entre mídia e história, por exemplo, que nos diz mais de perto neste estudo, foi marcada por um clássico litígio. No Brasil, por exemplo, os estudos de comunicação têm se apresentado fora de perspectiva histórica, priorizando análises de conteúdo de programação e textos técnicos. Por

¹¹ Horkheimer, Max e Adorno, Theodor. *A indústria Cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. In: Teoria da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p.161.

¹² CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, no. 16, 1995, p.186.

¹³ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora USP, 2003, p.263.

outro lado, apesar de os jornais servirem como fonte de pesquisa dos historiadores, os meios de comunicação, somente nos últimos anos, passaram a pontuar muito discretamente como objeto de estudo destes pesquisadores.

As razões para o referido litígio vão das discussões sobre a subjetividade do discurso midiático até os próprios métodos da história que predominaram até o início da segunda metade do século XX, quando o movimento dos *Annales* varreu os paradigmas tradicionais e alargou a “operação histórica”¹⁴, no que se refere tanto aos objetos de estudo, quanto às fontes de pesquisa. A historiadora Alzira Alves de Abreu, uma das principais referências da história da mídia no país, nos lembra que as razões para a ausência de estudos abrangentes sobre a mídia podem estar ligadas à concepção, superada, de que só se faz história através da reconstituição de um passado longínquo:

O historiador precisava de uma distância no tempo, para poder analisar objetivamente, sem paixões, o seu objeto de estudo. A aceitação da “história do tempo presente”, como uma área de análise pelo historiador só ocorreu nos últimos anos.¹⁵

A história do presente - dizem Jacques Le Goff e Pierre Nora – “é a provocação mais grave lançada à história tradicional (...) que, ao recusar reduzir o presente a um passado incoativo, coloca em questão a definição tradicionalmente aceita da história como ciência do passado”¹⁶. Pierre Nora atualiza a discussão, creditando aos *mass media* o reaparecimento do monopólio da história.

Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar. Mas não é suficiente dizer que se colam ao real ao ponto de se tornarem sua parte integrante e que nos restituem sua presença imediata, quando abraçam os contornos e peripécias, quando fazem parte do cortejo inseparável. Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independente, mas como a própria condição de sua existência¹⁷.

¹⁴CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: *História: novos problemas*. Tradução: Theo Santiago. 4 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995, p.41.

¹⁵ABREU, Alzira Alves (org). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.8.

¹⁶LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Tradução: Theo Santiago. 4 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995, p. 13.

¹⁷PIERRE, Nora. Op.Cit., p.181.

O retorno do estudo do acontecimento às preocupações historiográficas, nos últimos anos, tem servido para aproximar os historiadores dos jornalistas, do jornalismo e da mídia.

(...) Mas não é só isso que chama a atenção do historiador: ele voltou a valorizar o estudo do acontecimento histórico, e hoje a mídia – imprensa escrita, rádio e televisão – representa para o acontecimento a condição de sua existência. A publicização dá forma à própria produção do acontecimento. Para que haja acontecimento é preciso que ele seja conhecido, e os jornalistas são os primeiros a apresentá-lo. Desse modo, o historiador não pode mais ignorar que a mídia é parte integrante do jogo político e da própria construção do acontecimento histórico¹⁸.

Mas, apesar de toda uma reflexão no rumo do reconhecimento da mídia como objeto histórico, no rumo da reconciliação entre mídia e história, ainda convivemos com uma profunda lacuna no universo de pesquisa do historiador. Os estudos – raros – priorizam como objeto de investigação a chamada imprensa escrita, com tudo aquilo que ela representa como instância legitimadora da classe letrada. A televisão e o cinema foram incorporados ao universo das pesquisas, na onda semiótica que assolou as ciências sociais, nos últimos tempos. O rádio, o mais popular dos *mass media*, assumiu o papel de primo pobre e foi praticamente esquecido pelos pesquisadores dos dois campos, é pertinente acentuar.

Entretanto, mesmo diante deste esquecimento, algumas obras alimentaram o processo de construção deste estudo. Em *A moderna tradição brasileira*, a análise de Renato Ortiz sobre a relação da cultura brasileira e a indústria cultural¹⁹ serviu-nos de importante referência. Apesar de não centralizar no estudo do rádio, Ortiz faz um percurso instigante pelo processo de desenvolvimento das indústrias culturais do país, promovendo uma análise oportuna sobre a reflexão em torno da cultura de mercado no Brasil, para identificar um ponto nevrálgico na construção do conhecimento sobre os meios de comunicação de massa: um silêncio teórico sobre a existência da cultura de massa no país, uma situação que só se modifica a partir dos anos 70.

¹⁸ ABREU, Alzira Alves. Op. Cit., p.9.

¹⁹ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

Alguns estudos relacionados especificamente com o rádio, apesar de priorizarem a abordagem política, ajudaram-me a refletir sobre algumas questões referidas neste *Labaredas no ar*. A obra de Doris Haussen, *Rádio e política: tempos de Vargas e Peron*²⁰, por exemplo, trabalha a relação entre rádio e política, identificando o papel político ocupado pelo rádio nos governos das referidas lideranças populistas do Brasil e da Argentina, num período em que os dois países viviam a experiência de gestação de seus processos de nacionalidade. Em *Rádio e política: do microfone ao palanque*²¹, Márcia Vidal identifica o surgimento do que chama de “delegado do ouvinte”, a conquista de mandatos parlamentares por radialistas, que contaminou a política cearense, a partir da década de 80.

*O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*²², de José Inácio de Melo Sousa, nos oferece uma panorâmica das relações do Estado com os meios de comunicação, marcadas por um forte controle estatal. É um estudo rigoroso sobre os mecanismos estatais de controle da informação na história do país. A conclusão a que chega o autor é de que,

Durante o período republicano e a assim chamada Era Vargas (1930-1945), os meios de comunicação passaram pelos mais diversos processos de sujeição e controle. A idéia de uma imprensa livre, por mais de meio século, foi uma ficção. O novo regime implantado em 1889 continuou com as práticas de corrupção e violência vindas do Império. Somente com a revolução de 30 o panorama mudou com a implantação de organismos burocratizados de controle e propaganda. Com a ditadura de 1937, uma nova onda de violências ocorreu, num nível que só seria suplantado com a ditadura militar e mesmo assim, após 1968²³.

Particularmente, este trabalho instigou-me a mergulhar num período histórico, conhecido como democrático, e supostamente livre dos mecanismos de controle da informação. As referências do estudo de Inácio Souza seriam contraponto para a reflexão da minha pesquisa. No entanto, os resquícios da

²⁰ HAUSSEN, Doris. *Rádio e política: tempos de Vargas e Peron*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

²¹ VIDAL, Márcia Nunes. *Rádio e política: do microfone ao palanque: os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996)*. São Paulo: Annablume, 2002.

²² SOUSA, José Inácio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

²³ SOUSA, José Inácio de Melo. Op. Cit., p. 219.

cultura autoritária, tão bem detalhada pelo autor, foram identificados em vários momentos deste *Labaredas no ar*, na Fortaleza da virada dos 50/60, quando o país vivia uma relativa democracia.

A *informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*²⁴, de Gisela Swetlana Ortwiano, nos oferece uma série de informações sobre a história da radiodifusão e da legislação brasileira de radiodifusão, e ocupa um espaço obrigatório nas leituras sobre o tema. Mirian Goldfeder, no estudo *Por trás das ondas da Rádio Nacional*²⁵, identifica o impacto do rádio sobre a sociedade brasileira na década de 30, considerando-o mais profundo do que aquele que a televisão viria a produzir trinta anos depois.

O rádio comercial e a popularização do veículo implicaram a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos de ditar “modas”, como também de mobilizar massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional. (...) Pelo rádio, o indivíduo encontra a nação, de forma idílica: não a nação ela própria, mas a imagem que dela está se formando²⁶.

O pequeno e inspirador *A era do rádio*, da historiadora Lia Calabre, traça um breve²⁷ cenário do Brasil que experimentava a chamada “época de ouro” do rádio, relacionando a presença do veículo com o cotidiano do país.

O rádio criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade. Ícone da modernidade até a década de 1950, ele cumpriu um destacado papel social, tanto na vida privada como na vida pública, promovendo um processo de integração que suplantava os limites físicos e os altos índices de analfabetismo no país.²⁸

Algumas publicações acadêmicas que reúnem produção sobre o tema também me foram importantes. Cito aqui *Radiojornalismo no Brasil: dez estudos*

²⁴ ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 2 ed. São Paulo: Editora Summus, 1985.

²⁵ GOLDFEDER, Mirian. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

²⁶ GOLDFEDER, Mirian. Op. Cit., p. 40.

²⁷ A brevidade fica por conta das características editoriais de livro de bolso da coleção *Descobrendo o Brasil*.

²⁸ CALABRE, Lia Calabre. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002, p.7.

*regionais*²⁹, *Rádio no Brasil : tendências e perspectivas*³⁰ e *Populismo e Comunicação*³¹, que oferecem um panorama diverso das reflexões sobre o rádio, disponibilizando alguns elementos que contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho.

Parafraseando o poeta Gilberto Gil, se os trabalhos citados “não me deram a régua e o compasso” para conduzir-me nesta aventura, ajudaram-me a enfrentar a enorme lacuna historiográfica sobre a mídia no Ceará. A produção sobre a cultura de massa no Ceará, na perspectiva histórica, é bastante rara. Cito aqui uma exceção, *Publicidade em Cordel: o mote do consumo*, de Gilmar de Carvalho³², que situa o desenvolvimento da publicidade no Ceará e identifica o diálogo entre a cultura popular e a construção do discurso publicitário.

No que diz respeito à reflexão sobre rádio/cotidiano, proposta deste estudo, não tive acesso à nenhuma produção no estado. Assim, caminhei na tentativa de encontrar nos estudos sobre a cidade de Fortaleza alguma referência que servisse de inspiração e que me desse intimidade com o assunto. Novamente, encontrei um silêncio intrigante sobre a presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano da cidade. Exceção rara, *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza*, do historiador Gisafran Nazareno Mota, apesar de não ter como objeto de estudo o rádio, identifica algumas referências sobre a presença do veículo no cotidiano da cidade, citando os programas de auditório como opção de lazer da população. Este *Labaredas no ar* é bastante devedor da análise sobre o cenário histórico, econômico e cultural da Fortaleza dos anos 50 realizada pelo autor.

As referências bibliográficas mais específicas sobre o rádio e a cidade são indicadas pelas crônicas de época e pela produção memorialista de antigos profissionais do setor. Nas leituras dos últimos, deparei-me com forte subjetividade

²⁹ ORTRIWANO, Gisela Swetlana(org). *Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais*. São Paulo: Editora Com-Arte, 1987.

³⁰ DEL BIANCO, Nélia R. e MOREIRA, Sônia Regina (org). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ e Brasília:UnB, 1999.

³¹ MELO, José Marque(org). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 1981.

³² CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel : o mote do consumo*. 1ª edição, São Paulo: Editora Annablume, 2002.

dos autores, decorrente do papel social que eles ocuparam no período. Tudo se passa como se eles procurassem fundar a origem de determinados eventos nas suas próprias existências.

A escassez de reflexão sobre o mídia rádio é sempre referida nas produções acadêmicas que analisam o veículo. Responsável pela inauguração da indústria cultural no país e instrumento de consolidação de uma sociedade de consumo de massa que se desenha a partir da década de 50, o rádio é a expressão do gosto popular. Aí estaria – acreditam alguns – a fonte do esquecimento do veículo. Canclini observa que “o rádio em todos os países latino-americanos levou à cena a linguagem e os mitemas do povo que quase nunca a pintura, a narrativa nem a música dominantes incorporavam”³³.

O pesquisador Ruben Oliven, inspirado nos frankfurtianos, para quem o olho representava a forma da sensibilidade moderna, enquanto o ouvido representava a arcaica, observa que “há uma tendência de considerar a oralidade como uma sobrevivência cultural que nos foi legada pelos primórdios da humanidade e a ser superada com o progresso da ciência e principalmente com a universalização da alfabetização”³⁴.

O historiador Eric Hobsbawm, ao tratar das artes em seu percurso sobre o que chamou de o breve século XX, faz referências à influência do rádio no cotidiano da sociedade ocidental, pontuando uma série de transformações provocadas pela presença deste veículo de comunicação no dia-a-dia das pessoas. É sintomático como o historiador relaciona o veículo aos pobres, como se o rádio fosse uso exclusivo das classes populares:

(...) o rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em sons estava agora ao alcance deles. Surpreende, portanto, que um veículo desconhecido, quando a Primeira Guerra acabou, houvesse conquistado 10 milhões de lares nos EUA nos

³³ CANCLINI, Néstor García. Op. Cit., p.263.

³⁴ OLIVEM, Ruben George. *Nas bocas – a oralidade nos tempos modernos*. In: *Sistemas de comunicação e identidades na América Latina*. Porto Alegre: Edipucrs-Intercom, 1993, p.61-64.

anos da quebra da Bolsa, mais de 27 milhões em 1939 e mais de 40 milhões em 1950³⁵?

Presente, hoje, em 98% das residências brasileiras, o rádio foi na década de 50 o que poderíamos chamar de porta-voz da modernidade brasileira. Criou hábitos, reatualizou tradições, iniciou o país no processo de construção de uma sociedade de consumo de massa, que se consolidaria décadas depois. Assim, a relação entre rádio e cotidiano é um lugar privilegiado e obrigatório de observação para compreender as razões desta nova realidade brasileira que se conforma.

Quando nos referimos à modernidade, fazemos no sentido adotado por Marshall Berman³⁶, que define a modernidade como etapa histórica, a modernização como processo sócio-econômico e político que vai construindo a modernidade, e os modernismos como projetos culturais relacionados à arte, cultura e sensibilidade. Da reflexão de Berman sobre a modernidade, gostaria de reter o sentido paradoxal e contraditório que ela incorpora:

(...) Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar.”³⁷

A análise que desenvolvi nesta pesquisa se colocou na perspectiva dos estudos culturais, longe da tradição frankfurtiana, que ainda domina alguns estudos da mídia. Afastando-me – como nos sugere Chartier - da idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto e único³⁸, chego aos estudos das práticas culturais, reconhecendo-as como formas diferenciadas de interpretação. Aqui, recorro a Michel de Certeau e seu conceito de fabricação:

A fabricação que se quer detectar é uma produção, uma poética³⁹ - mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas

³⁵ HOBBSBAWM, ERIC J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo. Cia. das Letras, 1995.p.194.

³⁶ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1986.

³⁷ BERMAN, Marshall. Op. Cit., p.15.

³⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p.27

³⁹ Do grego *poiein*, no sentido de criar, inventar, gerar.

pelos sistemas de produção (televisiva, urbanística, comercial etc) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular corresponde outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao tempo ela se insinua ubiqüamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma econômica dominante ⁴⁰.

Certeau nos atualiza sobre a capacidade de reapropriação do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural, quando diz que “as maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou dos “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política e que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”⁴¹.

Esta pesquisa trabalhou as novas relações de sociabilidade que se estabeleceram em Fortaleza, a partir da interferência do *mídia* rádio no cotidiano da cidade, no sentido ainda de que esta experiência se dá como acredita Canclini:

As tecnologias comunicativas e a reorganização da indústria cultural não substituem as tradições nem massificam homogeneamente, mas transformam as condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade. Propõe outro vínculo da cultura com o território, do local com o internacional, outros códigos de identificação das experiências, de decifração de seus significados e modos de compartilhá-los. Reorganizam as relações de dramatização e sensibilidade com o real.⁴²

Numa instigante reflexão sobre as transformações da tradição e as novas possibilidades de sociabilidade no mundo mediado, pergunta-nos John B. Thompson,

Num mundo onde a capacidade de experimentar não está mais unicamente ligada à atividade do encontro, como as pessoas podem relacionar experiências mediadas aos contextos práticos da vida cotidiana? Como se podem relacionar com eventos que acontecem em locais distantes dos contextos em que vivem, e como podem assimilar a experiência de acontecimentos numa trajetória coerente de vida, que devem construir para si mesmos ⁴³?

⁴⁰ CERTEAU, Michel. Op. Cit., p.39

⁴¹ Id. Ibidem., p.38.

⁴² CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit., p.263.

⁴³ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1998, p.182.

O nosso trabalho teve também como objetivo investigar estas novas articulações do cotidiano de Fortaleza, identificando as práticas culturais que se estabeleceram na cidade num período em que o rádio inaugura um novo curso nos acontecimentos, transformando as formas de intercâmbio simbólico da cidade.

Parcialmente iniciada no Ceará com a inauguração da rádio de maio de 1934, data da assinatura da portaria 415, deu o funcionamento da emissora. Meses antes, há o episódio de rádio feita no estado, por ocasião da Hora, em 31 de dezembro de 1933, na Praça do Soriano Aderaldo diz que "a primeira transmissão e estúdios da Casa Dummar, nos altos da atual sede dos receptores fixados no referido monumento (Coluna) a não mais de 200 metros de distância"⁴⁴.

A rádio de madeira falante localizada em lugar nobre da sala de estar, segundo o cronista Raimundo de Menezes, chegou ao Ceará ainda em 1922, por obra e graça do rádio-amador cearense Clóvis Meton de Alencar que, depois de ter participado da primeira transmissão oficial do Brasil, em 1922, realizada no Rio de Janeiro, nas dependências da Exposição Nacional, quando das festas de comemoração do Centenário da Independência do país, lançou-se na aventura de montar um aparelho nas mãos, peças avulsas e um manual francês, que ensinava a montar o rádio-receptor. Menezes relata o que seria a ocasião de funcionamento do primeiro aparelho de rádio no Ceará:

E naquele dia 4 de outubro (1922), com um grupo de amigos, Clóvis conseguiu, a tantas horas da noite, ouvir, com perfeita nitidez uma audição irradiada do Rio pela estação, então em experiência no Corcovado, que era a Rádio Clube do Brasil. Foi grande a satisfação que sentiram todos, principalmente Clóvis Meton, que era a primeira pessoa que tinha ouvido radiotelegrafia, não só em Fortaleza como em todo o Norte do Brasil⁴⁵.

⁴⁴ ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. 2 ed. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1995, p. 43.

⁴⁵ MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edições Damócrito Rocha, 2000, p. 147-148.

CAPÍTULO 2

A RADIODIFUSÃO NO CEARÁ

A radiodifusão foi oficialmente iniciada no Ceará com a inauguração da Ceará Rádio Clube, em 30 de maio de 1934, data da assinatura da portaria 415 do governo federal, que liberou o funcionamento da emissora. Meses antes, há o registro da primeira transmissão de rádio feita no estado, por ocasião da inauguração da Coluna da Hora, em 31 de dezembro de 1933, na Praça do Ferreira. O cronista Mozart Soriano Aderaldo diz que “a primeira transmissão radiofônica foi realizada nos estúdios da Casa Dummar, nos altos da atual sede da Cimaipinto, para aparelhos receptores fixados no referido monumento (Coluna da Hora) do centro da Praça, a não mais de 200 metros de distância”⁴⁴.

A novidade da caixa de madeira falante localizada em lugar nobre da sala de estar, segundo o cronista Raimundo de Menezes, chegou ao Ceará ainda em 1922, por obra e graça do rádio-amador cearense Clóvis Meton de Alencar que, depois de ter participado da primeira transmissão oficial do Brasil, em 1922, realizada no Rio de Janeiro, nas dependências da Exposição Nacional, quando das festas de comemoração do Centenário da Independência do país, lançou-se na aventura de montar um aparelho: nas mãos, peças avulsas e um manual francês, que ensinava a montar o rádio-receptor. Menezes relata o que seria a ocasião de funcionamento do primeiro aparelho de rádio no Ceará:

E naquele dia 4 de outubro (1922), com um grupo de amigos, Clóvis conseguiu, a tantas horas da noite, ouvir, com perfeita nitidez uma audição irradiada do Rio pela estação, então em experiência no Corcovado, que era a Rádio Clube do Brasil. Foi grande a satisfação que sentiram todos, principalmente Clóvis Meton, que era a primeira pessoa que tinha ouvido radiotelefonia, não só em Fortaleza como em todo o Norte do Brasil⁴⁵.

⁴⁴ ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. 2 ed. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993, p.43.

⁴⁵ MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 147-148.

Mas a inauguração da primeira emissora de rádio no estado ocorreu doze anos depois deste momento. O empresário João Dummar foi o responsável pelo empreendimento⁴⁶, cujas atividades iniciais deram-se através da fundação, em 28 de agosto de 1931, de uma sociedade civil, o Ceará Rádio Clube, envolvendo rádio-amadores, cujo objetivo principal era instalar uma estação emissora de onda longa, autorizada pelo governo. O grupo, além de Dummar, era formado, entre outros, por Francisco Aprígio Riquet Nogueira, Clóvis Fontenele, Jorge Ottoch, Joaquim da Silveira Marinho, Eusébio Nery Alves de Sousa⁴⁷.

A chegada da primeira estação de rádio encontra uma Fortaleza com cerca de 100 mil habitantes vivenciando um cotidiano de cidade do interior. As compras se davam em bodegas, o lazer infantil ficava em torno das brincadeiras de roda e do jogo da amarelinha. A cidade dormia às 9 horas da noite, depois que as famílias recolhiam as cadeiras que se estendiam em seqüência nas calçadas. No dia seguinte, logo às 6 horas, já estava de pé, café tomado⁴⁸.

São os hábitos simples de uma gente do interior, marcas evidentes de uma cidade cujas rotinas são resultado de um encontro entre as culturas do sertão e do litoral.

As marcas da simbiose entre sertão e litoral são evidentes em Fortaleza. Tal simbiose forjou uma cidade litorânea, possuidora de uma alma sertaneja, cidade, que por ser assinalada por um imaginário fortemente interiorano, se volta para o interior, esquecendo parcialmente o litoral⁴⁹.

Esta convivência de Fortaleza com o sertão só se modifica mais fortemente pós-anos 40, quando a cidade se volta para o mar, a partir da interiorização por parte das classes abastadas de práticas marítimas de lazer, como os períodos de veraneio e os banhos de mar.⁵⁰ Até então, o hábito das

⁴⁶ FILHO, João Dummar. *João Dummar, um pioneiro do rádio*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha. 2004

⁴⁷ CAMPOS, Eduardo. *História da Ceará Rádio Clube*. Fortaleza. 1994, p.7.

⁴⁸ COLARES, Otacílio. *Crônicas da Fortaleza e do Siará grande*. Fortaleza: Edições UFC/PMF. 1980.

⁴⁹ DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e do Desporto do Ceará, 2002, p.42.

⁵⁰ LINHARES, Paulo. *Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral do Nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1992, p. 200-201.

cadeiras das calçadas, hoje ainda visto em alguns bairros mais afastados da periferia de Fortaleza, pontuava como lugar especial de encontros.

A necessidade do trato social, já que os clubes mingtavam e eram fechados, não havia **rádio** e muito menos televisão, tudo isso obrigando as cadeiras a saírem pelas calçadas, arrumadas de modo a estabelecer a fácil conversa dos compadres vizinhos, tudo amenizado pela brisa, sempre corrente, após o rigor do sol⁵¹.

É esta cidade que recebe a radiodifusão, que, a exemplo do que ocorreu no restante do país, inicia-se com a marca dos ideários de Roquete Pinto, fundador da primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, que se tornou referência para as demais emissoras que surgiram. Antropólogo, etnólogo e escritor, Roquette Pinto, no início dos anos 20, era um defensor da necessidade de transmitir educação e cultura aos brasileiros espalhados por todo o país⁵². A Ceará Rádio Clube, carinhosamente apelidada de PRE 9, prioriza, assim, no primeiro momento, a transmissão de música clássica, utilizando o acervo dos próprios ouvintes. Nesta primeira fase, o rádio se mantinha com mensalidades pagas por ouvintes que possuíam aparelhos receptores, com doações eventuais e com anúncios, cuja criação ainda se dava de forma bastante incipiente.

A prática de utilização de discos dos ouvintes é identificada, no Ceará, durante anos. Ainda no final da década de 50, quando os principais jornais da cidade já reservavam colunas especializadas em rádio, divulgando a programação diária das emissoras e as “fococas” das “estrelas”, a exemplo do que ocorre atualmente com a televisão, a *Rondas do Rádio*, assinada pelo colunista Melé, pede “aos ouvintes ‘discófilos’ que enviem discos antigos, para facilitar a tarefa de fazer o programa *Encontro com a palavra*”⁵³.

Apesar da febre que contaminou o Brasil, transformando o rádio num veículo de massa, especialmente na virada dos 40/50, a radiodifusão tem uma origem nobre, reunindo, na maioria das vezes, intelectuais e/ou homens de negócios, em “clubes” ou “sociedades”, com a atividade se organizando basicamente

⁵¹ COLARES, Otacílio. Op. Cit., p. 86. O grifo da citação é meu.

⁵² MOREIRA, Sônia Virgínia. O rádio no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000, p.21.

⁵³ O POVO, 27/03/58, p.5.

em termos não comerciais. A novidade tecnológica custa caro e, nos primeiros tempos do rádio, somente alguns privilegiados tinham acesso aos aparelhos receptores. O radialista Narcélio Limaverde, uma das mais importantes referências da “era de ouro” do rádio, até hoje em exercício no mercado, discorre sobre o *status* social, conferido aos proprietários das últimas novidades da sociedade de consumo que recém se instalava na cidade. Entre elas, o rádio.

Na Imperador quem tinha carro era rico. Menos rico já possuía uma Frigidaire, primeira marca de geladeira aparecida na rua. Tempo do Osterizer, pioneiro como liquidificador. Rádio era para remediado. Na minha casa, por exemplo, tinha um Philco de mostrador, ou dial, bem pequenininho, um orgulho para a família. Pegava até a Rádio Nacional e a BBC de Londres.⁵⁴

Em Fortaleza, poucos tinham o aparelho, disseminando-se a partir daí a figura do rádio-vizinho, que caracteriza a prática de as pessoas reunirem-se nas casas dos vizinhos proprietários do aparelho. Alguns estabelecimentos comerciais também mantinham aparelhos de rádio ligados para atrair fregueses.

A cena se passa em Beberibe, interior do estado, num dia qualquer dos tumultuados anos da segunda grande guerra, mas poderia se passar em qualquer outra cidade do país. No final do dia, os homens se reuniam, os cabelos ainda molhados do banho, em frente ao receptor, que ficava num nicho vazado da parede, na mercearia do senhor Milton Moreira. O garoto ficava a contemplar “aquela caixa de madeira que tinha um homem falando dentro”, com muitas pessoas ansiosas em saber as últimas notícias do conflito. O garoto era o memorialista Marciano Lopes, que lembra o fascínio que o rádio produzia nas pessoas.

Naqueles idos, rádio era preciosidade e privilégio de poucas pessoas, da mesma forma que os carros e as geladeiras, que vinham do estrangeiro. (...) Foi com a morte do meu pai e a mudança para Fortaleza, que passei a integrar o rol dos privilegiados, pois na casa da minha família, na Avenida do Imperador, tinha um grande e belo rádio, ou aparelho receptor, que estava colado sobre uma toalha bordada. Ali a família se reunia todas às noites em torno do rádio.⁵⁵

⁵⁴ LIMAVERDE, Narcélio. *Fortaleza, história e estórias – memórias de uma cidade*. Fortaleza: Edições ABC Fortaleza, 1999, p.15.

⁵⁵ LOPES, Marciano. *Coisas que o tempo levou: a era do rádio no Ceará*. 1ª edição, Fortaleza. Gráfica VT, 1994, p.14.

O crescimento do rádio no país foi lento, em sua primeira época, por causa das dificuldades técnicas e da relação com o estado. A legislação brasileira foi rigorosa, e somente a partir dos anos 30 o governo mostra preocupar-se seriamente com o novo mídia, que definia “como ‘serviço de interesse nacional e de finalidade educativa’, regulamentando o seu funcionamento e passando a imaginar maneiras de proporcionar-lhe bases econômicas sólidas”⁵⁶.

Somente em 1932, uma década depois da primeira transmissão, o rádio recebeu autorização oficial para veiculação de anúncios, através do decreto-lei 21.111, que os limitava a 10% da programação do rádio. Nesta época, o Brasil adotou o modelo de radiodifusão norte-americano e passou a distribuir concessões de canais a particulares, fato que ajudou a reforçar a exploração comercial do veículo. No ano de 1952, a participação publicitária foi elevada para 20% da programação.

Durante os primeiros anos do rádio do Ceará, a pioneira PRE9 dominou sozinha o mercado e marcou época na história da radiodifusão cearense. A socióloga Linda Gondim observa o cenário:

Nessa época, ocorreu uma transformação nos hábitos de lazer da cidade, com a intensificação da frequência aos cinemas e aos programas de auditório da Ceará Rádio Clube, inaugurada em 1934. A música tinha lugar de destaque em ambos: os temas dos musicais e as trilhas sonoras dos melodramas produzidos em Hollywood eram incorporados ao repertório dos artistas locais.⁵⁷

A Ceará Rádio Clube, que em 1944 passa para as mãos dos Diários Associados, no rastro da construção do império de Assis Chateaubriand⁵⁸, deu o tom da “era de ouro” do rádio cearense. O processo de compra da emissora pelos Associados foi envolvido por muita polêmica, marca da personalidade de Chateaubriand. A cidade, durante meses, girou em torno dos boatos sobre uma suposta comunicação da emissora com os alemães, colocando sob suspeita o maestro italiano Ercole Vareto, acusado de espionagem. Esclarecidas ou não as

⁵⁶ ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação do rádio: os grupos de poder e a determinação do conteúdo*. São Paulo: Editora Summus, 1985, p.82.

⁵⁷ GONDIM, Linda M.P. *Uma dama da belle époque de Fortaleza: Maria de Lourdes H. Gondim – ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001, p. 56.

⁵⁸ MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil - a vida de Assis Chateaubriand*. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

dúvidas, o fato é que o maestro foi demitido pela emissora. Mas a pressão a que foi submetida a rádio teria levado o empresário João Dummar a vender a emissora aos Diários Associados⁵⁹.

Para o escritor e radialista Eduardo Campos⁶⁰, que entrou na emissora em 1944, depois de vencer o primeiro concurso de radioteatro, com o trabalho *O processo de Maria Antonieta*, reafirma o caráter de pioneirismo da emissora. Ele diz que a Ceará Rádio Clube fez escola formando as primeiras gerações de profissionais de rádio do estado. A exemplo do que aconteceu no restante do país, os primeiros anos foram de amadorismo, com os profissionais aprendendo na labuta, o mesmo processo que se repetiria na chegada da televisão, nos anos 60.

A música foi o principal conteúdo da programação dos primeiros anos da rádio. Descrevendo a Fortaleza da época, Otacílio Colares narra:

Era, quando, tirante as sessões “colosso” e “gigante”, dos popularíssimos cinemas centrais, Magestic e Moderno (...) só restava, para encompridar a hora de recolher-se à casa, o recurso dos longos papos às mesas de cafés, que os havia às dezenas, à roda e nas proximidades da Praça do Ferreira. Nesses cafés, de freqüência variada, lá estavam os pequenos rádio-receptores, todos em mógo, geralmente com as caixas em forma ogival, em catoneiras no geral de mármore ao alcance apenas da sintonia do proprietário, na transmissão das vozes, então máximo, de Vicente Celestino, Sílvio Vieira, Augusto Calheiros: valsas, canções, cançonetas, foxes bem marcados, sambas de Noel e choros de Pixinguinha e Benedito Lacerda. Isso sem esquecer Carmem e Aurora Miranda que despontavam gloriosamente. Não sendo de esquecer os programas de música erudita, com apresentações, se não me engano, redigidas por Audifax Mendes, que música selecionada era passatempo de uma elite social em cujas residências solarengas havia piano como instrumento e não como puro móvel ornamental.⁶¹

As transmissões incluíam valsas, choros, canções, nas vozes dos ídolos da época, como Vicente Celestino, Alberto Perroni, Sílvio Caldas, Francisco Alves e Orlando Silva. Este último esteve em Fortaleza por ocasião da festa de transferência dos estúdios da Ceará Rádio Clube do bairro das Damas para o

⁵⁹ DUMMAR FILHO, JOÃO. João Dummar, um pioneiro do rádio. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2004. P. 72.

⁶⁰ Entrevista concedida à pesquisa.

⁶¹ Apud CAMPOS, Eduardo. Op. Cit., p. 9.

Edifício Diogo, em 1941. O clima na rua era de excitação:

Pela primeira vez, em Fortaleza, a polícia teve de tomar medidas especiais para proteger o artista em seu desembarque, tendo bloqueado o acesso ao aeroporto, para onde convergia incalculável número de curiosos, que começavam a se identificar como fãs ⁶².

Eram os primeiros sinais de uma cultura de massa que começava a se enredar no cotidiano da cidade, transformando-se, a exemplo do cinema, numa verdadeira fábrica de ídolos, a indústria que produz vedetes em série, num espaço em que realidade e imaginário se confundem, conformando – nas palavras de Morin – a síntese do “olimpico” moderno. “No encontro do ímpeto do imaginário para o real e do real para o imaginário, situam-se as vedetes da grande imprensa, os olímpicos modernos”⁶³. Considerando este “olimpico” o produto mais original dos primeiros tempos da cultura de massa, Edgar Morin explicita a conexão da cultura de massa com o cotidiano das pessoas, naquilo que definiu de “vasos comunicantes”. É nesta conjugação entre a vida cotidiana e o sentido mitológico, personificado pelos olímpicos modernos, que a cultura de massa mergulha definitivamente na vida do homem comum.

Fazendo vedete de tudo que pode ser comovente, sensacional, excepcional, a imprensa de massa faz vedete de tudo que diz respeito às próprias vedetes: suas conversas, beijos, confidências, disputas, são transmitidas através dos artigos falatórios, flashes, como se o leitor fosse o *voyeur* de um grande espetáculo, de um super-show permanente ⁶⁴.

Os primeiros personagens da corte do rádio eram do eixo Rio - São Paulo, que nos chegavam através dos discos e dos programas de auditório. Mas o processo de consolidação do rádio no Ceará produziu seus próprios olímpicos que circulavam como estrelas na cidade. João Ramos, Laura Santos, Narcélio Limaverde, Ayla Maria, Keyla Vidigal integravam uma longa lista de personagens, que passaram a freqüentar as colunas do jornal e o boca a boca da cidade. A carreira da cantora Ayla Maria, por exemplo, foi acompanhada de perto pelo público. As apresentações da artista no programa do César de Alencar, no Rio de

⁶² CAMPOS, Eduardo. Op.Cit.

⁶³ MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX – o espírito do tempo*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1975, p.91.

⁶⁴ Id. Ibidem., p.91.

Janeiro; a gravação do sucesso *Babalu*; o casamento com o apresentador Armando Vasconcelos, que comandava o programa de bastante sucesso *Fim de semana na Taba*, na rádio Iracema⁶⁵, ocupavam as conversas das praças. “Ayla Maria vai deixar o rádio” – anunciava mais uma vez a imprensa⁶⁶, dando conta da festa de despedida que a Rádio Iracema realizaria.

Os profissionais do rádio ganhavam cada dia mais reconhecimento da cidade, que lhes conferia prestígio, através de deferências especiais. A festa de inauguração do Cine São Luiz foi uma ocasião destas. A Empresa Severiano Ribeiro planejou uma sessão especial do filme *Suplício de uma saudade*, apresentando a nova sala de cinema especialmente para os profissionais de rádio. A coluna *Rádio Steve* registra o evento:

À tarde de segunda-feira, por uma deferência especial da direção da Empresa Ribeiro, os radialistas cearenses tiveram a oportunidade de conhecer as luxuosas instalações da mais moderna casa de espetáculos cinematográficos do Brasil. (...) Os radialistas tiveram a oportunidade de ver a película *Suplício de uma saudade*, película famosa que deixou os homens do rádio satisfeitos. Steve parabeniza, ao mesmo tempo em que, em nome dos radialistas, agradece a gentileza⁶⁷.

A *Folha do Rádio*, publicação especializada no novo mídia, contribuía para fortalecer o culto dos novos ídolos e funcionou como a mais expressiva instância de reconhecimento dos profissionais do rádio. Editada pelo casal Ciro e Neuza Colares, a *Folha* circulou pela primeira vez em 15 de julho de 1953 e permaneceu no mercado até 1962. A escolha dos melhores do rádio anualmente era feita através de eleição direta de que participam os fãs, mobilizando a cidade. A repercussão do concurso era tanta na cidade, que em 1959 o então governador Parsifal Barroso abriu as portas do Palácio da Luz, sede do governo, para homenagear os escolhidos⁶⁸.

A capa da revista era sempre esperada. A primeira causou bastante polêmica, pois trazia a radioatriz negra Celina Maria, da Rádio Iracema⁶⁹.

⁶⁵ A rádio Iracema foi a segunda emissora inaugurada no Ceará, em 09 de outubro de 1948.

⁶⁶ Jornal O Povo, 06/01/58, p. 05.

⁶⁷ Jornal Unitário, 26/05/58, p. 08.

⁶⁸ Folha do Rádio, 11/1959.

⁶⁹ Depoimento de Neuza Colares à pesquisa.

A publicação (Foto 1) basicamente falava sobre o dia-a-dia dos profissionais de rádio, com colunas de pingue-pongue, que incluía as tradicionais perguntas, comuns até hoje nas revistas de televisão: “o que você mais admira nas mulheres?”, “qual o sabonete que você usa?”. Narcélio Limaverde lembra que as fotografias eram tiradas, imitando poses dos artistas americanos. “Em uma das fotos que tirei no Esdras, apareci com um cigarro, como os artistas americanos. O detalhe é que eu nunca fumei na vida”, diz o radialista. O radioator João Ramos, galã da Ceará Rádio Clube, ganha a capa de agosto de 1960 e posa com ares de Clark Gable (Foto 2).

Em setembro de 1959, a revista traz uma interessante enquete que nos sinaliza sobre o comportamento feminino da época. *A Folha do Rádio* dirigiu a treze mulheres radialistas a seguinte pergunta: *Você acha que mulher deve jogar futebol?* Apenas duas mulheres do grupo de entrevistadas responderam que sim: Neide Maia e Carla Peixoto. As demais se declararam contrárias à prática do esporte, alegando que o futebol era grosseiro para mulheres. Do lado das fotos das entrevistas, dois sugestivos anúncios para o público feminino: do sabonete *Sigel* – o suave perfume de seu banho, e do *Ventre-San*, remédio para prisão de ventre das parturientes ⁷⁰.

Os programas de rádio, especialmente os de auditório, as radionovelas, as grandes campanhas de assistência criaram novas demandas culturais em Fortaleza, provocando novas formas de sociabilidade. Com a regulamentação da publicidade, que passa a ser incluída na programação radiofônica, abrindo o caminho para a profissionalização, o rádio funciona como veículo que dissemina novos hábitos de consumo, novas práticas culturais na cidade. Através dos anúncios publicitários veiculadas pelo rádio, produzidos no eixo Rio de Janeiro - São Paulo e distribuídas para todo o Brasil, a cidade entrou em contato com produtos das multinacionais que cancelavam as novelas radiofônicas, imprimindo novos hábitos à população. O Rádio Teatro Colgate-Palmolive e o Romance Kolinos, ambos da rádio Uirapuru, são exemplos disto.

⁷⁰ Folha do Rádio, 09/1959, p.17-18.

A presença dos famosos *reclames* na programação das rádios foi motivo de algumas polêmicas na cidade. Dom Antônio Almeida Lustosa, o rigoroso arcebispo de Fortaleza, chegou a mandar cartas para a redação da Ceará Rádio Clube, reclamando da veiculação de comerciais durante o programa *A hora da Prece*, apresentado por José Limaverde, definindo como “heresia” a atitude da emissora. A coluna especializada *Rondas do Rádio* expressa o incômodo com o número de anúncios veiculados no programa *Coisas que o tempo levou*, apresentado pelo mesmo José Limaverde.

Antigamente com apenas dois patrocinadores, o programa agora tem não menos que oito. O rádio-ouvinte fica no pé do rádio, esperando ouvir músicas e somente anúncios saem pelo auto-falante. Seu público é numeroso, porém cuidado para não perdê-lo. Um dia a casa cai” – alerta o colunista Melé.⁷¹

Fortaleza adquiri um novo referencial para a medição do tempo, com a cidade passando a se movimentar em torno dos horários da programação radiofônica. A crônica *A nossa palavra*, escrita por Blanchard Girão, parava a cidade diariamente, às 12h30min, no dial da Rádio Dragão do Mar, enquanto o *A hora da prece*, de José Limaverde, fazia Fortaleza rezar, às 18 horas, sintonizando a Ceará Rádio Clube. São novas reordenações do tempo e da rotina que a cidade passa a viver, características que nos chegam com o processo de mediatização que se radicalizou no país com a consolidação do rádio, a partir dos anos 50. John B. Thompson nos atualiza sobre a questão:

Quando os indivíduos usam os meios de comunicação, eles entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face, que caracterizam a maioria dos nossos encontros quotidianos. (...) De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas formas de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum.⁷²

Algumas novas práticas culturais se estabeleceram na cidade, a partir da convivência com o novo veículo. Um dos programas de maior audiência era o *Bazar da Música*, comandado pelo escritor Eduardo Campos, aos domingos, na

⁷¹ O POVO, 28/03/58, p.5.

⁷² THOMPSON, J.B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998, p.14.

Ceará Rádio Clube. Os jovens se reuniam em casa, para ouvir a boa música do programa, funcionando estes encontros como uma festa dançante. A marcação do encontro se fazia com um convite para um *bazar*. Durante a semana, os pedidos de cartas dos ouvintes ajudavam a formatar o programa. Observa-se, portanto, que a assimilação de novas práticas se davam, através de uma apropriação do conteúdo dos meios de comunicação, numa operação que Certeau nominou de “poética”.

A apropriação dos conteúdos do rádio geravam novas formas de compartilhar as experiências coletivas. As atuais celebrações eletrônicas dos ritos religiosos, por exemplo, são sucedâneos das orações pelo rádio, que ocupavam espaços generosos na programação radiofônica, como o *A hora da Prece*, de José Limaverde, na Ceará Rádio Clube. Ao invés do tradicional terço, que reunia as famílias na sala, comandados normalmente pelas donas de casa, as orações passaram a contar com um novo fio condutor: a voz do locutor. Os programas de auditório foram por longos anos a opção de lazer mais concorrida da cidade. O encontro cara a cara com o ídolo concretizava o círculo de sensações, que se iniciava com a radiodifusão, percorria as páginas dos impressos e chegava ao seu clímax nas apresentações ao vivo dos artistas.

Mas as radionovelas, responsáveis pelas maiores audiências alcançadas, são consideradas a expressão maior do veículo. Elas consagram a “porção mágica” que caracteriza a cultura de massa: a mistura dos “elementos da paixão, da morte e do destino, na vida do leitor/ouvinte, que domina as extremas virulências de suas paixões, proíbe seus instintos e se abriga contra os perigos”.⁷³ *Aos pés do tirano* foi a primeira radionovela cearense levada ao ar, no final dos 40, escrita por Eduardo Campos, diretor-artístico da emissora e um dos mais produtivos criadores de conteúdo para o rádio. A novela foi reproduzida em muitos estados nordestinos. O Ceará segue o Brasil noveleiro, que lançou sua primeira radionovela, em 1941, *Em busca da Felicidade*, levada ao ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. uma adaptação de Gilberto Martins da novela cubana de Leandro Blanco.

⁷³ MORIN, Edgar. Op. Cit., p. 86.

No Ceará, a exemplo do que ocorreu no restante do país, a novela passou a ser o principal programa de lazer da população, especialmente das donas de casa. Inspirada, segundo Renato Ortiz⁷⁴, nas *soap-operas* americanas, o gênero é cubano e contaminou toda a América Latina. Para Barbero, a popularização do rádio deve ser atribuída “a um processo que liga o rádio com uma longa e vasta tradição de expressões da cultura popular”⁷⁵. Assim como a Argentina, por exemplo – que apesar da tradição literária, vivencia uma popularização extraordinária do veículo, na primeira década de implantação⁷⁶ –, o Brasil faz do meio radiofônico um espaço de continuidade entre as tradições populares e a cultura de massa.

Na década de 40, no Ceará, observam-se programas com explícitos conteúdos da tradição popular. Foram apresentados pela primeira vez os violeiros cearenses, às quartas-feiras, no programa *Paisagem Sertaneja*, produzido por Eduardo Campos, na Ceará Rádio Clube. O veículo que nascera elitista passa a incorporar em sua programação o gosto popular, num processo sobre o qual o historiador Carl Ginsburg nos ajuda a refletir com o seu conceito de *circularidade cultural*, “uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante”.⁷⁷ A constatação contraria a ênfase dada ao poder de apropriação das chamadas culturas dominantes e à existência de “uma cultura popular pura”, reafirmando a tese da permutação de influências entre as diversas culturas.

Durante mais de uma década, a Ceará Rádio Clube liderou sozinha o mercado. Funcionou como o mais evidente símbolo da modernidade no estado. “Um microfone que ajudou o progresso de Fortaleza! Desde de 1934, a mensagem da indústria e do comércio é dirigida pelo microfone da Ceará Rádio Clube” (Foto 3) – dizia os anúncios publicados nos jornais da época. Com a falta

⁷⁴ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 44-45.

⁷⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2001, p.247.

⁷⁶ A Argentina possuía em cerca de mil aparelhos transmissores em 1922. Em 1936, este número já chegava a um milhão e meio.

⁷⁷ GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo. Cia. das Letras, 1999, p.24 .

de concorrência, não era rara a suspensão das transmissões da rádio. O locutor anunciava a parada da programação, marcando hora para a reabertura dos microfones: “senhores ouvintes, suspendemos nossa programação, mas logo mais às 18 horas” – costumava anunciar a PRE9 na voz de José Limaverde.

A Rádio Iracema entra no ar em 9 de outubro de 1948, fundada pelos irmãos José e Flávio Parente, associados a José Josino da Costa, iniciando o que seria a primeira guerra por audiência no Ceará. A entrada de uma nova emissora movimentou a cidade. Apesar de o IBOPE ter iniciado as primeiras pesquisas de audiência em 1942, as duas décadas iniciais da radiodifusão no Ceará não foram consultadas, restringindo-se a ação do Instituto aos grandes centros, chegando no Nordeste até Recife. A concorrência entre a PRE9 e a Iracema só pode ser medida por observações empíricas. Sabe-se que, apesar do acirramento do mercado, a Ceará Rádio Clube manteve-se na frente, com sua liderança sendo ameaçada mais fortemente com a chegada da Dragão do Mar, no final da década de 50⁷⁸.

Informações que sugerem o alcance da Ceará Rádio Clube são as identificadas pela *Publicidade e Negócios*, referente ao número de cartas que chegavam a seus estúdios e a resposta que o público dava às campanhas sociais, desenvolvidas pela emissora, como se observa em revistas da época.

A Loteria Estadual do Ceará, que mantinha agentes em 79 municípios cearenses, costumava telegrafar a todos, comunicando o resultado do sorteio. Logo após ter sido iniciada a transmissão pela PRE9 dos sorteios, todos os agentes dispensaram os serviços telegráficos, em virtude de ouvirem nitidamente as transmissões da Ceará Rádio Clube. Será necessário maior prova de que a PRE9 (ondas médias) cobre todo o território do Ceará⁷⁹?

Os irmãos Parente entraram no negócio por influência de políticos do PSD, que garantiram a liberação da concessão. O empresário Flávio Parente, envolvido em vários setores de comércio, confessa que a rádio ocupava o maior tempo da rotina de trabalho da dupla. Ele reforça o caráter amadorístico com que se conduzia a equipe, lembrando que a emissora nunca rendeu dinheiro suficiente

⁷⁸ A Dragão do Mar entrou no ar em 25 de março de 1958.

⁷⁹ Revista *Publicidade e Negócios*, 05/1949, p.39.

para se manter com tranqüilidade. Parente lembra que demorou bastante para que os empresários do estado dessem credibilidade ao novo veículo. “Todos eram amigos e anunciavam para cooperar. Depois é que houve uma profissionalização”⁸⁰.

Amadorismo à parte, a Iracema foi responsável por intensas movimentações na cidade, especialmente através de programas como *Fim de semana na Taba*, *Doa a quem doer*, ambos comandados por Armando Vasconcelos. O *Programa Irapuan Lima* ocupava um lugar privilegiado na programação da rádio. Com imitações de Abelardo Barbosa, o Chacrinha, Irapuan *balançava a pança* e a concorrência. Foi um período de muitos shows dos cantores de projeção nacional. A passagem destes artistas por Fortaleza ganhou lugar cativo nas tradicionais rodas de conversas da Praça do Ferreira. Os freqüentadores da praça cruzavam apostas para saber quais das duas rádios traria mais artistas. Os shows eram realizados no próprio auditório das emissoras ou em clubes sociais, e no Theatro José de Alencar. Assim, o rádio incorpora-se aos espaços tradicionais de lazer da época, uma experiência de “reatualização das tradições, que com a relação com os meios de massa passam a ocupar novas ancoragens” – como observa Thompson.⁸¹

Numa articulação com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a mais importante da época, a Iracema seguia a rotina da emissora carioca, investindo em grandes shows e radionovelas. Os shows no Ceará eram comandados pelo apresentador César Alencar, um dos mais prestigiados animadores de programas do país. A expansão da rádio se seguiu, com a abertura de quatro emissoras no interior do Ceará, formando a *Rede Iracemista de Emissoras Cearenses*, nos municípios de Juazeiro do Norte, Sobral, Iguatu e Maranguape. A revista *Publicidade e Negócios* registra a inauguração da Rádio Iracema de Juazeiro e observa a influência da publicidade no interior dos sertões nordestinos:

A despeito de se localizar no fundo dos sertões cearenses, Juazeiro não é uma cidade isolada, mas de fácil acesso e de fácil distribuição de todas as mercadorias. Os produtos da Brahma e da Antártica estão lá em concorrência. Além das águas minerais locais, encontramos ali

⁸⁰ Entrevista concedida à pesquisa.

⁸¹ THOMPSON, John B. Op. Cit., p.165.

Salutaris e São Lourenço. As principais marcas de sabonete, pasta dental, medicamentos, produtos de toucador, que constituem o grosso dos produtos de distribuição nacional se encontram facilmente.⁸²

A distribuição do bolo publicitário, no início da radiodifusão no Ceará, era desigual. Integrando a rede nacional dos Diários Associados, a PRE9 tinha o controle quase total dos investimentos publicitários no estado. A distribuição da publicidade das multinacionais, por exemplo, era definida no eixo Rio-São Paulo, de onde vinham casados programação e anúncios publicitários. Em épocas de campanha eleitoral, o dinheiro entrava com a venda livre de espaços para os candidatos, momentos em que a arrecadação melhorava para as concorrentes.

Os dados abaixo da edição de número 96, de maio de 1949, da *Revista Publicidade e Negócios*⁸³, tradicional veículo carioca sobre mercado publicitário, mostram a evolução do volume de publicidade da Ceará Rádio Clube, na primeira década de funcionamento da emissora:

ANO	VOLUME TOTAL Cr \$	VOLUME LOCAL	VOLUME RIO-SP
1944/ 1945	1.600.503,00	1.260.485,80	340.017,20
1945/1946	2.190.713,80	1.658.740,10	531.973,70
1946/1947	2.611.230,20	1.859.343,40	751.886,80
1947/1948	3.108.527,10	2.352.502,30	756.024,80
1948/1949	3.896.497,70	3.100.865,80	794.631,90

⁸² Revista Publicidade e Negócio, 15/12/1951.

⁸³ Revista Publicidade e Negócio, 05/1949, p.39.

Os números mostram uma participação bastante expressiva dos anunciantes do Ceará e um crescimento lento das verbas de fora. O mercado de consumo interno do estado ainda era frágil, o que justifica a tímida participação de anunciantes de outras praças. Mas, para os especialistas da *Publicidade e Negócios*, este desempenho era um sintoma da confiança que a população tinha na emissora.

Observe-se que o aumento se tem verificado principalmente na publicidade local. É um salutar sintoma para a Ceará Rádio Clube. Uma demonstração da confiança que nela depositam os anunciantes locais, diretamente beneficiados pela propaganda que têm feito através de suas ondas. Tomam nota disso, as agências, departamentos e anunciantes do sul.⁸⁴

2.1. As grandes campanhas públicas

No final de década de 40, o rádio já fazia parte do cotidiano de Fortaleza, com uma participação bastante intensa. Nos muitos eventos da cidade, desde festas a tragédias, lá estava o veículo, mobilizando, denunciando, integrando-se na rotina diária da cidade. Neste período, a Ceará Rádio Clube inaugura um espaço que podemos definir – como Barbero o fez com a imprensa popular – “como instância de exercício da cidadania das massas urbanas”.⁸⁵ Nos momentos de impasse social, como na estiagem de 1958, ou nas enchentes de 60 do Jaguaribe, foi através do rádio que as populações se mobilizaram para cobrar direitos.

O discurso oficial dos proprietários das emissoras acentua a importância do veículo para a solução dos problemas sociais:

Vale ressaltar que desde cedo os que dirigiam a Ceará Rádio Clube perceberam a importância do rádio no trato dos problemas sociais, preocupação que se tornou um dos objetivos da empresa, na conquista de sua audiência e notoriedade. Seu primeiro movimento filantrópico foi a campanha em favor dos hansenianos, a atender o apelo do

⁸⁴ Id. Ibidem.

⁸⁵ MARTIN-BARBERO, Jesús. Obra Cit., p.25.

humanitário médico Antônio Justa, que sugeriu o Natal dos Lázaros, promoção que a emissora liderou por 38 anos” – afirma Eduardo Campos.⁸⁶

Campanhas como estas sucederam-se e serviram de modelo para as outras emissoras, como os movimentos em prol da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital de Psiquiatria São Vicente de Paula. O primeiro tornou-se emblemático, por conta da resposta que a população deu à campanha. Comandada pelo radialista Paulo Cabral, que mais tarde utilizaria sua visibilidade radiofônica para eleger-se prefeito de Fortaleza, em duas semanas a convocação para arrecadação de um milhão de cruzeiros foi superada.

O mais importante é que as contribuições foram, na sua quase totalidade, inteiramente populares. Poucas foram as contribuições vultosas, dadas por uma só pessoa ou instituição. Foi o povo que se apressou em tirar o dinheiro do pé de meia. Até dos leprosos de Maracanaú recebeu a Santa Casa sua contribuição. Os gazeteiros vinham dar os níqueis ganhos na penosa labuta. Fortaleza deu um comovente exemplo de solidariedade humana ...⁸⁷

Mais tarde, a arena radiofônica foi ocupada por outros embates. No final da década de 1950, a política partidária assumiu radicalmente o espaço e promoveu, através do rádio, os mais polêmicos debates políticos, especialmente com a chegada da Rádio Dragão do Mar ao mercado. Neste momento, em 25 de março de 1958, a cidade já tinha quatro emissoras⁸⁸, e a Rádio Dragão do Mar é inaugurada sob o guarda-chuva do Partido Social Democrata (PSD), com explícitos propósitos político-partidários. Nas eleições de 1958, a emissora protagonizou alguns dos fatos mais decisivos do pleito eleitoral. Este percurso será observado nos capítulos seguintes.

⁸⁶ LOPES, Marciano. Op. Cit., p.142.

⁸⁷ Revista Publicidade e Negócio, 05/1949, p.40.

⁸⁸ A Rádio Uirapuru (1956) e A Rádio Verdes Mares (1957).

Capítulo 3

LABAREDDAS NO AR: A DRAGÃO E A CIDADE

1958. Para muitos, o ano que não devia acabar. O jornalista carioca Joaquim Ferreira dos Santos⁸⁹ fez um mergulho no 58, ouviu dezenas de personagens da época, imergiu nas coleções de *O Cruzeiro*, ouviu velhos programas da Rádio Nacional, revisitou chanchadas da Atlântida, para concluir:

foi 58 que resumiu toda a felicidade de ser brasileiro no fim dos anos cinqüenta, vivendo sem militares no cangote e só se assustando, no máximo, com os óculos escuros do Ronaldo de Souza Castro, o assassino de Aída Curi⁹⁰.

1958 foi o ano em que o Brasil ganhou a Copa do Mundo na Suécia, Maria Ester Bueno venceu em Wimbledon, o DKW-Vemag saiu às ruas com 78% de suas peças feitas no país. Ferreira dos Santos lembra, com o entusiasmo dos anos 50:

Foi o ano em que o brasileiro percebeu que Brasília não seria mais uma daquelas maluquices de presidente, como a do general Eurico Gaspar Dutra, decretando na década anterior o fim do jogo. O Palácio da Alvorada estava com a fachada pronta e dava ótimas fotos na Manchete. O país via que agora era pra valer.⁹¹

Radicalizaram-se movimentos definitivos para a criação cultural do país, que já se desenhava no início da década com a criação, em 1953, do Teatro de Arena por alunos da Escola de Arte Dramática de São Paulo- ECAD. Os problemas brasileiros foram incluídos na pauta do teatro, que introduziu a discussão que incendiaria o mundo cultural na década seguinte: o teatro como arma política, um movimento cujo principal personagem foi Augusto Boal. A montagem da emblemática *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, incorporou a problemática do operário brasileiro ao texto teatral. José Celso Martinez Correa funda o *Grupo Oficina*, grande referência do novo teatro do Brasil. O ano foi o de 1958.

⁸⁹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958, o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

⁹⁰ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Op. Cit., p.16.

⁹¹ Id. Ibidem.

Ainda também em 58 o LP *Canção do amor demais* trouxe um desconhecido violonista acompanhando a cantora Elisete Cardoso na música *Chega de Saudade*, da dupla Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes. Neste mesmo ano, este mesmo violonista, o baiano João Gilberto, grava *Desafinado*, transformado hino de um novo movimento musical, a bossa nova, que revolucionou a tradição sambista brasileira, provocando polêmicas de natureza nacionalista, bem a gosto dos grandes embates que caracterizaram a política nacional do período.

Os nacionalistas mais radicais procuraram desclassificar a bossa nova enquanto manifestação musical brasileira e popular. Para isso, apresentavam-na como “modismo” e apontavam as influências do jazz e da música erudita, presentes na melodia e na harmonia, bem como o seu caráter de manifestação promovida por um grupo social afastado das “raízes brasileiras”, a pequena burguesia da zona sul carioca.⁹²

O Brasil se divertia em torno do rádio. Os sinais de modernidade do país de JK chegavam a nós pelas ondas hertesianas. Vivíamos literalmente nas ondas do rádio. Fortaleza não seria exceção. Os primeiros dados levantados pelo IBGE sobre o que poderíamos chamar de consumo da mídia apontam a presença forte do rádio em Fortaleza. A tiragem média dos jornais matutinos ficava em torno de 15 mil exemplares, enquanto os vespertinos chegavam a 25 mil. Neste período, de 92.128 domicílios pesquisados, 37.318 possuíam rádio⁹³. Em 1958, Fortaleza estava com uma população estimada em 375.624 e com quatro emissoras no ar. Foi quando chegou a Dragão do Mar, inaugurada em 25 de março de 1958.

O espírito do ano novo era dos melhores. “Chove no interior do Ceará”: a manchete da primeira página da edição do jornal O Povo, de 13 de janeiro de 1958, parecia confirmar o clima de otimismo geral do país. As informações que chegavam por telegramas do interior do estado às redações dos jornais davam conta de chuvas em várias regiões. As águas respondiam às expectativas que vinham pontuando a imprensa desde os primeiros dias do ano. O conhecido profeta da chuva, Roque de Macedo, subsidiava os cronistas com observações

⁹² RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003, p.30.

⁹³ Anuário Estatístico do Brasil – 1960 – ANO XXI

que sugeriam um bom inverno. As abelhas de ferrão no Apodi e Jaguaribe prenunciavam um inverno rigoroso – garantia o profeta ao articulista Ademar Távora. No final de seu artigo da edição do dia, Távora pontificou: “Tudo parece estar indicando que os horrores de uma seca não iremos sentir neste ano da graça de 1958”⁹⁴.

No dia 13 de janeiro, a temperatura de Fortaleza baixou, e o céu ficou carregado. O jornalista Pádua Campos encontrou o profeta Roque de Macedo contentíssimo, em frente à Livraria Imperial, na Praça do Ferreira, como relata em sua crônica do dia 14. Roque levantou a vista para o céu e foi logo dizendo. “Está vendo? Eu bem que lhe disse que o inverno começava em janeiro. Não tenha dúvida que vai cair muita água por estes dias” – insistiu o conhecido profeta.

Mas as profecias não se confirmaram. O Ceará viveu um difícil ano de seca. Rapidamente as manchetes esperançosas de um bom inverno foram substituídas por notícias sobre rebanhos dizimados no interior do estado, como em Morada Nova, e invasões de famintos, em Amaniutuba.⁹⁵ As expectativas com as chuvas do dia de São José foram frustradas. “São José passou em brancas nuvens: a seca declarou-se nos sertões do Ceará”⁹⁶ – anunciou a manchete de primeira página do jornal Unitário.

O cenário se repetia. As ações governamentais seguiram os ritos de sempre. Legitimada por editoriais contundentes da imprensa, foi armada mais uma “operação de guerra” para o combate da seca. O presidente Juscelino Kubstcheck reuniu-se com 40 deputados da região Nordeste e designou uma comissão para tratar da seca.⁹⁷ A mobilização política que se observou na imprensa recolocou o já conhecido discurso da seca.

O fluxo migratório para a capital se acentuava, a exemplo dos anos de estiagem anteriores. Fortaleza era a parada para os destinos do sul e do norte do país. Os primeiros flagelados começaram a chegar já a partir de março, numa

⁹⁴ Jornal O Povo, 04/01/1958, p.3.

⁹⁵ Jornal Unitário, 10/03/1958, p.3.

⁹⁶ Jornal Unitário, 20/03/1958, p.1.

⁹⁷ Unitário, 21/03/1958, p.1.

cidade mergulhada na excitação da abertura das portas do Cine São Luiz, um ato que, segundo os jornais, “inaugurava uma nova época no Ceará”. No dia 26 de março, depois de anos de espera, a exibição do filme “Anastácia” mobilizou a cidade, numa fila de roupas de gala que se estendeu pela Praça do Ferreira. As maiores autoridades de Fortaleza e os vultos proeminentes da política, da sociedade e do comércio compareceram à sessão de estréia ⁹⁸.

A despeito dos ventos de uma suposta modernidade que soprava na capital, a hospedaria Getúlio Vargas, como ocorreu no início da década com a seca de 51, transformou-se em depósito daqueles cidadãos considerados de segunda categoria. A situação renovou uma rotina herdada do chamado Acordo de Washington, assinado entre os governos brasileiro e americano, em 22 de dezembro de 1942, que previa o recrutamento de mão-de-obra para compor o “Exército da Borracha”, organizado pelo governo de Getúlio Vargas para a exploração da borracha a ser fornecida aos países aliados em guerra contra as forças nazistas. Apesar do acordo entre os dois países ter-se encerrado com o final da segunda guerra em 1945, dezoito anos depois do envio das primeiras levadas de cearenses, uma nova seca retoma a “exportação” de trabalhadores rurais para a Amazônia, as quais seguiam mais uma vez a rota de fuga da seca.

Inaugurada sob clima de festa, em 15 de março de 1943, como o centro oficial de recepção e seleção de “soldados” para compor os batalhões da borracha na Amazônia, a Hospedaria Getúlio Vargas transformou-se num verdadeiro barril de pólvora, foco de intensos conflitos na seca de 1958. A imprensa da época anuncia que a hospedaria recebera cerca de 11 mil retirantes, número infinitamente superior à capacidade original do prédio, de cerca de 1.200 pessoas. Naquele dia, o clima na hospedaria Getúlio Vargas chegou à tensão máxima. Entre denúncias de desaparecimento de doativos, fome e maus tratos dos retirantes, a administração foi demitida sob clima de tensão. Depois de ameaças de linchamento, o administrador Waldemar Nepomuceno saiu da hospedaria sob forte proteção.

⁹⁷ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1986.

⁹⁸ Unitário, 27/03/1958, p.1.

“Revolta na hospedaria: administrador saiu escoltado e não pretende voltar” – dizia a manchete do jornal Unitário, do dia três de maio. O episódio encerrou um processo anunciado ainda na chegada do administrador na cidade. Waldemar Nepomuceno chegou ao Ceará com a alcunha de “nazista da ilha das flores”, que traduzia a fama adquirida por ele no presídio do Rio de Janeiro. “Os cearenses não se submeteram à brutalização e ameaçaram de linchamento o administrador, expulsando-o do Ceará” - anunciou a edição do Unitário do dia seis de maio.

3.1. A Fortaleza dos 50 : o sonho de metrópole

O sonho e a realidade. O descompasso entre estas duas faces costuma pontuar as reflexões sobre o processo de modernização vivenciado pelo país, um debate que inclui conceitos como, por exemplo, o da “anterioridade do capitalismo”, que Florestan Fernandes desenvolve no clássico *A revolução Burguesa no Brasil*. É uma condição histórica em que o ideário liberal chega, no Brasil, antes das condições sócio-econômicas que o originaram no contexto europeu. Marshall Berman, na descrição comparativa que realiza entre o Modernismo dos países desenvolvidos e o dos países subdesenvolvidos, chega à conclusão de que nestes últimos “ele é forçado a se construir sobre a fantasia e os sonhos de modernidade”.⁹⁹

Renato Ortiz, referindo-se ao caso brasileiro, fala da exterioridade das idéias: o Modernismo é uma idéia fora do lugar que se expressa como projeto¹⁰⁰. O descompasso entre o sonho civilizatório, expresso no discurso de modernização das elites, e a dura realidade da nação desemboca – na análise de Ortiz – num caminho que junta o desejo de modernidade ao anseio de construção da identidade nacional. Canclini observa que, no Brasil, como na maioria dos países

⁹⁹BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1986.

¹⁰⁰ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 35.

latino-americanos este projeto se expressa nos processos de construção da identidade nacional¹⁰¹. Para sermos nacionais - e nos contrapormos à tradição oligárquica - temos que ser modernos. Este era o ponto. Modernização e desenvolvimento se colocaram como elementos constituintes da identidade nacional, provocando em muitos casos a reificação do moderno.

A Fortaleza dos anos 50 traduz com mestria a dicotomia referida. A imprensa da época é uma arena reveladora do quadro. As notícias davam conta da contradição entre o sonho e a realidade. A inauguração com pompas do Cine São Luiz, símbolo da modernidade, conviveu com as invasões dos retirantes da seca; os palacetes do bairro chique da Aldeota estavam inseridos numa área sem infra-estrutura de saneamento e transporte; a construção do Porto do Mucuripe, outro símbolo da modernidade, partilhou manchetes com o contrabando portuário. Gizafran Jucá, no rigoroso detalhamento urbano da Fortaleza da década de 50, observa:

Apesar do crescimento súbito, a "metropolização" apenas representava um anseio, alimentado não apenas pela burguesia.(...) Aldeota representava o espaço valorizado por uma peculiar burguesia, mais apoiada no setor comercial do que numa estrutura produtiva, que viesse alterar de modo mais abrangente a vida socioeconômica da cidade¹⁰².

3.2. Aldeota: os bastidores dos ricos

Com uma população que quase duplicou entre as décadas de 40 e 50, passando de cerca de 180 mil para mais de 270 mil habitantes¹⁰³, Fortaleza entra

¹⁰¹ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora USP, 2003, p.81.

¹⁰² JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2000. (pg.40).

¹⁰³ IBGE – Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. Série Regional. Volume XIV, Tomo 1. Censo Demográfico de 1950.

nos anos 50 intensificando seu processo de encontro com o mar¹⁰⁴ e consolidando o bairro da Aldeota como o espaço dos ricos.

A Aldeota passou a representar o bairro predileto da classe alta a partir da década de cinquenta. Apesar do Benfica e de Jacarecanga ainda abrigarem famílias de destaque, o novo símbolo de “status social” era morar na Aldeota, considerado centro residencial “mais grã-fino da Cidade”¹⁰⁵.

Jader de Carvalho, no seu polêmico *Aldeota*, através da rotina do casal central Chicó e Catarina, nos apresenta os bastidores do bairro:

O contrabando anula terrenos baldios e alarga para o nascente o bairro aristocrático de Fortaleza. Já muda a geografia. Já mudam os horizontes. Aqui e ali, brota do chão aquilo que as estatísticas da fortuna privada jamais poderão explicar e justificar: os palácios, as moradas luxuosas, as vivendas nascidas. (...) O câmbio negro dos pneumáticos, o subfaturamento da cera de carnaúba, o contrabando de peles silvestres. A Aldeota transforma-se, pela varinha mágica da fraude, num dos bairros mais ricamente formosos de que há notícia em cidade do Brasil¹⁰⁶.

O enriquecimento ilícito das elites da capital, esmiuçado pelo escritor, não se restringia às páginas do romance. No final da década de 50, as notícias chegavam aos jornais, ocupando as primeiras páginas, mas sem nomear ninguém. A manchete do jornal Unitário não deixa dúvidas: “Somente a alfândega não desconfia de contrabando”¹⁰⁷. A matéria afirma que as autoridades aduaneiras estariam interessadas em defender os importadores dos 38 carros retidos na alfândega.

A exemplo do que acontece nas outras capitais do país, é na década de 50 que ocorrem grandes transformações nas práticas culturais da cidade, que passa a assimilar as referências norte-americanas de vida, resultado da reconfiguração geopolítica mundial do pós-guerra. Fortaleza dá as costas para o “culto do afrancesamento”, caracterizado pela chamada “belle époque”, que se

¹⁰⁴ O percurso da construção da noção de maritimidade no Ceará, tendo como matriz Fortaleza, é realizado por Eutógio Wanderley, em *Mar à vista – estudo sobre a maritimidade de Fortaleza*. Fortaleza. Secretaria da Cultura do Ceará, 2002.

¹⁰⁵ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Op. Cit., p. 40.

¹⁰⁶ CARVALHO, Jader de. *Aldeota*. 2ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003, p.325.

¹⁰⁷ Unitário, 28/12/58, p.1.

inicia no final do século XIX e se estende até a década de 30¹⁰⁸. Ainda é Jader de Carvalho que nos aproxima deste momento, expondo o clima da Fortaleza dos 50, através de uma carta de Catarina aos seus familiares do Pará:

Por aqui também brilham os norte-americanos. Meninos grandes, bem humorados, esses infantes, aviadores e marinheiros dos Estados Unidos. Como no Pará, as mocinhas cearenses também perderam a cabeça em contato com os meninões. (...) Em Fortaleza, já se pronunciam muitas palavras e muitas frases da língua inglesa. Aqui, as fãs dos ianques chamam-se Coca-Colas. E, entre elas, segundo me informam vizinhos, há moças até da alta sociedade (...)satisfazem-se com a pele branca e rosada, com a língua diferente que já é sinal de superioridade.¹⁰⁹

Os anos 50 marcaram transformações profundas na estrutura produtiva do país, consequência de medidas governamentais como a substituição das importações, que determinou um grande incremento na indústria. Com este cenário, o Estado assumiu uma função empresarial, voltando-se para a planificação do desenvolvimento. É deste período a criação do Banco do Nordeste do Brasil – BNB (1952) e da Superintendência do Desenvolvimento Econômico do Nordeste – Sudene (1959). A demanda na região de quadros técnicos que pudessem assumir o comando das políticas de desenvolvimento motivou a criação de instituições de ensino superior, contexto em que se implanta a Universidade Federal do Ceará (1954). Inicia-se aí o processo de constituição de uma sociedade de consumo de massa em que o rádio se integra, sinalizando para o advento da indústria cultural brasileira, que explodiria anos depois.

Novos hábitos, novas práticas culturais, novas formas de sociabilidade já se observavam claramente na Fortaleza dos anos finais da década de 50, tendo como importante elemento articulador o rádio. A programação das emissoras, especialmente os programas de auditório, estavam definitivamente incluídos no cotidiano da cidade. A intimidade dos lares contava com a presença dos locutores, que traziam para os ouvintes a diversão, as notícias e as últimas

¹⁰⁸ PONTE, Sebastião Rogério da. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1993.

¹⁰⁹ CARVALHO, Jader de. Op. Cit., p.296.

¹¹⁰ ORTIZ, Renato. *A modernização brasileira - cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

novidades de consumo. As conversas das calçadas já contavam com a concorrência das aventuras e dos amores das mocinhas e dos galãs do rádio.

A presença do rádio estava irremediavelmente ligada ao dia-a-dia das famílias. Nos anúncios de venda veiculados nos jornais, os aparelhos de rádio aparecem inseridos em situações domésticas, em locais como a praia, o bar, o carro (Foto 5). Apesar de maneira bastante incipiente, o Ceará já experimenta, então, o início da formação de um mercado de bens simbólicos que se expande em todo o país. Um processo que se consolidaria no Brasil, décadas depois, num espaço vigoroso de produção cultural, constituindo o que Ortiz analisa como a moderna tradição brasileira¹¹⁰.

3.3. A política mediada

Foi neste momento de profundas transformações das rotinas da cidade, coincidentes com uma crescente popularização do rádio, que a Rádio Dragão do Mar é inaugurada. Até então, a programação das emissoras era marcada especialmente pelos programas de entretenimento musical (incluindo os de auditório) e pelas novelas. A nova emissora chega com uma proposta explicitamente partidária, ligada ao Partido Social Progressista (PSD), cujo principal objetivo era vencer as eleições estaduais de 1958.

O poder de mobilização do rádio já havia sido identificado em muitos momentos na cidade. Na política, não foi propriamente novidade para Fortaleza a capacidade de mobilização do veículo. Nas eleições de 1950, o radialista Paulo Cabral elegeu-se prefeito nos rastros de sua carreira radiofônica. “O mais brilhante orador do rádio cearense” - como costumam identificá-lo os companheiros de profissão da época - inaugurou uma prática que se popularizaria décadas

¹¹⁰ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo. Brasiliense.2001.

depois: o rádio como elemento impulsionador de candidaturas políticas¹¹¹. A eleição de Paulo Cabral, apesar de se dever ao seu envolvimento com as grandes campanhas sociais da Ceará Rádio Clube e da sua presença diária na programação da emissora, não representou nenhuma turbulência maior no quadro político do estado.

É recorrente nos trabalhos acadêmicos que têm o rádio como objeto de estudo, independente da abordagem proposta, a relação forte que se estabeleceu entre o rádio e a política, no processo de consolidação do veículo.

O rádio, desde sua consolidação, a partir dos anos 30/40, tem sido utilizado das mais diversas formas, com as mais diferentes finalidades: pelo Estado¹¹²; por guerras de independência e resistência; por partidos políticos e sindicatos; por movimentos sociais, religiosos e ecológicos. Seu papel político é inegável, seja qual for sua orientação. Para que se compreenda seu real significado, no entanto, é necessário se estudar a fundo o contexto em que atua – as condições sócio-político-econômico e culturais¹¹³.

Neste sentido, mesmo não sendo objetivo central deste trabalho aprofundar a relação política e rádio, vale resgatar o contexto político-econômico em que a Rádio Dragão do Mar foi recebida, quando de sua criação. Especialmente considerando que sua origem partidária é elemento a ser referido na análise da relação entre a emissora e o cotidiano de Fortaleza, objeto deste *Labaredas no Ar*.

Chegamos às eleições de 58 com as presenças marcantes dos dois partidos que saíram fortalecidos da ditadura de Vargas: a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático). O padrão que caracteriza o quadro político no Ceará, no período de redemocratização, de 1945 a 1964, é “a recorrência oposicionista, isto é, o fato de que a cada eleição o

¹¹¹Márcia Vidal Nunes realiza estudo sobre este fenômeno no Ceará, em *Rádio e Política: do microfone ao palanque: os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996)*. São Paulo: Annablume, 2000.

¹¹²O rádio foi criado e usado por Mussolini, na Itália (Mussolini, jornalista, foi redator-chefe do *Avanti*, jornal socialista de Milão, em 1912, antes de se tornar ditador, em 1925: criou também a *Cinecittá*); por Franklin D. Roosevelt, em 1933, em suas *Conversas ao pé do fogo*, nos estados Unidos; e por Hitler, na Alemanha. Em 1933, quando Hitler foi designado Chanceler, os nazistas utilizaram o rádio para propaganda e já em 1931 tentaram influenciar na nomeação dos diretores das emissoras.

¹¹³HAUSSEN, Doris. *Rádio e política: tempos de Vargas e Peron*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.11.

governador não conseguia eleger o seu sucessor. Não era o padrão brasileiro. No período, este fato só tem similar em Mato Grosso” – observa o sociólogo José Josênio Parente¹¹⁴, apontando esta alternância de poder como sintoma das fragilidades estruturais das elites políticas cearenses, o que dificultou a formação de oligarquias fortes, diferente do que ocorreu em outros estados nordestinos, cujas economias se articulavam em torno da cana-de-açúcar e do cacau.

A alternância dos partidos no poder político estadual é também referida pela socióloga Glória Diógenes¹¹⁵ como indicador da fragilidade das estruturas políticas cearenses, configurada pelo baixo grau de controle e pela pouca habilidade no uso dos instrumentos para fins de manutenção do poder. Para a socióloga, as relações de poder em nível de Estado, no período da redemocratização, estão bastante marcadas pelo caráter localista do voto, período em que as ricas familiares dão o tom das disputas, com as questões ideológicas passando ao largo. Uma característica que se incorporou na cultura política do estado, e até hoje se faz presente.

No período, o quadro político do Ceará foi definido por uma reorganização partidária das forças que coexistiram no Estado Novo, possibilitada pelo decreto presidencial de maio de 1945 (nº 7.586), que regulamentou o processo eleitoral. O pesquisador Abelardo F. Montenegro lista em detalhes a oficialização dos partidos que se estruturaram a partir de 1945¹¹⁶. Em meio a alguns pequenos partidos, a vida política do Ceará se articulou majoritariamente, seguindo uma tendência nacional, em torno de dois partidos: o PSD surgido da burocracia do Estado Novo, e a UDN, partido de oposição à herança política da ditadura recente. O cenário ainda incluía outros dois partidos, que acabavam funcionando como fiéis na balança sucessória estadual: o PSP (Partido Social Progressista) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Nas eleições pós 45, as duas principais forças se alternaram no poder,

¹¹⁴PARENTE, F. Josênio C. O Ceará dos Coronéis (1945 a 1986). In: *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p.382.

¹¹⁵DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças*. Fortaleza. Edições UFC - Stylus Comunicações, 1989, p.71.

¹¹⁶MONTENEGRO, Abelardo F. Os partidos políticos no Ceará. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

com as rivalidades sendo superadas somente em 1962, quando a chamada "União pelo Ceará" elegeu Virgílio Távora para governar o Estado. No ano de 1958, os resultados das eleições seguiram a tradição eleitoral cearense. A situação não conseguiu eleger o sucessor de Flávio Marcílio, que estava no exercício do cargo com o afastamento do governador Paulo Sarasate (UDN). O vencedor foi Parsifal Barroso, do PSD, que derrotou Virgílio Távora, da UDN. Denúncias de corrupção e compra de voto, e uma violência incontrolável, em algumas regiões, pontuaram as manchetes dos jornais. "O espírito de Lampião está residindo no Palácio da Luz" - denunciou o então deputado Armando Falcão ao Diário Carioca, em matéria reproduzida na edição do dia 13 de março do jornal Unitário, na primeira página.

A notícia falava do atentado contra o deputado estadual Raimundo Oliveira, que comandava o PSD em Pentecostes, e das ameaças de morte recebidas por Wilson Gonçalves, candidato a vice-governador da chapa da Coligação Democrática, que reuniu PSD-PTB-PSP. Pedindo providências ao governo federal e alertando para o perigo de correr um banho de sangue no Ceará, o então deputado acusou o governo de Flávio Marcílio de aderir ao banditismo. Marcadas ainda por uma dura estiagem, que castigou o estado naquele ano, as eleições de 1958 recolocaram mais uma vez a força da chamada "indústria da seca".

Não foram poucas as notícias da imprensa sobre desvios de verbas federais destinadas ao socorro das flagelados. As acusações vinham dos dois lados. Parsifal Barroso, candidato da Coligação Democrática, integrante do mesmo partido do presidente Juscelino Kubitschek (PSD), em cujo Ministério ocupava a pasta do Trabalho, era acusado "de beneficiar a família e seus aliados com recursos públicos"¹¹⁷. A UDN, no poder estadual, também era foco de denúncias. O governador em exercício Flávio Marcílio foi acusado de utilizar recursos da Secretaria da Educação em benefício da candidatura Virgílio Távora.

A seca de 1958 ficou famosa pelo escândalo em torno do desvio de verbas destinadas aos flagelados, coincidindo com o processo eleitoral em que triunfaram de modo geral os herdeiros de Vargas coligados e distribuídos entre PSD e o PTB. Ao PTB coube principalmente sensibilizar

¹¹⁷ Jornal Unitário, 13/04/1958, p. 1.

o crescente grupo urbano de trabalhadores e ao PSD a manutenção da clientela política¹¹⁸.

A seca no Ceará sempre funcionou como moeda no jogo político do estado. Em 1879, em pleno segundo ano do que Liberal de Castro considera “a seca mais triste da história do Ceará”¹¹⁹, a imprensa já denunciava o uso da seca para fins políticos. Abelardo Montenegro cita a edição de 16 de janeiro de 1879 de o *Constituição*, que fazia críticas ao então administrador José Júlio de Albuquerque Barros:

Começando por afastar das comissões de socorros todos os adversários que se sentiam com força e dignidade bastante para não se sujeitarem a infâmias, acabou por plantar na distribuição das esmolas públicas o exclusivismo, o escândalo e o latrocínio. Como se deve esperar, este torpe sistema de socorrer aos famintos converteu-se em abundante califórnia para os amigos da administração, e um terrível flagício para os infelizes que, confiados nas garantias que promete a nossa Constituição, recorriam pressurosos ao óbulo oficial para salvarem a vida. O resultado de tudo isso, sabem todos qual foi: enriqueceram os agentes do governo, e aniquilou-se a população pela fome e pela peste¹²⁰.

O mesmo cenário se repetiu nas secas seguintes, apesar de as ações do governo no atendimento aos retirantes irem assumindo maior complexidade. Na seca de 1915, o Campo de Concentração do Alagadiço foi criado para abrigar os retirantes. Na seca de 1932, quando – na opinião de Liberal de Castro – “a indústria da seca se organiza”¹²¹ - a intervenção do governo deu-se através de órgãos como o Ministério de Viação e Obras Públicas e a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IOCS), que depois se transformaria no Departamento de Obras Contra a Seca (DNOCS). A cultura dos campos de concentração, cujo objetivo era proteger a capital dos retirantes, fortaleceu-se neste ano com a

¹¹⁸FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. *Documentação oral e a temática da seca: Estudos*. Brasília: Centro Gráfico, Senado Federal, 1985, p. 251 - 252.

¹¹⁹CASTRO, José Liberal de. *Fatores de Localização e de Expansão da Cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 1977, p.14.

¹²⁰MONTENEGRO, Abelardo F. Op. Cit., p. 167-168.

¹²¹CASTRO, José Liberal de. *Fatores de Localização e de Expansão da Cidade de Fortaleza*. Fortaleza. Edições UFC. 1977. p.35.

instalação de sete novas unidades, desta vez localizadas nas rotas de migração do Estado.¹²²

O Nordeste, como nos sugere Albuquerque Júnior¹²³, é uma construção imagética discursiva, cujos elementos constituintes são carregados de estereótipos. Numa instigante e reveladora abordagem, o autor faz o percurso histórico desta construção, que, fundada na saudade e na tradição, na década de 20, chega aos anos 40 e 50 conformando o Nordeste como um lugar “onde não se vive, mas se sofre a vida como uma sucessão de martírios, de desfalecimento, de experiências doloridas”¹²⁴.

Este mesmo Nordeste, no espaço temporal no qual trabalho a dissertação, a virada dos 50/60, continua integrando os discursos políticos e culturais (literatura, música, cinema e mídia) ainda como um espaço pretexto, para se pedir providências dos poderes públicos, para mendigar favores, embora adquira também a imagem do espaço rebelde, que serve para anunciar a transformação social ou com ela ameaçar, como um espaço denúncia das injustiças e crueldades das relações sociais no país¹²⁵.

A seca de 1958 aconteceu num contexto especial. A estiagem conviveu com um país que exercitava uma frágil democracia, com uma reorganização partidária que dava os primeiros passos. A necessidade de garantir seus currais eleitorais, através do “fixação do homem no campo”, como rezam os arremedos de políticas públicas contra a seca, levou as elites políticas do estado a se enredarem definitivamente nos corredores das burocracias públicas.

As obras públicas possibilitam impedir o abandono dos “currais eleitorais - áreas sob o controle dos proprietários (coronéis) – durante os períodos de secas e, ao mesmo tempo, são novas arenas de lutas políticas. (...)Os grupos políticos encontram nas obras de “combate às secas” uma fonte sólida de poder e influência.¹²⁶

¹²² NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 91.

¹²³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife:FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

¹²⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op.Cit., p.198.

¹²⁵ Ib. Ibidem., p. 198.

¹²⁶ Id. Ibidem.

Os chefes políticos transformaram as repartições públicas federais em cabides de emprego, onde seus apadrinhados atuavam, em causa própria, no controle e na exploração da estrutura pública. O jornal O Povo denunciou que o DNOCS pagava cabos eleitorais do PSD para coagir operários a votarem no candidato pessedista¹²⁷. No Congresso Nacional, os discursos caminhavam na mesma direção. “Os flagelados da seca não tocaram sequer em 46% das verbas que lhes foram destinadas” - discursou Alencar Araripe, na Câmara Federal¹²⁸.

A radicalização social provocada por uma das mais devastadoras secas de que se tem notícia no estado esquentou o clima político. Os meios de comunicação repercutiam com mais contundência os interesses envolvidos no processo eleitoral. E a presença dos meios de comunicação como elemento importante nos processos eleitorais já era referida em alguns textos da mídia impressa. No período a imprensa já registra o poder de interferência da mídia no processo eleitoral. Jáder de Carvalho, no Jornal do Povo, analisa a situação:

Entre os votantes sertanejos, não existe apenas o homem de cabresto; há também os que apesar da pressão do coronel e do vigário desfrutam certa liberdade de ação e de pensamento. O farmacêutico, os negociantes, os empregados no comércio, os artesãos, todo esse povo escuta **as rádios, lê os jornais**, conversa com viajantes e motoristas, que lhes dão notícias do país e do mundo. Enquanto o eleitor de cabresto, já negociado pelo chefe local, ignora a chapa que vai sufragar, o da vila, e da pequena cidade troca idéias antes de votar, discute qualidades dos candidatos e dos partidos, tomando posição aberta¹²⁹.

3.4. No dial da Dragão do Mar

As eleições de 1958 trouxeram um elemento diferente. Pela primeira vez na história da política do Ceará, um veículo de comunicação de massa desenvolve uma ação orientada para a conquista do poder estadual. A Rádio Dragão do Mar inaugura no Ceará o que Thompson define como arena mediada

¹²⁷ Jornal O Povo, edição de 13/11/1958.

¹²⁸ Apud FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. Op. Cit., p.254.

¹²⁹ Apud PARENTE, Francisco Josênio. Op. Cit., p.397. O grifo na citação é meu.

da política moderna, o novo espaço conformado pelos mídias eletrônicos para onde a disputa política foi transferida.

A arena mediada da política possibilita aos líderes políticos uma exposição pública diante de seus reais ou potenciais eleitores, numa escala e intensidade que nunca existiram antes (...) Esta nova esfera está aberta e acessível de uma forma que as assembleias tradicionais e as cortes nunca conheceram¹³⁰.

Com uma contundente linha editorial de oposição ao governo udenista de Flávio Marcílio, a nova emissora entra no ar com uma forte carga simbólica, utilizando-se de um elemento caro ao imaginário cearense: a alusão ao sentimento de luta pela liberdade traduzida na expressão “Terra da luz”. Uma luta contra a escravidão, cujo principal personagem foi o jangadeiro Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, que colocou o Ceará na posição de primeiro estado brasileiro a abolir a escravatura.

A referência ao sentimento de liberdade também aparece no prefixo sonoro de abertura da programação diária da Dragão do Mar, a música *Terra da luz*, escolhida pelo jornalista Blanchard Girão, que assumiu a direção de programação da emissora no primeiro período de funcionamento. A música, de autoria de Humberto Teixeira e Lauro Maia, traz em um de seus versos o ato heróico do jangadeiro que deu nome à emissora: - “Eu bem sei que é bem nosso/ o orgulho de um gesto que eleva e seduz/ o gesto altaneiro, de audaz jangadeiro/ mandando que todo navio negreiro/ passasse bem longe da terra da luz”¹³¹. A emissora foi inaugurada em 25 de março, no mesmo dia em que, no ano de 1884, foi declarada oficialmente a libertação dos escravos no Ceará.

O depoimento de Blanchard Girão deixa claro o caráter oposicionista que marcou a linha editorial da emissora:

A denominação de “Dragão do Mar” já sugeria uma linha de protestos e luta. A rádio vinha para ser o “calo” do governo udenista, denunciando todas as deficiências administrativas e as práticas de afilhadismo que caracterizavam a prática política da época. Nós formamos uma equipe que reunia grandes talentos, jovens idealistas, com uma programação

¹³⁰ THOMPSON, J.B. Op. Cit., 126.

¹³¹ Este prefixo é utilizado até hoje pela emissora.

forte no jornalismo, que tinha um objetivo principal: o combate ao governo da UDN e a promoção eleitoral dos candidatos do PSD¹³².

No mês da chegada da emissora, a candidatura de Virgílio Távora (UDN) ocupava espaços generosos em dois dos principais jornais da cidade, o Unitário e o Povo, que davam conta da movimentação em torno do candidato udenista. A coluna especializada *Rádio Steve* noticia os resultados de uma eleição simulada entre os profissionais de rádio. Abrindo com um título que trazia uma única e sugestiva letra V, o colunista faz um detalhado relato sobre a eleição que envolveu profissionais das duas emissoras dos Diários Associados (Ceará Rádio Clube e Verdes Mares), mandando um recado direto “aos entusiastas da candidatura Virgílio Távora (dentro do rádio, claro)”:

Ante-ontem à tarde, nas dependências da Ceará Rádio Clube, a turma de radialistas resolveu fazer uma sondagem nas preferências do eleitorado capacitado a votar em 3 de outubro. As opções divergiam. Uns dizendo que Virgílio seria o preferido, enquanto outros asseguravam maioria ao Ministro do Trabalho, Parsifal Barroso. Uma caixa de papelão foi improvisada de urna e numa folha de papel foram colhidas as assinaturas dos votantes da PRE9. A febre de opinar se alastrou até a Verdes Mares, onde depois de uma tarde inteira de “eleição”, nada menos de 73 homens de rádio se manifestaram. À noite, presidida pelos radialistas João Ramos, Aderson Braz, Augusto Borges, Josimar Leite e Guilherme Netto, e com a presença de mais de uma dezena de funcionários das duas emissoras, foi aberta a urna que apresentou o seguinte resultado: Virgílio Távora – 43 sufrágios; Parsifal Barroso, 24 sufrágios; Acrísio Moreira da Rocha – 32 sufrágios; Wilson Gonçalves – 30 votos; Flávio Marcílio – 27 sufrágios; Cordeiro Netto – 22 e Ary de Sá – 15 votos. Como podem ver os leitores da “Rádio”, o trio vitorioso no seio da classe dos “sem fio” foi Virgílio-Acrísio-Flávio para governador, vice e prefeito, respectivamente¹³³.

A Ceará Rádio Clube, através do programa do apresentador Augusto Borges, lançou ainda um concurso de palpites sobre a vitória do candidato da Coligação Democrática nas eleições, premiando com Cr\$ 50.000,00 o fortalezense que enviasse um envelope com o número de votos de vantagem que teria Virgílio Távora sobre Parsifal Barroso. Este concurso expressa o envolvimento que a emissora tinha com o candidato, sugerindo, antecipadamente, a vitória de Virgílio Távora. Os resultados das urnas não confirmaram estas referências. O candidato

¹³² Entrevista concedida à pesquisa.

¹³³ Jornal Unitário, 12/03/1958, p.8.

da coligação PSD/PTB, Parsifal Barroso, ganhou o pleito no rastro de uma declarada campanha da Dragão do Mar, que publicizou os fortes embates políticos do processo eleitoral.

Os componentes da equipe da primeira fase da emissora costumam creditar o sucesso imediato da Dragão ao caráter “combativo” da rádio, à linha de oposição que assumiu em sua programação. Com um grupo formado em grande parte por profissionais tirados da já estabelecida Ceará Rádio Clube “a peso de ouro” – como costumam lembrar os radialistas da época –, a Dragão do Mar reuniu em seu *cash* alguns dos mais criativos jovens da cidade, que depois ocupariam lugar de destaque na produção cultural do país, como Juarez Barroso, Aderbal Freire e Augusto Pontes, entre outros.

O publicitário Nazareno Albuquerque, que integrou a equipe da rádio, foi protagonista da cena que marcou o último dia de funcionamento da primeira fase da Dragão, quando militares do golpe de 64 invadiram a emissora e tiraram do ar a programação por cerca de cinco meses. Ele classifica a Dragão como a universidade do rádio, um lugar que se constituiu num espaço de produção das mais criativas e que assumiu a defesa de causas nacionalistas.

A Dragão promoveu uma grande conjunção de profissionais de inteligência e talento para a comunicação. Reuniu os melhores cronistas, locutores, programadores. Ela não era uma rádio eunuco, como as de hoje. A Dragão era uma rádio absolutamente intelectual, com profissionais tendendo para a esquerda, que lutavam em defesa de um pensamento nacional, o que era um fato desafiador, que claro preocupava o *establishment*¹³⁴.

A adesão imediata da população à emissora pode ser explicada pela sintonia que a rádio estabeleceu com o cotidiano da cidade. E esta sintonia foi consequência de um conjunto de fatores, dentre os quais se identificam, por exemplo, o forte elemento do discurso nacional populista, que se incorporou à vida do país no período JK. Na programação da Dragão, esta voz era identificada muito especialmente no editorial da rádio, a crônica *A nossa palavra*, que tinha como redator principal Blanchard Girão, e como locutores Waldir Xavier e Almir

¹³⁴ Depoimento concedido à Rádio Dragão do Mar, por ocasião das comemorações dos 45 anos da emissora, em 2004.

Pedreira. A crônica ia ao ar diariamente, às 12h30min. Por muito tempo funcionou como um relógio de almoço na cidade, a hora em que Fortaleza parava para ouvir a Dragão. A *nossa palavra* pautava a cidade, funcionava como referências para as discussões públicas.

O médico Mariano de Freitas, líder estudantil na década de 60, lembra a repercussão que a crônica de Blanchard Girão tinha no espírito da cidade. O relato é um pouco extenso, mas oportuno e revelador da relação estabelecida entre a emissora e o cotidiano da cidade e do conteúdo em que se conformava o seu discurso oficial:

Sebastião Marques chegava pontualmente às 11h45min. Sentava à mesa para o almoço, tirava a camisa suada, pois fazia o percurso do seu armazém que ficava na travessa Crato, próximo ao Mercado Central, até a casa na D. Manoel, nº 104, a pé. Refazia rapidamente as contas do apurado da manhã e começava a aperrear minha tia Delourdes pela comida. A poucos minutos das 12 horas, sintonizava o dial do rádio Semp, com olho mágico verde, na Rádio Dragão do Mar, e esperava o locutor anunciar a crônica diária da lavra do jornalista Blanchard Girão. Quando todos já estavam na mesa a servirem-se, ouviam-se os timbres inconfundíveis das vozes de Almir Pedreira, e quando este saiu da rádio, os de Narcélio Limaverde. Duas vozes e falas muito diferentes, mas igualmente convincentes aos ouvidos de todos que compartilhavam do nosso almoço. O texto irrepreensível, pelo conteúdo jornalístico, de um analista político com grande bagagem, já naquela época, honesto na análise dos acontecimentos cotidianos da vida política do nosso estado e do país. A crônica *A nossa palavra* tinha a maior audiência do rádio, ao meio-dia, e tornou-se um hábito como o do meu tio Sebastião, para milhares de pessoas, devido a pertinência dos textos: reforma agrária, remessa de lucros para o exterior, maus tratos e injustiças com os trabalhadores assalariados, malversação do dinheiro público, contradições de condutas políticas das autoridades governamentais, deficiências dos serviços públicos, enfim, abordados com muita argúcia e isenção¹³⁵.

A crônica de Blanchard Girão é sempre referida, nos depoimentos coletados no decorrer da pesquisa, como grande formadora de opinião. O mesmo Mariano de Freitas observa:

Mas se o texto de Blanchard Girão era perfeito, a leitura dos dois locutores, pela entonação adequada e a inflexão da voz nas vírgulas, potencializavam o poder da comunicação do que se estava querendo inocular na cabeça dos ouvintes. Blanchard, Narcélio e Almir Pedreira

¹³⁵ FREITAS, Mariano. *Nós os estudantes*. Breve história da vida dos universitários cearenses na década de 60. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2001, p. 30.

deram muita dor de cabeça a muita gente importante. As falas e o texto se completavam na beleza ética que a comunicação do rádio deve perseguir, e tiveram muita influência na formação de jovens que como eu procuravam luz para compreender a vida e os acontecimentos políticos daqueles dias. E plantou uma consciência crítica em todos os seus milhares de ouvintes¹³⁶.

A primeira fase da Dragão se insere naquilo que Jesús Martín-Barbero identifica como a primeira etapa no processo de implantação dos meios de comunicação e da constituição do massivo na América Latina.

Nesta fase, que vai dos anos 1930 até finais dos anos 1950¹³⁷, na qual tanto a eficácia quanto o sentido social dos meios devem ser buscados menos no lado de sua organização industrial e em seus conteúdos ideológicos do que no modo de apropriação e reconhecimento, por parte das massas populares, deles e de si próprias, através deles¹³⁸.

Sem desprezar as dimensões econômica e ideológica do funcionamento dos meios, Barbero acentua, entretanto, um outro papel que os meios de comunicação de massa desempenharam no período:

O papel decisivo que os meios massivos desempenham nesse período residiu em sua capacidade de se apresentarem como porta-vozes da interpelação que a partir do populismo convertia as massas em povo e o povo em Nação. Interpelação que vinha do estado, mas que só foi eficaz na medida em que as massas reconheceram nela algumas de suas demandas mais básicas e a presença de seus modos de expressão. A tarefa dos caudilhos e a função dos meios consistiam da ressemantização dessas demandas e dessas expressões. Isto não vale apenas para os países em que o populismo teve sua “dramatização”, mas também para os que, sob outras formas, com outros nomes e segundo outros ritmos, atravessaram nessa época a crise da hegemonia, o parto da nacionalidade e a entrada na modernidade¹³⁹.

Uma outra dimensão que os meios massivos assumem nesta primeira fase, que deve ser referida, especialmente pelo objetivo desta dissertação, é a que Barbero define como “a transmutação da idéia política de nação em *vivência*, em sentimento e cotidianidade”¹⁴⁰. O rádio é o veículo que disponibiliza um repertório de informações culturais que passa a ser compartilhado nacionalmente.

¹³⁶ FREITAS, Mariano. Op. Cit., p. 31.

¹³⁷ No caso do Brasil, podemos identificar este período até a primeira metade dos 60, quando os meios de comunicação entram numa fase que poderíamos classificar de mercado, sob a égide da ditadura militar.

¹³⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001, p.242.

¹³⁹ Id. Ibidem.

¹⁴⁰ Id. Ibidem.

O rádio, em quase todos os países da América Latina, proporcionou aos moradores das regiões e províncias mais diversas uma primeira vivência cotidiana de Nação.

O conteúdo da “crônica do Blanchard” – como ficou conhecida, e à qual é creditada a visibilidade que o jornalista adquiriu e que lhe rendeu um mandato de deputado estadual, nas eleições de 1962 – era sempre recheada de elementos comuns ao discurso nacional populista que cobria o país no período pré-64. A intimidade que o programa estabeleceu com a cidade é resultado do que Nestor Canclini define como *jogo de ecos*, a circularidade do comunicacional e do urbano: o que vemos na mídia reencontramos nas ruas, e vice-versa¹⁴¹.

E foi esta característica da programação da Dragão, isto é, a interação com o cotidiano da cidade e, no plano mais geral, com o sentimento de nacionalidade experimentado pelo país naquele momento, que definiu o diferencial da emissora, transformando-a em elemento articulador de alguns dos mais importantes processos vivenciados no Ceará no período, como as eleições de 1958. Aqui voltamos a ratificar a superação, nesta análise, da visão apocalíptica que confere ao meio de comunicação o poder supremo de construção dos acontecimentos. Reconhecemos com Canclini que o poder e a construção do acontecimento são resultados de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam.¹⁴²

Nos muitos acontecimentos experimentados por Fortaleza, na turbulência de um tempo que a literatura política aprendeu a definir como de curto período de redemocratização, e que comporão o corpo dos capítulos seguintes, a lógica do *jogos de ecos* entre a Dragão e a cidade se rearticula, conferindo à emissora o papel de protagonista. Na esfera social, a *Campanha do Orós*, em 1960; na arena política, acontecimentos como o conhecido *Caso do Inventário*, em 1958, e a *Cadeia da Legalidade*, em 1961. O *Caso Chesman*, em 1960, integrou a rádio num circuito simbólico internacional, envolvendo a cidade na

¹⁴¹ CANCLINI, Néstor García. Op. Cit., p.290.

¹⁴² Id. Ibidem., p.262.

discussão de uma temática, a pena de morte, que não participava das preocupações das rotinas nacionais nem locais, mas que batizou a população numa experiência que os novos meios técnicos de comunicação promovem e que Thompson define de *socialidade mediada*, o compartilhamento de uma história de grupos e de comunidades que se constituem através da mídia¹⁴³.

Mas, para além dos acontecimentos extraordinários com as quais a seleção da memória midiática pontuou os relatos dos depoentes desta pesquisa, a programação da Dragão do Mar foi formada por uma série de programas que utilizaram os vários elementos caracterizadores da linguagem radiofônica, na concepção de Mário de Andrade, “uma linguagem particular, complexa, multifária, mixordiosa, com palavras, ditos, sintaxes de todas as classes, grupos e comunidades”¹⁴⁴.

3.5. Um cárcere em meu destino

Um dos programas de maior audiência da rádio cearense foi *Um cárcere em meu destino* da safra da Dragão. Era formado por dois blocos: um primeiro bloco, formado pela teatralização radiofônica, roteirizada por Blanchard Girão¹⁴⁵ e interpretada pelo cast da emissora; e um segundo bloco, composto por uma entrevista gravada pelo radialista Luciano Klein com os criminosos da Cadeia Pública de Fortaleza, cujas histórias de vida inspiravam as tramas roteirizadas.

O programa de estréia já anunciava o que viria: futebol, amante, roubo, morte, mistério. Ingredientes de uma receita midiática de sucesso. O personagem que inspirou a trama foi um ex-jogador de futebol, José Ramos de Oliveira, conhecido por Idalino, que assassinou, em 1950, dois comerciantes paraibanos, para roubar um Chevrolet-50. A tragédia aconteceu na Pensão da Graça, de

¹⁴³ THOMPSON, John B. Op. Cit., p.39.

¹⁴⁴ ANDRADE, Mário. A língua radiofônica. In: *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Editora Martins, 1972, p.210.

¹⁴⁵ Além de diretor-de-programação, Blanchard assinou os programas de maior audiência da emissora.

propriedade de Alcinda Leal, amante do jogador. Depois de realizar os dois homicídios, Idalino enterrou os corpos das vítimas nas imediações da praia da Barra do Ceará. O crime seria descoberto depois de mais de um mês de ocorrido.

O primeiro programa reúne atributos que evocam os temas das narrativas vindas da literatura oral, que caminham depois para o melodrama, e que chegam a nós através das radionovelas e do radioteatro. Além da dramatização, o segundo bloco incluía uma entrevista com o personagem da história. Ficção e realidade, uma mistura irresistível, porque composta de ingredientes extremamente relacionados com o sistema de representação simbólica das classes populares. *Um cárcere em meu destino* antecipa um gênero que décadas depois faria bastante sucesso, hoje nomeado pela literatura da área de *fait-divers*, a abordagem midiática de crimes, roubos, assaltos, tragédias.

Com a experiência adquirida na edição do *Boletim de Ocorrências Policiais*, que ia ao ar diariamente às 10h30min na emissora, direto da Secretaria de Polícia, Luciano Klein comandava com mestria as entrevistas. Ele lembra com detalhes a entrevista que compôs o roteiro do primeiro *Um cárcere em meu destino*:

Lembro-me do meu encontro com Idalino. Diante de mim, um homem de fino trato, palavra fácil, que os colegas de presídio chamavam por sr. Idalino. Mantivemos naquela manhã uma longa conversa. Ele revelou episódios de sua vida como jogador de futebol. Falou também da agremiações em que atuou, ao lado dos famosos craques: Zuza, França, Jambrega, Zecapinto, Mamede, Hermenegildo, Mitotônio e outros.

Ainda garoto, tive o ensejo de vê-lo jogar no velho estádio Presidente Vargas. Confidenciou-me passagens de sua vida de boêmio e seu apurado gosto no vestir. Foi assíduo freqüentador de cabarés. Suas últimas palavras, gravadas após a descrição pormenorizada do crime, foram: “aqueles que me pintam com as cores de um monstro, se esquecem também de que eu sou um ser humano”. De seus olhos vi brotar lágrimas¹⁴⁶.

A repercussão foi enorme, por causa da temática. Luciano Klein observa que o programa mexeu com a rotina da cidade: “Nas rodas da Praça do Ferreira, Abrigo Central, nos lares, nos bares, nas filas de ônibus, todos opinando e aguardando o próximo *Um cárcere em meu destino*” – lembra o radialista. Novos

¹⁴⁶ Depoimento escrito de Luciano Klein, que integra o arquivo pessoal de Blanchard Girão, cedido generosamente a esta pesquisa. Em 06/08/2004.

programas vieram e a polêmica continuou, provocando calorosas discussões, que logo começaram a ocupar os jornais da cidade.

As edições de abril de 1960 do jornal *O Povo* informam sobre a polêmica. A coluna *Rondas do Rádio*, na edição do dia 8, traz o comentário:

Um cárcere em meu destino, nova atração da rádio Dragão do Mar, desperta a atenção de muita gente, e cria duas alas de ouvintes; uma que enaltece o trabalho e outros que o consideram falho, pois dá muita publicidade aos criminosos. Voltarei com o assunto depois de conversar com o Blanchard Girão.

No dia 23 de abril, novamente a coluna retoma o assunto:

As controvérsias continuam em torno do programa novo do Blanchard Girão, *Um cárcere em meu destino*. Uns dizem que é estímulo aos criminosos, outros são mais compreensivos e opinam por uma transformação do modo de apresentação. Muito discutido, muito escutado. Isto é o que vale. Parabéns!

Dias depois, na edição de 28 de abril, o colunista volta à carga:

Continua causando celeuma o programa *Um cárcere em meu destino*. As reportagens feitas por Luciano Klein são comentadas impiedosamente. Eu tenho a impressão que isso só acontece no meio rádio. Estarei enganado? Acho que não. Vou apurar.

O programa estava decididamente “na boca do povo”. Depois de Idalino, outros presos ocuparam a cena: José Bento, Zé Neguinho, Laçador. “Procurei obter de cada um deles particularidades sobre a infância, a família, a adolescência, grau de instrução e a causa determinante do crime” – acrescenta Luciano Klein. A institucionalidade não perdoou. O Juizado de Menores entrou na jogada e obrigou a emissora a mudar o horário do programa para tarde da noite.

O cardápio de programação da Dragão do Mar ainda era formado por outros programas de naturezas diversas, incluindo humor, esporte, radionovelas, programas musicais e muita informação. Pelas características especiais, as opiniões sobre alguns deles costumam coincidir no relato dos depoentes. Da sofisticação do *Jornal das três Américas*, cujo noticiário era lido em três idiomas (português, inglês e espanhol), ao popular *Clube dos Artistas*, a Dragão se inseriu na rotina de Fortaleza, integrando de forma marcante o processo de formação da cultura urbana da cidade.

O *Jornal das três Américas* foi o grande responsável por consolidar o slogan “*Dragão do Mar: a emissora do Ceará que o mundo escuta*”. O noticiário

era lido por Almir Pedreira (em português), pela professora do IBEU, Leilane Siebra (em inglês) e pelo argentino Ernesto Escudero (em espanhol). A transmissão em ondas curtas da Dragão levava os programas da emissora pelo mundo. A voz de Ernesto Escudero contaminou a cidade, tornando-se ele próprio um elemento diferenciador da Dragão, “a única rádio que tinha locutor importado” – como lembram alguns depoentes, que incorporam nos relatos ingredientes do discurso de modernidade que impregnava o circuito de ressemantização simbólica no período.

O arquiteto Fausto Nilo, letrista sensível, representante emblemático da geração de músicos que cresceu ouvindo rádio, e observador arguto das rotinas da cidade, analisa a programação da Dragão do Mar:

A Dragão tinha uma linha de noticiário diferente, novelas mais modernas, na hora do almoço (onde pela primeira vez ouvi falar de Aderbal Júnior, que era um galã de radionovela). Tinha um programa trilingüe por volta das oito da noite, com um nível de conteúdo surpreendente para aquela época. O locutor era um argentino chamado Ernesto Escudero e a locutora era a Glícia Sales, se não me engano (é bom conferir). Ernesto tinha uma voz civilizada, com sotaque espanhol e muito aveludada, tornando-se meu ídolo radiofônico por sua elegância e capacidade de transmitir informações com caráter cultural refinado. O Escudero virou meu amigo por volta de 1977 como funcionário da antiga gravadora CBS, no período em que Fagner foi diretor do selo EPIC. Nesta época chegamos a recordar sua passagem por Fortaleza. Soube que ele faleceu muito debilitado e miserável, em seu último emprego, como caseiro do estúdio do Lincoln Olivetti, na Taquara, no Rio¹⁴⁷.

3.6. O povão no microfone

O apresentador argentino, com sua voz aveludada, passou a povoar o imaginário das moças da cidade. Jurandir Mitoso, que comandava outros dois sucessos da emissora, o *Clube dos Artistas* e o *Clube dos Brotos*, passou a incluí-lo em seus programas. A Revista Folha do Rádio registra a repercussão que provocava o argentino junto às ouvintes femininas:

¹⁴⁷ Depoimento concedido à pesquisa.

Continuam abafando em nosso Clube dos Artistas as apresentações das sextas-feiras do Ernesto Escudero, declamando uma poesia ou lendo uma carta de amor, na sua língua pátria. Escudero vem recebendo muitos aplausos e cartas de nossas sócias, que não se cansam de ouvi-lo. Escudero está propenso a lançar um programa de boa música para o exterior, como vem fazendo no Jornal da Três Américas¹⁴⁸.

O programa *Clube dos Artistas* ia diariamente ao ar às 10 horas da manhã, sob o comando de Jurandir Mitoso, um dos mais folclóricos radialistas do Ceará, cuja marca era o escracho, “mas sem maldade, graças a Deus” – como gostava de acentuar. Mitoso criou uma inovadora comunidade organizada de ouvintes, que cumpriam um ritual de envolvimento com o programa, através de uma estrutura de poder em que lhes era conferido o cargo de secretário e a distinção de mobilizar os bairros em torno do programa.

O presidente do *Clube dos Artistas* era o próprio Mitoso que também assinava a *Coluna do Clube dos Artistas*, na revista Folha do Rádio, um espaço que utilizava para divulgar os “sócios” do clube, noticiando os aniversariantes do mês e outras informações relacionadas com eles. A coluna funcionava como uma esfera de legitimação dos ouvintes, selando uma relação de fidelidade que transformou o programa num dos maiores sucessos da emissora. Aos ouvintes também era conferido um diploma, assinado pelo presidente de honra do Clube e diretor da rádio, Tácito Pimentel.

Nossos secretários continuam em suas atividades. Como é sabido, o Clube está se estendendo por todos os bairros, inscrevendo sócios e sócias para seu quadro social, que já vai pela casa dos mil. Estamos empenhados para no fim de janeiro atingirmos a casa dos dois mil. Para tanto, já foram nomeados os secretários José Arimatéia Dias, que foi ao Piauí, onde difundiu o grande programa da Dragão e trazendo consigo um número avultado de jovens piauienses. Celsa Ribeiro, residente na Comendador Machado, 283, aumentou também seu número de sócias para o Clube. Jáder Gomes de Azevedo, por sua vez, não está parado. Na Viriato Ribeiro, 571, a procura para ingressar no nosso quadro social é grande. Resolvemos fazer outra nomeação. Desta vez, é o jovem Antônio Cândido Barros, residente na Comendador Alfredo Garcia, 5. Cândido já iniciou suas atividades¹⁴⁹.

O texto acima é indicador da movimentação popular que o programa provocava nos bairros da cidade. Numa época em que a concorrência estava se

¹⁴⁸ Revista Folha do Rádio, nº 71, 01/1961.

¹⁴⁹ Revista Folha do Rádio, nº 71, 01/1961.

acentuando fortemente entre as emissoras, o *Programa do Mito* conseguia a façanha de levar os “astros” das outras estações para serem entrevistados na Dragão, além de fazê-los, de alguma forma, participar da programação, lendo poesia, crônicas, contos, seguindo, enfim, algum *script* preparado pelo roteirista Walse Barbosa. Considerado “a sala de visitas” dos radialistas cearenses, o Clube dos Artistas funcionava como elo de ligação entre os profissionais de rádio e o público, “um traço de união do radialista cearense com o rádio-escuta (ouvinte)” – como classifica notícia da Folha do Rádio¹⁵⁰.

Prosseguem bem movimentadas as sessões matinais das 10 horas do querido Clube dos Artistas. Desta forma damos alguns detalhes do que ocorreu durante o mês. Narcélio Limaverde foi o primeiro narrador de 61, que mais uma vez nos visitou, com o fim de ler uma história escrita por Walse Barbosa. Narcélio, fazendo alarde de grande narrador, deu a mais linda feição à história que contou-nos Walse, do menino pobre que saiu no Natal com paletó grande demais e a garotada a cantarolar, “engole ele paletó, que o dono dele era maior”¹⁵¹.

O *Clube dos Artistas* foi talvez o programa do rádio cearense que mais radicalizou no relacionamento com o público, especialmente no que se refere à linguagem. Num período em que o empolamento da fala ainda marcava o discurso radiofônico, Jurandir Mito chegou com uma linguagem popular, “escrachada” – como o próprio apresentador classifica – estabelecendo grande intimidade com o público, que se materializava através das tradicionais cartas dos ouvintes e do inovador clube de artistas, que emitia carteiras de identidade dos sócios-ouvintes, levando-os a vivenciar um sentimento de pertença a um grupo de distinção social, no caso o dos “astros” do rádio.

Através das cartas, estabeleciam-se conversas, em que os ouvintes faziam pedidos musicais, falavam de suas dores, seus amores, mandavam poesias, indicando o locutor de preferência para que emprestasse voz ao texto. Aliás, a indicação do leitor incluía, inclusive, locutores de outras emissoras, o que levava Jurandir Mito às maiores estripulias, para conseguir levar integrantes dos *cash* da concorrência para falar no microfone do Clube dos Artistas. “Muitas vezes, eu levava um convidado de outra emissora, no caso do Narcélio

¹⁵⁰ Revista Folha do Rádio, nº 6, 04/1960.

¹⁵¹ Revista Folha do Rádio, nº 71, 01/1961.

Limaverde, por exemplo, e ali mesmo eles eram convencidos a assinar contrato com a Dragão"¹⁵². Nas palavras do apresentador, o sucesso do programa é creditado "à participação do povão":

Eu botava o povão pra falar. Na época, o esquema das emissoras era muito rigoroso na fala. O apresentador não podia brincar, tinha que seguir uma formalidade. Eu brincava com o povão, que me conhecia nas ruas, porque eu também fazia futebol. As outras emissoras eram mais elitistas. A Dragão, não. A gente falava a voz do povão¹⁵³.

Podemos buscar na definição que Maria Immacolata Lopes dá para o gênero de programas musicais populares, veiculados hoje, alguns dos elementos que transformaram o *Clube dos Artistas* em campeão de audiência.

A estrutura dos programas musicais populares evoca certo ar de "antigo", assemelhando-os a programas de emissoras do interior ou mesmo de parques, quermeses e circos, com seus pedidos e oferecimentos, seus concursos e prêmios. A origem predominantemente rural dos ouvintes é fonte de sua grande identificação com a estrutura "antiga" desses programas. Pode-se considerar que eles atuam simbolicamente como extensão de relações familiares, primárias e afetivas, promovendo práticas de participação e um conseqüente sentido(representação) de integração no meio urbano¹⁵⁴.

Gostaria de reter da definição de Immaculada a referência à ruralidade, que caracterizava considerável parte da população de Fortaleza no período, expulsa do sertão em decorrência, especialmente, da seca de 1958, num fluxo migratório que duplicou a população da capital. O papel do rádio neste período, aqui e em todo território brasileiro, é definidor na integração deste contingente populacional que se urbaniza e que encontra, em programas como o *Clube dos Artistas*, entre outros, uma esfera de participação e de reatualização das tradições e dos hábitos rurais. O mundo do rádio, com sua dinâmica própria, funciona como um forte articulador de novos vínculos entre o sertão e a cidade.

A condição de sócio-ouvinte, conferida pela Dragão do Mar ao público do Mitoso, promoveu histórias que entraram para o anedotário da radiodifusão cearense. O apresentador conta que, numa determinada ocasião, um ouvinte

¹⁵² As falas de Jurandir Mitoso são de depoimentos concedidos à pesquisa.

¹⁵³ Depoimento concedido à pesquisa.

¹⁵⁴ LOPES, Maria Immacolata V. O rádio dos pobres – comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. 1ª edição, São Paulo:Edições Loyola, 1984, p.121.

teve que responder alguma coisa na delegacia do bairro e, atendendo a uma solicitação do delegado, apresentou a carteira do *Clube dos Artistas* como identidade pessoal. As características da personalidade do apresentador Jurandir Mitoso cabe nas definições de Márcia Vidal, que traça o perfil do locutor apresentador de programas musicais populares e que cito abaixo:

O locutor-apresentador utiliza diversos recursos técnicos, para gerar no ouvinte um acentuado processo de identificação essencialmente no plano telúrico, levando-o a emocionar-se ao relacionar a música com sua terra, suas origens, seus costumes, suas raízes, enfim. Nos grandes centros urbanos, as pessoas que, muitas vezes, deixaram suas localidades de origem à procura da sobrevivência e de melhores condições de vida, sentem-se momentaneamente em casas, reconhecidas, respeitadas, valorizadas em sua identidade original. Esse referencial cultural musical cria entre o ouvinte e o apresentador um nível de afetividade muito intenso¹⁵⁵.

O *Clube dos Brotos*, que ia ao ar às 15 horas, também marcou a programação da emissora. O programa era voltado para um público jovem e só veiculava *rock and roll*. Para este, o apresentador nomeou Elvis Presley como padrinho, e Cely Campelo como madrinha, criando novas “bossas” na cidade. Os discos de rock utilizados na programação, muitas vezes, eram trazidos diretamente dos Estados Unidos. “Doutor Tácito Pimentel trazia diretamente da América uns discos que ninguém na cidade tinha” – observa o radialista. Até hoje em atividade, levando ao ar o mesmo tipo popular de programa, Jurandir Mitoso, 69 anos, ainda é responsável por uma das maiores audiências no estado, o Pajaraca Show, na rádio Cidade.

3.7. Um banquinho, um violão...

A relação entre o rádio brasileiro e a música popular foi muito forte desde o início. Cabe afirmar que o rádio nasceu musical, transformando-se num grande centro gerador de “astros” populares, que passaram a freqüentar o imaginário da

¹⁵⁵ NUNES, Márcia Vidal. Op. Cit., p.96-97.

¹⁵⁶ Os recursos arrecadados financiavam obras beneficentes para a categoria dos radialistas, como hospitais, por exemplo.

juventude. Veículo impulsionador de carreiras, o rádio foi responsável pelos primeiros fenômenos artísticos de popularidade. O templo que produzia e guardava estes astros eram os programas de auditório. Cantar num programa de auditório, como o do César de Alencar, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, era conseguir o passaporte para a fama. Ali, foram produzidas carreiras de sucesso nacional, como as de Orlando Silva, Cauby Peixoto, Emilinha Borba e Marlene, para só falar de alguns dos casos mais emblemáticos. As duas últimas foram responsáveis pelos já folclóricos embates entre os fã-clubes, que contaminaram o país reunindo os apaixonados das “estrelas” da música.

Em 1948, a Associação Brasileira do Rádio – ABR criou uma instância formal de reconhecimento dos artistas que constituíram suas carreiras no rastro das ondas hertesianas. Foram os famosos concursos que escolhiam a Rainha do Rádio, anualmente, e que transformavam os programas de *César de Alencar* e de *Manoel Barcelos* em verdadeiras praças de guerra. O concurso mais polêmico foi o realizado em 1949, ano em que a cantora Emilinha Borba era a favorita. Como os votos eram vendidos¹⁵⁶, a Cervejaria Antártica patrocinou a concorrente e deu Marlene na cabeça. Até hoje, mais de cinquenta anos depois, esta disputa ainda está no imaginário popular brasileiro.

Estes rituais a que os programas de auditórios davam lugar, além de promover as carreiras dos ídolos de rádio das décadas de 40 e 50, também se estabeleceram como novos espaços de socialidade, de encontro, de uma grande parcela das populações urbanas brasileiras, que se viram inseridas no processo de fabricação de novas referências simbólicas do país e compartilhavam dele. Os programas de auditório, além de terem cumprido os papéis acima referidos, nos anos 40 e 50, ainda foram os principais elos da música popular com a geração que nos anos seguintes, as décadas de 60 e 70, iria ocupar a cena musical do país.

Foi na escuta do rádio e/ou nos programas de auditórios que artistas como Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Raimundo Fagner,

¹⁵⁶ Os recursos arrecadados financiavam obras beneficentes para a categoria dos radialistas, como hospitais, por exemplo.

Fausto Nilo, ainda de calças curtas, receberam as primeiras informações musicais, que iriam decididamente influenciar o sentido de suas elaborações artísticas. As canções, as notícias, o futebol, a política, as novelas, Luiz Gonzaga, Vicente Celestino, Ester de Abreu, a bossa nova, são todas referências comuns de uma geração que, formada sob a égide ingênua e apaixonada do melodrama, ocupou o papel de protagonista nas décadas seguintes.

Avó, eu vou pra Itália. Quando eu voltar, provavelmente a senhora estará morta. Mas não se preocupe. Eu vou me tornar um cantor de rádio. É só a senhora ligar o rádio do céu que vai escutar.

O texto compõe um bilhete escrito por Francisco Buarque de Holanda, quando, então menino de oito anos, mudou-se com a família para a Itália. O bilhete era endereçado a sua avó e consta de um artigo escrito pelo pai do menino, Sérgio Buarque de Holanda, publicado na primeira edição da revista *Pais & Filhos*, em 1968, num depoimento sobre o filho que, naquele momento, iniciava a carreira, com a conquista do primeiro lugar no II Festival da TV Record (1966), com a canção *A banda*¹⁵⁷.

A citação acima nos é bastante cara, porque traduz o que significou o rádio para a formação da geração de artistas que surgiu no início dos rebeldes anos 60. Assim como Chico Buarque, um dos artistas brasileiros que sintetiza com mais vigor o espírito daqueles anos, uma geração inteira cresceu sob o impacto das informações radiofônicas.

Fausto Nilo, parceiro de Chico, também teve sua formação musical irremediavelmente ligada ao rádio. Garoto de Quixeramobim, Ceará, Fausto conta que o mundo de fora do estado chegava ao interior, antes inclusive das referências de Fortaleza:

Pelas rádios Tamandaré e Jornal do Comércio, de Recife, a Rádio Sociedade da Bahia e as cariocas Tupi e Nacional. Através das rádios, eu cresci me imaginando por estas cidades. Eu era capaz de dizer diversos nomes das ruas de Recife, antes de conhecer Fortaleza.

Em 1955, já morando em Fortaleza, nos programas de auditório eu via e ouvia ao vivo os grandes cantores nacionais e as orquestras. Na audição doméstica, por esta época eu ouvia futebol e o noticiário a ele relacionado, algumas novelas e, com especialidade, os programas de

¹⁵⁷ Citação da Revista Nova História. Ano I, nº 8, 06/2004.

disc-jóqueis, o que era uma novidade lançada aqui, por volta de 58 ou 59. Por meio deste tipo de programa (e eu ouvia a todos) eu conheci a recém-lançada forma de canção que veio a ser chamada de bossa nova. Eu ouvia tanto os programas de música que era capacitado a fisgar o sucesso que eu queria ouvir num determinado momento porque sabia onde a canção estaria tocando, uma vez que eu praticamente conhecia os roteiros das programações de tanto ouvir e rolar o botão no *dial*. No rádio eu capturei de forma nervosa os sucessos de Neil Sedaka, Elvis, João Gilberto, Carlos Gonzaga, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Núbia Lafayette, Luiz Gonzaga e muitos outros.

O testemunho do compositor sinaliza a oferta simbólica heterogênea que passa a compor o repertório cultural da vida urbana de Fortaleza. Assiste-se a um processo de encontro de referências de naturezas distintas, que passam a alimentar o processo de formação de uma indústria cultural de massa, que apenas se inicia no estado. Este painel de gostos diversos pode ser identificado no conjunto da programação da Dragão do Mar, que estamos a descrever neste capítulo. A emissora, também no quesito musical, dá provas de sua atenta sintonia com a demanda da cidade.

O estranhamento provocado pela bossa nova, nas esferas de legitimação da tradicional música popular brasileira, como as colunas especializadas, por exemplo, já se deixava notar na imprensa local. Lançada em 1958, a bossa nova começava a aparecer nas programações das emissoras.

No reino da “bossa nova”, os ritmos ocupam posição privilegiada. As músicas perdem um pouco o sabor das coisas agradáveis. O negócio é só gritar, latir e desafinar. Ótima oportunidade para ser artista¹⁵⁸.

O diretor de teatro, Aderbal Freire Filho, integrante da primeira equipe da Dragão do Mar, lembra o primeiro contato com o novo ritmo:

Era um dia normal na rádio, 58 ou 59, quando parei na discoteca, onde ia sempre (tanto que depois fui discotecário, substituindo o inesquecível Ernesto Escudero), e botei pra tocar aquele disco *Chega de saudade*. E foi juntando gente. A maioria achando ruim: “porra Aderbal, que diabo é isto? Bota aí o Altemar Dutra”.... Mas juntou gente, virou assunto, eu me apaixonei, outros também gostaram... Vamos programar, pessoal. Não tinha ainda um programa meu, mas quando tive, a influência desta tarde estava lá. Um dos meus primeiros programas se chamou *Bossa um*, inspirado no nome do conjunto Bossa três. O um era eu mesmo, só apresentando as novidades da bossa nova¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Jornal O Povo, 06/04/6, p.7.

¹⁵⁹ Entrevista concedida à pesquisa.

A despeito do estranhamento que o novo ritmo provocou, a Rádio Dragão do Mar promoveu um show de João Gilberto, “A bossa nova em pessoa” – como avisa o anúncio publicado na edição do jornal O Povo¹⁶⁰ (Foto 6). O show ocorreu no Clube dos Diários, com transmissão ao vivo pela Dragão do Mar. Esta promoção da emissora também nos sinaliza com mais um elemento da diversidade cultural que compunha a programação da emissora, e que pode ser identificado como o apelo principal do processo de diferenciação que marcou a primeira fase de atuação da rádio. Não que a programação das outras emissoras não oferecessem um cardápio de atrações diversas. Mas o senso de oportunidade e o caráter impetuoso da Dragão do Mar talvez traduzissem com mais fidelidade o clima cultural que o país experimentava, e, em consequência, tivessem estabelecido vínculos maiores com o cotidiano de Fortaleza.

A programação da Dragão ainda incluía programas humorísticos, como o *Zé com Fome*, apresentado pelo Almir Pedreira, uma espécie de crônica, que explorava com humor “os assuntos mais perto do povão”¹⁶¹. A cobertura de futebol de emissora reuniu lendários narradores e comentaristas, como Paulino Rocha, Gomes Farias, e Jurandir Mitoso. Alguns deles ainda ocupando, hoje, a cena radiofônica do estado.

O interessante na análise dos depoimentos coletados nesta pesquisa¹⁶² é de que as referências sobre as novelas da Dragão aparecem de forma difusa. Elas estavam lá, na programação, fizeram sucesso, mas o uso que a memória dos depoentes deu às novelas foi bastante inexpressivo, comparando com a presença fortemente mencionada de programas como *A nossa palavra*, *Um cárcere em meu destino* e o *Clube dos artistas*. Entendemos que o silêncio referido às novelas da Dragão sinaliza para o reconhecimento anteriormente conferido à Ceará Rádio Clube, na área da radionovela. Provocados sobre que programas de rádio eram mais interessantes, os depoentes seguem a linha: as

¹⁶⁰ Jornal O Povo, 06/05/1960, p.4.

¹⁶¹ GIRÃO, Blanchard. *Sessão das quatro: cenas e atores de um tempo feliz*. Fortaleza: ABC: Fortaleza, 1998, p.335.

¹⁶² O conjunto de depoimentos desta pesquisa reuniu, além de profissionais do rádio, pessoas comuns que viveram a “era do rádio”.

novelas da PRE9, os programas de auditório da Iracema e os jornais narrados da Dragão, com explícitas referências à crônica *A nossa palavra*.

A Dragão é fortemente lembrada pela sua ação política e social na cidade, tendo se estabelecido como uma esfera pública de participação, num momento em que o Ceará inicia a experiência de vivenciar o que Martín-Barbero define como a reconfiguração das mediações, reintrodutora na trama política as mediações da sensibilidade, que o racionalismo do “contrato social” acreditou poder superar¹⁶³. O uso explícito da emissora na campanha política de 1958 e em momentos ulteriores marcaram profundamente a rádio como um instrumento de intervenção popular. Aqui, ratifico a inspiração em Barbero na leitura das gramáticas de ação que regulam a interação entre os espaços e os tempos da vida cotidiana de Fortaleza e os espaços e os tempos que conformam a Rádio Dragão do Mar. Especialmente no sentido de que “os meios de comunicação constituem espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e produção cultural”¹⁶⁴.

Como se faz um doutor foi um dos programas que estrearam no dia da inauguração da emissora, com uma equipe que reuniu nomes como Aderbal Freire, Blanchard Girão e Juarez Barroso. Aderbal Freire descreve o formato do programa:

Era um programa de radioteatro, num tom entre o humor e a crônica de costumes, de que não tenho notícias em outras rádios, de qualquer cidade, pelo menos na qualidade de roteiro, texto, com uma equipe culta e inteligente (Juarez poucos anos depois foi para o Jornal do Brasil, onde, entre outras coisas, substituiu ninguém menos do que o Carlos Drumont como cronista, nas férias do poeta), o Blanchard, o Ruy. O narrador do programa era Almir Pedreira, e o protagonista, o jovem que vivia todas as agruras para se fazer doutor, era eu¹⁶⁵.

Um outro programa inovador também compunha a grade de programação da rádio. Com um formato de minicontos, de duração de até três minutos, o *Contador de estórias* entrava no ar pelo menos três vezes durante a noite, com a locução de Almir Pedreira. Dividiam a escrita das pequenas histórias Blanchard Girão e Juarez Barroso. Escritor talentoso, Juarez encontrou no mundo do rádio o

¹⁶³ MARTIN-BARBERO, Op. Cit., p.14.

¹⁶⁴ Id. Ibidem., p.20.

¹⁶⁵ Depoimento concedido à pesquisa.

primeiro espaço para expressão de sua literatura, que depois iria dividir com o exercício da profissão de jornalista. O formato do *Contador de estórias* nos serve como elemento para incluir uma discussão pertinente sobre que o podemos classificar de primeira fase de produção de uma cultura de mercado no Ceará.

O programa utiliza como matéria-prima a produção literária, cuja lógica de produção é completamente estranha à lógica da cultura de mercado que caracteriza a criação dos veículos de comunicação de massa. Mas, para além de ser estranha, a situação repete uma realidade que pontuou o primeiro momento da produção da cultura de massa no Brasil, caracterizado por uma insuficiente institucionalização e por uma simbiose entre as diversas esferas de criação.

Numa análise do momento e utilizando como referencial comparativo a experiência europeia, Renato Ortiz¹⁶⁶ identifica a inexistência de uma contradição entre cultura artística e cultura de mercado, o que possibilita um trânsito livre entre esferas regidas por lógicas diferentes. A intimidade entre jornalismo e literatura é um caso clássico no Brasil, com o primeiro servindo de fonte de renda e de prestígio para o segundo. No Ceará, nesta primeira fase da indústria de massa, são de fácil identificação os sinais da fragilidade da ainda incipiente lógica de mercado.

A mobilidade de profissionais entre os setores (rádio, jornal e, a partir de 1960, a televisão), o imprevisto, a falta de especialização e a divisão da jornada de trabalho com atividades de outras naturezas, especialmente o serviço público, são sinais das condições objetivas em que foram assentadas as bases da nossa indústria cultural. O processo de criação da publicidade veiculada no rádio é também recheado de amadorismo. Excluindo as publicidades das multinacionais, que já chegavam prontas, pois vinham casadas com os capítulos das novelas negociadas com as grandes emissoras do eixo Rio-São Paulo, os anúncios da rádio cearense eram feitos, normalmente, pelos próprios apresentadores de programas.

¹⁶⁶ CARVALHO, Gilmair. *Publicidade em cordel e mito do consumo*. 1ª edição. São Paulo:

¹⁶⁶ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.29.

A primeira tentativa de profissionalizar a publicidade no Ceará ocorreu em 1953, com a implantação da Propag, de Antônio Girão Barroso. "Esse embrião de empresa se antecipava, em mais de dez anos, à tendência irreversível do mercado de se organizar em bases empresariais"¹⁶⁷. A partir da década de 60, as grandes agências nacionais e estrangeiras, McCann Ericksson, a Norton e a Denison, passaram a abrir filiais no Ceará. Em 1964, Tarcísio Tavares e Eduardo Brígido juntam-se e criam a Publicinorte. No ano seguinte, Barroso Damasceno funda a Scala. Inicia-se, neste período, o processo de profissionalização do mercado publicitário cearense¹⁶⁸.

Annales, de Lucien Febvre e March Bloch? Ambos denunciaram o caráter de superficialidade das narrativas rankeanas, em prol da história das estruturas, a qual serviu de inspiração para as gerações seguintes.

Peter Burke, em artigo¹⁷⁰ sobre o assunto, alude ao suposto caráter repetitivo da história do fazer histórico - "a historiografia, como a história parece-se repetir, com variações" - a origem do retorno do acontecimento à rotina do historiador. Décadas depois das críticas às narrativas rankeanas, os herdeiros da mesma tradição francesa dos *Annales* integram o movimento de abertura de novos campos e de novas abordagens, que eclodiu nas décadas de 60/70, como contraponto à derrocada das chamadas grandes narrativas. Neste feito, retoma o fato.

Pierre Nora credits especialmente aos meios de comunicação de massa o sentido histórico que caracteriza o presente da era contemporânea. "Nenhuma época se viu, como a nossa, viver seu presente como já possuído de um sentido histórico"¹⁷¹ - acentua Nora. Nesta instigante abordagem, o historiador constrói o percurso do que se costumou chamar de acontecimento e mostra de que forma, em nome das permanências, ele foi aprisionado nas sociedades tradicionais pelos poderes instituídos, através dos mitos. Os mídias libertaram o acontecimento, aproximando-o do cotidiano.

¹⁶⁹ Referência ao historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886).

¹⁷⁰ BURKE, Peter. A história do acontecimento e o renascimento das narrativas. In: *A escrita da história*, de Hayden White, p. 100.

¹⁶⁷ CARVALHO, Gilmar. Publicidade em cordel: o mote do consumo. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2002, p.22.

¹⁶⁸ O percurso histórico da publicidade do Ceará pode ser acompanhado em Publicidade em Cordel, de Gilmar de Carvalho. *Revista de História*, 1995, p. 100.

Capítulo 4

A Dragão do Mar e o povo nas ruas

O chamado retorno do fato, do acontecimento histórico, nos chegou no rastro dos movimentos de renovação historiográfica que marcaram o último século, colocando o historiador contemporâneo diante de um dilema: como reintroduzir, na operação histórica, um elemento que o remete à chamada pré-história da historiografia moderna, a era rankeana¹⁶⁹, alvo principal dos ataques da primeira fase da *Escola os Annales*, de Lucien Febvre e March Bloch? Ambos denunciaram o caráter de superficialidade das narrativas rankeanas, em prol da história das estruturas, a qual serviu de inspiração para as gerações seguintes.

Peter Burke, em artigo¹⁷⁰ sobre o assunto, alude ao suposto caráter repetitivo da história do fazer histórico - "a historiografia, como a história parece se repetir, com variações" - a origem do retorno do acontecimento à rotina do historiador. Décadas depois das críticas às narrativas rankeanas, os herdeiros da mesma tradição francesa dos *Annales* integram o movimento de abertura de novos campos e de novas abordagens, que eclodiu nas décadas de 60/70, como contraponto à derrocada das chamadas grandes narrativas. Neste leito, retorna o fato.

Pierre Nora credits especialmente aos meios de comunicação de massa o sentido histórico que caracteriza o presente da era contemporânea. "Nenhuma época se viu, como a nossa, viver seu presente como já possuído de um sentido histórico"¹⁷¹ - acentua Nora. Nesta instigante abordagem, o historiador constrói o percurso do que se costumou chamar de acontecimento e mostra de que forma, em nome das permanências, ele foi aprisionado nas sociedades tradicionais pelos poderes instituídos, através dos ritos. Os mídias libertaram o acontecimento, aproximando-o do cotidiano.

¹⁶⁹ Referente ao historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886).

¹⁷⁰ BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento das narrativa. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes, 4 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.327.

¹⁷¹ NORA, Pierre. *O retorno do fato*. In: *História: novas abordagens*. Tradução de Theo Santiago. 4 ed. Rio de Janeiro. Editora: F. Alves, 1995, p.180.

Este novo movimento aproxima as duas categorias: a primeira, o acontecimento, relaciona-se ao extraordinário, freqüenta as manchetes dos meios de comunicação; a segunda, o cotidiano, ocupa um lugar inverso, o lugar do não importante. A aproximação destas categorias não significa – lembra Nora – que não haja mais diferenças entre as duas.

Não que não haja mais diferença entre o fato cotidiano e o acontecimento; mas sobre qualquer acontecimento no sentido moderno do termo, o imaginário de massa quer poder enxertar qualquer coisa do fato cotidiano: seu drama, sua magia, seu mistério, sua estranheza, sua poesia, sua tragicomicidade, seu poder de compensação e identificação, o sentimento de fatalidade que o acompanha, seu luxo e sua gratuidade. O imaginário pode, dessa forma, apropriar-se de qualquer fato cotidiano e fazê-lo atravessar, pelas mudanças de acontecimentos sucessivos, o cabo do acontecimento mais maciço, no momento mesmo em que a história faz sentir sua degradação em fatos cotidianos¹⁷².

A discussão acima, que me obriguei a fazer no início deste capítulo, tem como objetivo afastar a narrativa que se segue do sentido de superficialidade que se costuma imputar aos relatos dos acontecimentos. Procurarei, neste último capítulo, a partir de “grandes acontecimentos” ocorridos no período - assim definidos, a partir dos acentos das lembranças dos depoentes sobre determinados fatos – , analisar a articulação da Rádio Dragão com o cotidiano de Fortaleza. Uma abordagem que relaciona o acontecimento e a cultura em que ocorrem. Como nos sugere Nora,

Fazer do acontecimento o lugar temporal e neutro da emergência brutal, isolável, de um conjunto de fenômenos sociais surgidos das profundezas e que, sem ele, continuariam enterrados nas rugas do mental coletivo. O acontecimento testemunha menos pelo que traduz do que pelo revela, menos pelo que é do que pelo que provoca. Sua significação é absorvida na sua ressonância; ele não é senão um eco, um espelho da sociedade, uma abertura¹⁷³.

4. 1. O Inventário da Assembléia

No conjunto de relatos dos depoentes, o primeiro “grande” evento que relaciona a presença da Dragão do Mar com a cidade de Fortaleza é a “eleição

¹⁷² NORA, Pierre. Op.Cit., p. 184 -185.

¹⁷³ Id. Ibidem. p.188.

do Parsifal". A explosão de memórias nos leva ao que se nomeou de o *Caso do Inventário*, um episódio que aconteceu depois das eleições de outubro de 1958, mas que se mistura muitas vezes nas lembranças com o processo eleitoral. Na verdade, o clima de tensão que marcou a sucessão estadual naquele ano justifica esta mistura de impressões, considerando que, mesmo com a vitória do PSD/PTB (Chapa Oposições Coligadas) sobre a chapa Virgílio Távora/Acrísio Moreira da Rocha, da chapa Coligação Democrática (UDN /PSP), o confronto entre os dois grupos políticos continuou.

A Assembléia Legislativa do Estado foi o palco da crise. Ali, no apagar das luzes do governo Flávio Marcílio, um grupo de deputados (incluindo integrantes dos partidos que perderam as eleições, mas também do próprio PSD) planejara uma série de nomeações de familiares e apadrinhados políticos para cargos no serviço público estadual. A Rádio Dragão do Mar, iniciou uma campanha que chamou de "Salvação do Ceará", denunciando os planos de empreguismo e alertando para o peso que significaria para o erário público, já bastante atingido pela estiagem do ano, as nomeações caso fossem aprovadas.

A Dragão foi literalmente pras ruas. A emissora convocou a população para pressionar os deputados, e, com uma unidade móvel, os próprios radialistas comandaram a manifestação em torno do prédio da Assembléia Legislativa. Era o dia 4 de dezembro e o clima na cidade pegava fogo. Alguns radialistas que participaram do ato lembram que a manifestação surpreendeu a eles próprios. "Eu nunca vi coisa igual. O clima ficou tão tenso que, diante da repressão policial, nós usamos os mesmos microfones para pedir a população para recuar" – lembra Blanchard Girão.

O clima que a cidade viveu foi de extrema tensão. Representantes de entidades empresariais, preocupados com o que definiram "de ordem pública", reuniram-se com alguns deputados também como forma de pressão, para evitar a aprovação das medidas. No mesmo dia, do governador Flávio Marcílio os empresários conseguiram o compromisso de que o chefe do Executivo vetaria qualquer lei que comprometesse o orçamento do estado.

Mas o impasse já estava criado. Com a prisão de dois radialistas da emissora e do contínuo Alberto Lima, menor de 11 anos, durante a manifestação

pública, por ordem do então Secretário de Segurança do Estado, Severino Sombra, as entidades representativas dos profissionais de imprensa, a Associação Cearense de Imprensa – ACI e o Sindicato dos Jornalistas do Ceará, ficaram em estado de alerta. Na noite do dia 4, a ACI estava em reunião ordinária, quando a notícia chegou. Uma comissão dirigiu-se até a casa do governador Flávio Marcílio, para exigir a liberação dos radialistas da Rádio Dragão do Mar. Inicia-se uma série de acontecimentos, que culminaram com o fechamento da emissora, no dia 18 de março, num episódio de enorme repercussão na cidade.

As manchetes de jornais não pouparam a ação do secretário. Os dois principais jornais da cidade fizeram coberturas diferenciadas, apesar de ambos assumirem a bandeira da liberdade de expressão para condenar a ação policial do governo de Flávio Marcílio. O jornal O Povo, em editorial de primeira página, denuncia as arbitrariedades contra os radialistas presos, mas condena a participação da Rádio Dragão do Mar no episódio. Com o título “Em defesa da liberdade de imprensa e contra os excessos de linguagem”, o editorial critica a postura da Rádio Dragão do Mar, “que, numa atitude desaconselhada pelo bom senso, concitou a massa à depredação do legislativo”.

A cobertura do jornal Unitário contra a repressão policial às manifestações de populares foi bastante contundente. “Arbitrariedades contra radialistas. Abusos revoltantes a pretexto de reprimir possíveis desordens na cidade” – as manchetes do jornal, no dia 5, assumiram a defesa dos manifestantes. “O povo cercou pacificamente a Assembléia” – reforçava o repórter, nas páginas internas do diário, o ataque ao secretário Severino Sombra. As arbitrariedades da polícia estadual, no caso, indicam a continuidade do clima de violência que seguiu todo o processo eleitoral, e a situação de tensão social estabelecida na cidade.

Dias atrás, no dia 15 de novembro, ali mesmo, houve uma manifestação popular contra o aumento do pão e das passagens dos ônibus, com ameaças de incêndio do prédio da Assembléia Legislativa. A partir daí, grupos de policiais passaram a ocupar o prédio, para proteger os deputados.

É um prédio ameaçado. Falamos da Assembléia Legislativa, levada à desmoralização pelos seus próprios deputados, numa onda de vergonhosos atentados contra os cofres públicos. Ontem, o velho prédio sofreu um novo cerco. Um cerco pacífico, no qual o silêncio dos

circundantes foi a única manifestação de revolta. Entretanto, dezenas de policiais foram mobilizados para reprimir¹⁷⁴.

No mesmo dia da prisão dos radialistas, um fato tensionou ainda mais o clima no prédio central da polícia, apesar de ter ocupado apenas um parágrafo no corpo da matéria sobre a prisão dos radialistas. Um garoto, preso por pequenos furtos, morreu de fome nas celas da prisão. O jornal relata que, depois de passar horas a berrar, pedindo comida, um garoto de nome José Augusto Filho, de 14 anos, “morreu à míngua na polícia”. Outro menor, Raimundo Ló, foi transferido para o Hospital Pronto Socorro e, depois de alimentado, conseguiu sobreviver¹⁷⁵.

A prisão dos radialistas teve repercussão nacional, provocando discursos no Senado, feitos pelo governador eleito Parsifal Barroso, no exercício de seu mandato parlamentar, que denunciou a violência contra as liberdades de imprensa. Os discursos políticos voltaram a se inflamar. Parsifal informa na imprensa que, quando assumir o governo, suspenderá todos os pagamentos das despesas resultantes do Inventário.

Se a Assembléia está disposta a acabar com o Tesouro, o governador também se dispõe a defendê-lo. Aceito a luta. E tenho a certeza de que contarei com o apoio de todo o povo do Ceará¹⁷⁶.

A crise política estava na boca do povo, ou melhor, nos ouvidos do povo, num processo de radicalização da visibilidade das ações políticas, que a cidade passa a experimentar a partir exatamente da consolidação do rádio como mídia de massa¹⁷⁷. Aqui, as relações entre o poder constituído e a população indicam sugestivas modificações, na medida em que o ato de tornar públicas as ações governamentais, incluindo aí as de caráter lesivo aos interesses da população, ganha um instrumento potencializador de visibilidade. Os dois cercos promovidos em torno da Assembléia Legislativa, acima referidos, nos dão sinais da interlocução que se estabelece entre o público e o poder instituído, a partir da emergência da arena mediada da política.

¹⁷⁴ Jornal Unitário, 05/12/1958, p.2.

¹⁷⁵ Id.Ibidem.

¹⁷⁶ Jornal Unitário, 04/12/1958.

¹⁷⁷ John B. Thompson desenvolve interessante descrição sobre a o percurso histórico da natureza da visibilidade política e sua relação com o poder, em *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, no capítulo 4.

A Rádio Dragão do Mar continua no ar informando sobre o caso. O Secretário Severino Sombra, por outro lado, seguiu ameaçando jornalistas, convocando-os para depoimentos, decretando prisões. Neste movimento de caça às bruxas, o secretário subestimou o sentimento corporativo dos profissionais de imprensa e, além de perseguir os profissionais da Dragão, para quem se recusava a dar qualquer tipo de informação, desencadeou uma série de ameaças contra jornalistas de outros veículos de comunicação que se engajaram na luta em defesa das liberdades de expressão. Narcélio Limaverde, Adísia Sá, Armando Vasconcelos foram alguns dos profissionais que receberam ameaças. A emissão de mandato de segurança, impedindo o fechamento da Rádio Dragão do Mar, o qual havia sido determinado pelo presidente da Comissão Técnica do Rádio, general Olímpio Mourão Filho, acirrou ainda mais os ânimos.

O jornal O Povo divulga as razões pelas quais o general Olímpio Mourão resolveu dar a ordem para fechar a emissora.

Baseia-se a medida num documentário, gravado em papel magnético, de uma série de programas daquela emissora cearense, em que ao ensejo de combater-se como lesivo aos interesses do erário estadual, o chamado *Inventário* da Assembléia Legislativa, descambou para o incintamento, à desordem e ao desrespeito à autoridade constituída¹⁷⁸.

O secretário Severino Sombra, num ato explícito de retaliação, intensificou as perseguições contra os profissionais da imprensa. O jornal Unitário, que teve participação importante na cobertura do caso, descreveu em detalhes as ações do secretário, explicitadas no pedido de *habeas-corpus* preventivo de 43 jornalistas, para assegurar a garantia do exercício profissional:

Estão sendo procurados pela polícia, com os mesmos objetivos de constrangimento, pois não são réus em qualquer processo, os jornalistas Blanchard Girão, que, para não ser preso, no dia em que colaria grau pela Faculdade de Direito do Ceará, se refugiou no lar do deputado Francisco de Menezes Pimentel, até a hora em que seus colegas o foram buscar, coletivamente, e conduzi-lo ao Theatro José de Alencar; Irapuan Augusto Borges, Maria Adísia Barros Sá, que têm tido as suas residências vigiadas pelos carros da rádio patrulha e ali foram procuradas para serem levados à Polícia, sem que hajam cometido nenhum crime, nem estejam respondendo nenhum processo; finalmente, a residência do jornalista Salomão Pinheiro Maia foi

¹⁷⁸ Jornal O Povo, 8 e 9/12/1958, p.3.

invadida, no dia 7 do corrente, à tarde, por policiais que ali entraram sem prévio conhecimento.¹⁷⁹

A cidade amanheceu o dia 11 sob um clima de expectativa, na espera da decisão do Tribunal de Justiça do Estado sobre o pedido de *habeas-corpus* dos jornalistas. “A ameaça paira sobre toda uma classe – liberdade de ação para os jornalistas e radialistas” – a manchete abria a primeira página do Unitário. A decisão da justiça foi favorável ao pedido de *habeas-corpus*, que foi concedido por oito votos contra dois. Mas os ânimos não se acalmaram, mesmo com o recuo do governador Flávio Marcílio, que anulou vinte das nomeações previstas no *Caso Inventário*.

Políticos do PSD, partido que detinha o controle da emissora, entraram em campo em defesa da rádio. O senador eleito Menezes Pimentel interferiu junto ao Ministério da Justiça, solicitando a resolução do caso. Ameaçaram romper com o governo federal, caso o fechamento da rádio se concretizasse. O deputado Franklin Chaves, diretor-superintendente da Dragão do Mar, deu entrevistas falando em agressão às liberdades:

A Rádio Dragão do Mar está sendo vítima de incompreensões. (...) não podemos negar que o Ceará esteja atravessando uma das crises mais sérias. Os homens do governo não estão correspondendo à confiança do povo que os elegeu. Antes do término de seus mandatos iniciaram a criação de um série de cargos, beneficiando amigos, e o povo começou a reagir e repudiar os seus métodos. A inquietação se foi avolumando e Rádio Dragão do Mar, instrumento novo de publicidade, não poderia deixar de sintonizar com a opinião pública do Estado, como veículo de publicidade, divulgando tudo aquilo que vinha ocorrendo na Assembléia Legislativa¹⁸⁰.

A movimentação dos políticos do PSD não sensibilizou o general Mourão Filho, que insistiu no fechamento da emissora. Depois de ver seu pedido de demissão recusado pelo Ministro da Aviação, o general executou a ordem. Um dia depois da entrevista do deputado Franklin Chaves, o presidente da Comissão Técnica do Rádio confirmou a medida de punição à emissora.

O deputado Frankin Chaves esteve no meu gabinete e, numa conversa cordial, concluiu que a sua emissora está em situação irregular. Aliás,

¹⁷⁹ Jornal Unitário, 11/12/58, primeira página

¹⁸⁰ Jornal Unitário, 16/12/1958

ele mesmo, voluntariamente, retirou o mandato de segurança que impetrou para garantir a continuidade de suas atividades¹⁸¹.

“Fechada afinal a Dragão do Mar” – as manchetes do dia confirmaram a decisão do general Olímpio. A emissora foi fechada, às 17 horas do dia 18. Apesar do fechamento da emissora ter se configurado numa clara represália política, a justificativa para o fechamento foi baseada na situação irregular da Dragão do Mar. Para entrar no ar, a emissora tinha adquirido a licença especial, que permitia a veiculação apenas de conteúdo musical, durante o primeiro mês de funcionamento, enquanto saía a licença definitiva. A emissora permaneceu no ar sem a licença definitiva, veiculando conteúdos variados, até a crise do *Caso Inventário*.

A emissora ficou fechada apenas 24 horas. Acordos políticos juntaram-se à pressão da opinião pública e, no dia 19, exatamente às 17 horas, o som da Dragão do Mar voltou a ser ouvido na cidade. A emissora recebeu um prazo de vinte dias do Departamento de Correios e Telégrafos, para sanar as irregularidades. Após o prazo, uma nova vistoria decidiria pela licença definitiva para o funcionamento da rádio. No ano seguinte, o PSD vende a emissora para o empresário Moysés Pimentel, que intensifica o caráter dos discursos nacionalistas dos programas da Dragão do Mar, aliando a emissora definitivamente aos setores políticos que ocuparam a cena pública até o ano de 1964, quando foram atingidos pelo golpe militar.

O *Caso Inventário* ainda explicitou com que desenvoltura os homens de farda circulavam nas esferas federais de poder, mesmo em período dito democrático. O general Olímpio Mourão assegurou uma decisão pessoal que contrariava os interesses diretos do próprio PSD, partido do presidente JK. O mesmo general, em 1964, tornou-se um dos personagens principais do golpe militar que destituiu o presidente João Goulart. Ao lado do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, Mourão comandou as tropas sediadas em Juiz de Fora, Minas Gerais, uma das pontas da conspiração do movimento que implantou a ditadura.

¹⁸¹ Jornal Unitário, 17/12/1958, p.1.

4.2. Orós e Chessman: do local ao global

Rádio Dragão do Mar – a mais ouvida do Ceará. Durante os trágicos acontecimentos do Orós, a Rádio Dragão do Mar comandou a maior rede de emissora no Brasil, em todos os tempos. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, o Brasil ouve o Ceará pela Dragão do Mar.

A Rádio Dragão do Mar convida a qualquer um de seus prezados clientes, que possua pesquisa própria, a verificar se existe no Ceará uma emissora de maior audiência. Abonaremos um ano de publicidade a qualquer empresa que provar que a rádio dragão do Mar não é somente a mais ouvida do Ceará. Rádio Dragão do Mar – a emissora do Ceará que o mundo escuta.¹⁸²

O texto acima compõe o sugestivo anúncio (Foto 7) que a Dragão do Mar publicou, em abril de 1960, desafiando os anunciantes a encontrarem uma outra emissora que tivesse audiência maior. O desafio era seguro. A emissora ocupara um lugar importante no cotidiano da cidade, decorrente do caráter amplo da programação, mas, especialmente, em decorrência de uma sintonia profunda com o clima social do país, como já referido em outros momentos deste trabalho. Esta sintonia seria responsável, nos próximos anos, pelo destino da rádio.

A emissora, como o anúncio esclarece, acabara de sair de uma empreitada de mobilização popular, que envolveu um *tour-de-force* de todos os veículos de comunicação do Estado, para dar visibilidade à tragédia anunciada do açude do Orós, que ameaçou arrombar. As chuvas de 1960 chegavam, depois da seca devastadora de 58, trazendo maus presságios. O açude do Orós não estava suportando a quantidade das chuvas e começou a sangrar, dando vazão às águas que colocavam em teste mais uma das obras-signo do Brasil desenvolvimentista de JK.

Em 1960, a exemplo do que ocorreu na seca de 58, a região reaparece na imprensa nacional, através de um discurso midiático de “olho torto”, como se refere a escritora cearense Rachel de Queiroz à cobertura do Nordeste pela imprensa nacional. A cobertura do episódio do açude do Orós, feita pelos veículos de comunicação, é marcada por referências que reforçam a estereotipização do Nordeste como o lugar preso ao tempo cíclico da natureza,

¹⁸² Jornal O Povo, 13/04/1960, p. 6.

dividido entre secas e invernos, como na música de Gonzaga, o grande Lula Gonzaga, cuja criação carregava a convivência ambígua entre um conteúdo tradicional e uma forma moderna¹⁸³, uma experiência que, de resto, podemos identificar no Brasil dos 50.

Neste ano, dois episódios introduziram o Ceará num circuito midiático global, em que identificamos com bastante intensidade as parcerias estabelecidas entre a Rádio Dragão do Mar e a cidade de Fortaleza: a ameaça de arrombamento do açude do Orós e a condenação do americano Caryl Chessman. Em ambos, observa-se, mais uma vez, o poder de mobilização do rádio. No entanto, cada um dos episódios provoca experiências diferenciadas da rotina urbana. O primeiro nos remete ao lugar do atraso, da vitimização, do Nordeste rural. O outro nos conecta ao mundo de fora da nossa experiência local. Estes dois acontecimentos comporão a narrativa que segue.

A construção do açude do Orós chegou na esteira do projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, com a tarefa de resolver o problema da seca no estado. Iniciadas em setembro de 1958, portanto em plena seca, as obras seriam concluídas em 13 meses, mas o atraso das verbas inviabilizou os planos iniciais. Assim é que o inverno rigoroso de 1960 encontrou as obras ainda em andamento, provocando uma das maiores tragédias sociais que o Nordeste vivenciou.

As manchetes sobre o perigo que ameaçava o Vale do Jaguaribe começaram a aparecer por volta do dia 24 de março, quando foi rompida a barragem do Orós, na ombreira direita¹⁸⁴. Dois dias depois, as notícias já davam conta da destruição das cidades da região, com cerca de 220 mil pessoas desabrigadas e um prejuízo de 2 bilhões de cruzeiros, sem somar os 250 milhões do Orós.¹⁸⁵ A partir daí, o terror tomou a região, enquanto a movimentação política ocupou os meios de comunicação, para rearticular a já tradicional arena discursiva em prol “dos irmãos desabrigados”.

A onda de epidemias que se disseminou nas regiões atingidas pelas

¹⁸³ ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. Op. Cit., p.162

¹⁸⁴ Jornal O Povo, 24/03/1960, p.1.

¹⁸⁵ Jornal O Povo, 26/03/1960.

águas chegou ao noticiário nacional e, a partir daí, ao circuito internacional da notícia. “Orós projeta-se no cenário mundial: estão sendo esperadas caravanas de jornalistas americanos e europeus, dando-se como certa a vinda de repórteres do *Times*, *Life*, *New York Times* e outras grandes publicações estrangeiras” – a notícia ocupava a contra-capa do jornal *Última Hora*¹⁸⁶, do Rio de Janeiro, junto com outras informações sobre a situação do sertão cearense.

Apesar de extensa, a citação de alguns trechos do Jornal *Última Hora* é necessária, porque evidencia o caráter da cobertura da imprensa do sul do país sobre o episódio, explicitando elementos que tradicionalmente incorporam-se ao discurso sobre a região; além de sinalizar sobre a arena política que se estabelece em torno da tragédia.

Pela primeira vez na história, a água enxota o nordestino; as cidades de Jaguaribe, Limoeiro do Norte, São João do Jaguaribe, Russas, Itaiçaba, Jaguaruana e Aracati, atingidas pelas enchentes, foram completamente evacuadas; milhares de toneladas de víveres, agasalhos e medicamentos chegam à zona flagelada;

Políticos em Orós lançam o pânico pela emissora do DNOCS; foram impressos e distribuídos milhares de boletins com os seguintes dizeres: “Perigo. Afaste-se do rio. O Orós arrombou”;

Ministro da Viação, Sr. Amaral Peixoto: “Orós resistirá se as chuvas continuarem paralisadas no Nordeste; são infundadas as críticas da imprensa oposicionista”;

Políticos do Vale do Jaguaribe – parlamentares estaduais e federais – concentram-se em Orós, acompanhando o desenrolar do drama e transformando a emissora do DNOCS em arena de debates; há muito interesse eleitoral por trás da tragédia que assola o Nordeste e abala o país¹⁸⁷.

O circuito da comunicação estava formado. A partir da pequena estação de rádio do DNOCS, PPA-8, de limitada cobertura, as informações eram distribuídas, com as grandes emissoras de Fortaleza estabelecendo uma cadeia nacional de notícias. A mobilização radiofônica envolveu o país numa campanha de arrecadação de donativos que chegavam de todas as partes do Brasil e até do exterior. A Rádio Dragão do Mar, além da cobertura jornalística, foi para as ruas arrecadar donativos, utilizando, inclusive, a frota de caminhões da Fortaleza Gás Butano, de propriedade do empresário Moysés Pimentel, dono também da emissora.

¹⁸⁶ Jornal *Última Hora*, 28/03/1960, p. 8.

¹⁸⁷ Jornal *Última Hora*, 28/03/1960, p. 8.

Os carros passavam nas ruas. Eu lembro que a gente dizia: lá vem a Dragão. Foi uma tragédia grande. Eu, que sou da região do Jaguaribe, saí com a minha família, mas muita gente ficou. A gente não conseguia largar o rádio, procurando saber notícias. Durante muito tempo, a população do baixo Jaguaribe não conseguiu dormir tranqüila. Sempre que chovia e até hoje, quando as chuvas são fortes, as histórias do Orós são lembradas¹⁸⁸.

A coluna *Rondas do Rádio*, do jornal O Povo, desenha o cenário de engajamento das emissoras de rádio na cobertura do Orós, na edição de 28 de março:

Os acontecimentos do vale do Jaguaribe tiveram ensejo de despertar, em todo o Brasil, o largo espírito de generosidade do povo. As emissoras radiofônicas ocupam privilegiada posição de coordenadoras dos movimentos encetados para a salvação de nossos irmãos vitimados. Um trabalho de vulto, capaz de comover aos mais empedernidos. Nunca se viu luta igual de solidariedade humana. Jamais esqueceremos o papel importantíssimo desempenhado pela incansável cadeia de solidariedade. Uma reunião de estações de rádio, espalhadas na vasta extensão territorial que forma este rincão querido¹⁸⁹.

A participação da Rádio Dragão do Mar é referida nesta mesma edição da seguinte forma:

A Rádio Dragão do Mar acordou na segunda-feira, trazendo o “Desperta Nordeste”. Foi uma quebra da “rotina” em torno das ocorrências da zona jaguaribana. Boa nota.

O transmissor móvel de frequência modulada da Dragão do Mar realiza seu trabalho, na recente campanha de auxílio aos desabrigados da zona de Jaguaribe, conduzindo auto-falante. Uma feliz iniciativa que vem obtendo êxito no trabalho de angariar donativos¹⁹⁰.

Durante os dias de maior expectativa em torno da possibilidade de arrombamento do açude, as emissoras de rádio de Fortaleza se mantiveram em vigília. O trabalho da Ceará Rádio Clube, principal concorrente da Dragão do Mar, também foi registrado pela coluna:

A “pioneira” comanda brilhantemente a cadeia da solidariedade. O departamento de jornais falados da PRE-9, sob o comando de Aderson Braz, foi cognominado de “o departamento coruja”. Os rapazes não dormiam. Nossa reportagem visitou a Ceará Rádio Clube, quando da eclosão da catástrofe e teve oportunidade de ver a atividade da equipe.

¹⁸⁸ Depoimento da Maria Nazaré Pereira, 73 anos, nascida no Aracati.

¹⁸⁹ Jornal O Povo, 28/03/1960, p.11.

¹⁹⁰ Jornal O Povo, 28/03/1960, p.11.

Vale salientar que o mesmo acontece com todas as emissoras do Ceará¹⁹¹.

A luta pela audiência estabeleceu um clima de concorrência entre as emissoras, que também é acentuado na coluna especializada:

Mas, como sempre acontece, temos o registro da forma negativa. No momento crucial em que as águas avançavam, na destruição insólita, tivemos a oportunidade de assistir um começo de disputa entre emissoras ávidas de audiência. Felizmente, o bom senso dos seus dirigentes falou mais alto e tudo foi normalizado. Não era possível resistir a nós de inveja, quando se lutava por uma única finalidade. Esta foi uma pequena mancha, fácil de ser esquecida. De futuro, façamos tudo para que isto jamais aconteça¹⁹².

A tragédia do Orós foi acompanhada em todo o seu desenrolar pela cadeia de emissoras de rádio de várias partes do país, além de pela a mídia impressa nacional e internacional. A movimentação política reproduziu, com mais intensidade, a lógica dos tempos de seca. Um mês depois, uma Comissão de Inquérito Federal esteve no Ceará, para avaliar a situação. Os jornais noticiaram a visita. Com o título, "Impressionada a Comissão de Inquérito com a situação do Vale do Jaguaribe"¹⁹³, a matéria do jornal fala sobre a destruição de 541 casas, nos diversos municípios visitados e alerta para a necessidades de o governo ter eficiência na manutenção dos auxílio às populações.

4.3. Chessman e Fortaleza

Mas, no mês de maio, a atenção da imprensa já estava dividida com o *Caso Chessman*, a história do famoso ladrão da luz vermelha que, depois de 12 anos tentando provar inocência, vivia às vésperas de enfrentar a pena de morte, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. A notícia da visita da Comissão ao Vale do Jaguaribe ocupou um canto de página, numa cobertura que disponibilizou a maior parte do espaço do jornal para a execução de Caryl Chessman, um caso que mobilizou a opinião pública mundial e desencadeou uma das maiores campanhas internacionais contra a pena de morte.

¹⁹¹ Id. Ibidem.

¹⁹² Id. Ibidem.

¹⁹³ Jornal O Povo, 02/05/1960, p. 5.

O *Caso Chessman* é recheado de elementos midiáticos. Na terra da indústria do cinema americano, a vida de Chessman é um roteiro intrigante, com ingredientes de um bom filme policial. Os episódios que acabaram na morte do americano, em maio de 1958, iniciaram-se dez anos antes, quando uma série de crimes misteriosos passaram a acontecer nos arredores de Los Angeles. O ritual era o mesmo: um carro de luz vermelha aproximava-se de um casal de namorados, um homem seqüestrava e violentava a mulher e depois fugia. Dias mais tarde, depois de uma série de investigações, a polícia prende o suspeito.

A prisão de Caryl Chessman foi cinematográfica e virou referência para muitas das produções hollywoodianas. Em 23 de maio de 1948, numa estrada entre Los Angeles e Hollywood, a polícia passou a perseguir um Ford-46, ocupado por dois homens. A prisão se dá em plena Beverly Hills, o bairro das grandes personalidades do cinema, quando os policiais interceptaram o veículo. Dos dois suspeitos que ocupavam o carro, Caryl Chessman correspondia às características do homem procurado. Uma pesquisa na ficha policial de Chessman fechou as investigações: preso diversas vezes, desde os 16 anos, por roubo de automóveis e assalto a residências, ele compunha o perfil ideal do criminoso. A polícia da Califórnia prendera o ladrão da luz vermelha.

Corta. Estamos em maio de 1960, nas vésperas da execução de Caryl Chessman. O processo de julgamento de Chessman foi marcado por várias irregularidades e contradições. Depois de 10 anos de prisão, o americano virou escritor, advogado e “estrela” da mídia, passando a freqüentar o noticiário internacional com regularidade. Foram oito adiamentos até a pena de morte se consumir em dois de maio de 1958, sob forte pressão da opinião pública mundial, que utilizou todos os recursos para convencer o governador da Califórnia, Edmund Brow, a anular a condenação.

As manchetes da época dão conta de vários movimentos de apoio ao condenado no mundo inteiro: passeatas, manifestações de lideranças políticas internacionais, orações do papa, cartas e telegramas endereçados ao governador da Califórnia, pedindo clemência. A imprensa cearense entrou no circuito da mídia internacional e acompanhou passo a passo o “calvário de Chessman” – como a mídia passou a chamar a luta do condenado pela vida.

A Rádio Dragão do Mar saiu para as ruas mais uma vez. O radialista Peixoto Alencar comandou uma enorme campanha na cidade, colhendo adesões para um abaixo-assinado a ser encaminhado ao presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, pedindo pela vida de Chessman (Foto 8). “Chessman não deve morrer”, clamava a voz de Peixoto Alencar, através de uma unidade móvel da Dragão, que corria os bairros de Fortaleza colhendo assinaturas dos moradores. O radialista Narcélio Limaverde descreve o clima da campanha:

Caryl Chessman, o famoso ladrão da luz vermelha, dos Estados Unidos, mereceu vários dias de campanha, ecoando na cidade o dístico de Peixoto de Alencar: “Chessman não deve morrer. Atenção, Leônidas, vire nossas antenas em direção à Califórnia. Atenção, governador Edmund Brown. Aqui é a Rádio Dragão do Mar. Milhares de assinaturas já estão nos abaixo-assinados que serão enviados a Vossa Excelência. Chessman não deve morrer”¹⁹⁴.

A campanha teve uma grande repercussão na cidade, com o assunto indo parar na Câmara Municipal de Fortaleza, com direito a discursos de vereadores. O vereador José Diogo da Silveira aprovou moção em que se oferecia ao governo norte-americano para morrer no lugar de Chesman. A cidade fervilhava em torno da campanha contra a pena de morte. Numa Fortaleza em que fantásticas histórias em torno da figura dos “rabos de burro” animava a cena urbana e o imaginário das moçoilas, o caso Chessman foi incorporado imediatamente ao folclore da cidade, integrando-se à rotina de molecagem do fortalezense. Gisafran Jucá descreve a figura dos “rabos-de-burro”, que desafiavam a polícia no período:

Não eram marginais comuns, mas rapazes que dispunham de automóveis e cometiam abusos sexuais contra as moças, geralmente estudantes desacompanhadas. O número de casos aumentou rapidamente e o assunto passou a ser discutido pelos jornais, tornando-se alvo de intensos debates na Câmara Municipal. (...) O terror dos “rabos-de-burro” foi amenizado ante a reação e os protestos que partiram de vários setores. Mais fortes que a ação policial, de pouca eficácia na solução do enigma, foram os responsáveis pelas violências

¹⁹³ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verão a reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945/1950)*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000. p.150.

¹⁹⁴ Depoimento concedido à pesquisa.

¹⁹⁴ LIMAVERDE, Narcélio. *Senhoras e senhores: histórias do rádio e da tv dos anos 50*. Fortaleza: Editora Vértice. s/d. p.113.

sexuais recuarem, dada a repercussão dos protestos, restando os registros de queixas no rol dos casos insolúveis¹⁹⁵.

Agressões sexuais contra mulheres, promovidas por rapazes motorizados. A mistura perfeita para alimentar as lendas urbanas da cidade. O compositor Fausto Nilo lembra da campanha "Chessman não pode morrer" e o quanto repercutiu na população.

A popularidade do criminoso gringo foi tão grande em Fortaleza, que um rabo de burro da época, que fazia ponto todos os dias na esquina da Rouvanni, ganhou o apelido de Carryl Chessman, por sua semelhança com o cara. Naturalmente a corte americana não deu ouvidos aos clamores da população cearense e aplicou a pena de morte no Chessman¹⁹⁶.

O caso do bandido da luz vermelha fez a cidade experimentar o que Thompson chama de "socialidade mediada", que decorre das mudanças que o desenvolvimento dos meios de comunicação provoca no sentido de espaço e de tempo das pessoas comuns. Para o autor, a nossa compreensão do mundo fora do alcance da nossa experiência pessoal, e de nosso lugar dentro dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas¹⁹⁷.

Esta compreensão provém, até certo ponto, de um sentimento de partilha de uma história de um lugar comuns, de uma trajetória comum no tempo e no espaço. Mas à medida que nossa compreensão do passado se torna cada vez mais dependente da mediação das formas simbólicas, e a nossa compreensão do mundo e do lugar que ocupamos nele vai se alimentando dos produtos da mídia, do mesmo modo a nossa compreensão dos grupos e comunidades com que compartilhamos um caminho comum através do tempo e do espaço, uma origem e um destino comuns, também vai sendo alterada: sentimentos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem através da mídia¹⁹⁸.

Canclini nos fala das transformações nas condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade, provocadas pelas tecnologias comunicativas e pela reorganização industrial da cultura, alertando para o fato de

¹⁹⁵ JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza(1945/1950)*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000, p.150.

¹⁹⁶ Depoimento concedido à pesquisa.

¹⁹⁷ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 38.

¹⁹⁸ THOMPSON, John B. Ob.Cit, p. 39.

que estas mudanças não substituem as tradições nem as massificam homogeneamente.

Propõem outro tipo de vínculos da cultura com o território, do local com o internacional, outros códigos de identificação das experiências, de decifração de seus significados e modos de compartilhá-los. Reorganizam as relações de dramatização e credibilidade do real. Tudo isso se enlaça, como sabemos, com uma remodelação da cultura em termos de investimento comercial, ainda que as transformações simbólicas citadas não se deixem explicar apenas pelo peso que o econômico adquire.¹⁹⁹

O caso Chessman talvez tenha sido um dos primeiros momentos significativos, na experiência urbana de Fortaleza, desta troca simbólica massiva entre o local e o internacional. É bem verdade que a segunda guerra já antecipara a experiência. No entanto, a campanha contra a pena de morte de Chessman se dá num cenário urbano mais radicalizado, o que possibilita uma disponibilidade mais heterogênea da oferta simbólica. A situação é resultado da aceleração dos processos de encontros entre as culturas rural e urbana, resultado dos êxodos populacionais e da intensificação das redes de comunicação, que – neste momento específico – Fortaleza vivencia com mais intensidade.

4. 4. Da Cadeia da Legalidade ao golpe militar

A transferência do comando da Dragão do Mar para as mãos do empresário Moysés Pimentel²⁰⁰, em 1959, aprofundou ainda mais a ação político partidária da emissora. Identificado com as causas nacionalistas que marcaram a vida política do país, no período deste estudo, o empresário costuma ser referido como uma espécie de “bom burguês”, uma figura lingüística que freqüentou o dialeto da esquerda brasileira no período da ditadura instalada em 1964 no país. Se fosse possível resumir numa frase a tônica dos depoimentos relacionados ao

¹⁹⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Heloisa Pezza Cintrão e Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p.263.

²⁰⁰ Natural de Independência, Ce, Moysés Santiago Pimentel nasceu em 1909, vindo a morrer em 2000.

empresário, poderíamos defini-lo como “um homem de coragem, que sacrificou seus negócios em nome da defesa das causas populares”.

Os negócios referidos não eram poucos. O empresário Moysés Pimentel atuava nos mais diversos setores da economia: negócios nas áreas de beneficiamento de algodão, fabricando óleo e margarina, que posicionaram a marca Pimentel no mercado; distribuição de gás de cozinha, além da exploração de atividades financeiras, através de cooperativa de créditos, que anos depois se transformaria no Banco Pontual. Com a compra da Dragão do Mar, o empresário entra na área da comunicação e da política, elegendo-se deputado federal, nas eleições de 1962, e formando com Blanchard Girão e Peixoto de Alencar a primeira bancada originária do rádio no Ceará. Em 1964, o golpe militar, além de cassar os direitos políticos do empresário, interferiu em seus negócios, confiscando, por exemplo, a autorização de um canal de televisão, que depois seria concedido ao empresário Édson Queiroz e que se transformaria na TV Verdes Mares.

Apesar de aparentemente contraditória, a identificação do empresário com os ideários nacionalistas não surpreende, se considerados os elementos centrais desta corrente de pensamento que contaminou o país até o golpe de 64. O nacionalismo tem como protagonista exatamente uma fração da burguesia econômica nacional, a industrial, que assumiria o comando do desenvolvimento do país, atendendo aos supostos interesses do povo brasileiro. Assim, por afinidade de interesses ou por opção política consciente, o fato é que o envolvimento de Moysés Pimentel com a política do Ceará teve como palanque privilegiado os microfones da Rádio Dragão do Mar.

Nesta época, o uso do rádio para a ação política já era corrente em várias regiões do Brasil. No vizinho estado do Rio Grande do Norte, temos um caso exemplar, que se identifica em muitas de suas características com o da Rádio Dragão do Mar, como instrumento promotor de candidaturas políticas. Trata-se da do líder político potiguar, Aluizio Alves, cuja carreira foi forjada através do rádio, onde iniciou sua vida pública como radialista.

Na campanha de 1958 para a Câmara, utilizou-se fartamente do rádio, lançando a programação *Um amigo em cada rua*, através da qual

Aluizio ia às diversas ruas da capital, apurando os principais problemas de cada uma delas e prometendo soluções. Obteve um terço dos votos de Natal e modificou radicalmente o perfil de seu eleitorado, agora predominantemente urbano²⁰¹.

Em termos nacionais, um caso que merece citação, na medida em que se transformou emblemático na vida pública do país, é o do jornalista Carlos Lacerda, cuja trajetória política foi toda pontuada pela presença do rádio.

Personagem importante da história política do país naquele período, não se pode negar que o estilo Lacerda foi único. Como jornalista, tinha o domínio da redação de textos e, como político, sabia fazer o ouvinte “ver”, acompanhar, participar de qualquer relato. Ele quebrou a tradição dos discursos políticos do rádio – sempre longos, cansativos, inúmeras vezes monótonos, pouco criativos. O estilo usado pelos políticos no rádio tinha as mesmas características das falas empregadas nos comícios de rua²⁰².

Assim, o uso da Dragão como instrumento político se insere em uma tendência que se consolidaria no país anos mais tarde, tendo seu ponto alto na gestão do presidente José Sarney, responsável pela maior distribuição de concessões de veículos eletrônicos de massa, incluindo rádio e televisão, entre políticos brasileiros. Em 1996, números apurados indicavam que 40% das emissoras de rádio e 27% das estações de televisão tinham políticos como proprietários ou sócios. No Senado, 25 dos 81 senadores eram donos de emissoras de rádio e de TV, enquanto que, na Câmara, 104 dos 513 deputados federais controlavam estações de rádio e de televisão. Para completar, 111 deputados estaduais também eram proprietários de canais de rádio e TV²⁰³.

Foi ali, através dos programas da emissora, que as bandeiras nacionalistas ganharam voz. Reforma Agrária, justiça social, proteção da indústria nacional, reformas de base. Nenhum destes temas passou indiferente à Dragão. “Os microfones da Dragão ficavam abertos a qualquer reivindicação, dos

²⁰¹ SILVA, Carlos Eduardo Lins. A comunicação populista de Aluizio Alves – Rio Grande do Norte, 1960-1980. In: *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981, p. 100.

²⁰² MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio palanque*. São Paulo: Mil Palavras, 1998, p. 55.

²⁰³ Apud MOREIRA, Sônia Virgínia. Ob.Cit., p.124.

estudantes, dos sindicatos. Era uma rádio a favor das manifestações” – observa o publicitário Augusto Pontes²⁰⁴, que acompanhou a fase de implantação da emissora. A Dragão sempre estava a postos para assumir campanhas, empunhar bandeiras, marcadas invariavelmente com o mesmo prefixo musical.

A cidade ficava agitada quando a Rádio Dragão do Mar colocava no ar o Cisne Branco. Era sinal de que alguma campanha ia começar, tendo comandante o Peixoto Alencar. Assim foi quando a emissora tentou salvar o Chessman, quis derrubar o general Sombra da Secretaria de Polícia, levar donativos para o Orós, sustentar o João Goulart...²⁰⁵

Em 1961, no movimento para assegurar a posse de João Goulart na presidência da República, depois da renúncia de Jânio Quadros, também não foi diferente. A Dragão do Mar integrou uma das experiências de resistência mais marcantes da política contemporânea do país. Durante 12 dias, no período que vai de 25 de agosto de 1961, dois dias depois da renúncia de Jânio Quadros, ao dia da posse de João Goulart, 5 de setembro, a Dragão participou de um grande palanque radiofônico nacional, a *Rede Nacional da Legalidade*, cujo principal locutor era o engenheiro Leonel de Moura Brizola, então governador do Rio Grande do Sul.

A renúncia do presidente Jânio Quadros surpreendeu a nação. O clima de insegurança tomou de conta do país, materializando-se nas manifestações que ocupavam as ruas das grandes cidades. A surpresa criava todo tipo de tese para explicar o ato do presidente. Ele próprio creditou ao que chamou de “forças ocultas” as razões de sua renúncia. Os noticiários falavam de instabilidade emocional de Jânio.

A única explicação plausível para o gesto está no temperamento do presidente, na instabilidade nervosa, condições psíquicas que já se manifestaram no candidato e que inquietavam grandes setores políticos, quando verificaram o triunfo que consagrou seu nome nas ruas²⁰⁶.

As ruas de Fortaleza foram cenário de manifestações populares de apoio ao presidente que renunciou, o que provocou uma reunião do governador Parsifal Barroso com militares das três forças armadas, para garantir a segurança da

²⁰⁴ Depoimento concedido à pesquisa.

²⁰⁵ LIMAVERDE, Narcélio. Ob.Cit., p. 113.

²⁰⁶ Jornal Unitário, 27/08/1958, p. 01.

população. Com uma foto de primeira página, o jornal Unitário descrevia o clima na cidade, indicando a presença do rádio que sintonizava a população com os acontecimentos da República.

Repercutiu intensamente em Fortaleza, no seio de toda a população, num verdadeiro impacto de surpresa, a notícia da renúncia, ontem, à tarde em Brasília, do presidente Jânio Quadros, fato que está sacudindo a nação inteira. O povo saiu às ruas e todas as atenções ficaram voltadas para o **noticiário radiofônico**, tendo a extra do Correio do Ceará sido disputada pelo povo. Operários e estudantes compareceram à praça pública, realizando comícios relâmpagos e manifestações que se estenderam até à noite²⁰⁷.

O rádio também aparece como personagem central no Palácio da Luz, onde o governador Parsifal Barroso dividia com assessores o clima de expectativa do país.

Os corredores do Palácio da Luz se apresentam movimentados, todos querendo saber notícias a respeito da crise política. Nos gabinetes dos assessores do governador, vários **rádios portáteis** ligados auxiliam na tarefas informativas de modo a que o senhor Parsifal Barroso tome conhecimento das informações imediatamente após a sua divulgação²⁰⁸.

A renúncia de Jânio Quadros novamente colou o país na escuta do rádio, na expectativa do desenrolar dos acontecimentos políticos. As notícias davam conta da movimentação militar para impedir a volta do vice-presidente João Goulart, que se encontrava em visita oficial à China Comunista. O presidente do Congresso Nacional, Raniere Mazzili, assumiu a presidência, enquanto os boatos davam como certa a impossibilidade de posse de Goulart. A voz das forças armadas brasileiras, alertando para o perigo do caos, no caso de posse de João Goulart, era reproduzida nos veículos de comunicação.

Na presidência da República, em regime que atribui ampla autoridade e poder pessoal ao Chefe do Executivo, o senhor João Goulart constituir-se-ia, sem dúvida alguma, no mais evidente incentivo a todos aqueles que desejam o país mergulhado no caos, na anarquia, na luta civil²⁰⁹.

²⁰⁷ Jornal Unitário, 26/08/1958, p. 1. O grifo na citação é meu.

²⁰⁸ Jornal Unitário, 26/08/1958, p. 8. O grifo na citação é meu.

²⁰⁹ Jornal Unitário, 31/08/1958, p. 1.

A Assembléia Legislativa do Ceará, a exemplo dos legislativos do restante do país, realizou sessões especiais, para discutir a situação. Os deputados cobraram posição do governador Parsifal Barroso, na sessão extraordinária de 30 de agosto, depois que a realização da sessão ordinária do dia foi inviabilizada pela ausência deliberada de toda a bancada udenista, partido de Jânio Quadros. As lideranças dos partidos de apoio à posse de Goulart encaminharam solicitação à mesa diretora da Assembléia Legislativa, que acatou a sugestão da sessão extraordinária. Os discursos foram inflamados, cobrando posição do governador do estado diante do quadro político.

O trabalhista Aldenor Nunes Freire apelou para o governador Parsifal Barroso no sentido de uma definição sua ou do governo que dirige, em torno dos fatos ligados à política nacional. Lembrou o líder do PTB que o senhor Parsifal Barroso pertence a esse partido, justamente a mesma filiação partidária do presidente, tendo por conseguinte mais do que os demais governadores o dever de pronunciar-se claramente. O apelo do senhor Aldenor foi secundado pelo líder do Partido Republicano e pelo deputado Pontes Neto, líder pessepista. Eles assinalaram que o momento é das definições, não tolerando a opinião pública as posições de oportunismo²¹⁰.

A movimentação militar para impedir a posse de João Goulart montou a estratégia de intimidar os veículos de comunicação de massa no país, arena em que a guerra política ganhava visibilidade, especialmente quando a *Rede da Legalidade* foi formada. Depois de divulgar um suposto plano do Partido Comunista, para desestabilizar a ordem pública, em que se previa, entre outras ações, a difusão de onda de boatos, através de telefonemas às redações de jornais, e emissoras de rádio e televisão²¹¹, os militares passaram a realizar reuniões com as direções dos meios de comunicação. No Ceará, chamaram a direção das emissoras de rádio para uma reunião. Blanchard Girão, diretor de programação da Rádio Dragão do Mar, relata o encontro:

Compareci em nome da Dragão. O oficial, um coronel educado e simpático, se não me engano de sobrenome Quinderé, expôs os motivos daquele encontro. Sintetizando, eles – os militares – queriam que as nossas rádios omitissem tudo o que estava ocorrendo no sul do Brasil, onde, segundo se acabara de saber, o III Exército, comandado pelo general Machado Lopes, nome bastante conhecido nosso, pois

²¹⁰ Jornal Unitário, 31/08/1961, p.1.

²¹¹ Jornal Unitário, 31/08/1961, p. 1.

fora interventor federal do Estado na década de 40, decidira apoiar a posição de Brizola em favor da posse de Jango. (...) Em poucas palavras, o coronel disse que o Exército desejava que as emissoras se auto censurassem. Todos os diretores de emissoras deram o seu aval à proposta. Exceção da Rádio Dragão do Mar. Sem arrogância e com rigorosa tranqüilidade, disse-lhe que a emissora não faria sua própria censura, mas admitia que um oficial fosse para lá promover a leitura de seu noticiário. O militar ainda retrucou, argumentando não dispor de quadros capazes de realizar tal missão. Mantive-me firme e, de fato, a Região enviou um outro coronel, para impedir que déssemos conhecimento público dos fatos que se desenrolavam no resto do país.²¹²

A censura não intimidou a Dragão do Mar. A emissora incorporou-se ao movimento da legalidade comandado pelo governador gaúcho Leonel Brizola, que requisitou a Rádio Guaíba, do grupo Caldas Júnior, em 27 de agosto, improvisando um estúdio de rádio no próprio Palácio Piratini, sede do governo. Durante doze dias, foi a partir dali que os defensores da legalidade constitucional denunciaram, através da rádio, as ameaças de golpe militar, e defenderam a posse de João Goulart. Em seguida, as demais emissoras de Porto Alegre, incluindo a Gaúcha e a Farroupilha, se uniram à *Rede da Legalidade*, reforçada por emissoras do país inteiro, que também aderiram ao chamamento de Brizola.

A Rádio Dragão do Mar, na impossibilidade de aderir formalmente à *Rede da Legalidade*, por causa da presença dos censores na redação da emissora, criou uma ação alternativa em que transmissores móveis eram acionados em lugares diferentes da cidade. Confirmada a posse do presidente João Goulart, a Dragão assume a função de porta-voz das reformas de base que iriam mobilizar o país nos três anos seguintes, culminando com o golpe militar de 1964 que, no Ceará, em termos de ação contra os meios de comunicação, escolheu a emissora como alvo principal.

A *Rede da Legalidade* incomodou de tal forma os ministros militares contrários à posse de Jango que houve, inclusive, uma tentativa de bombardear o Palácio Piratini, para impedir as suas transmissões radiofônicas, tentativa lograda por causa do movimento de alguns oficiais da aeronáutica, que esvaziaram os pneus de todos os aviões durante a madrugada, impedindo a decolagem da frota

²¹²GIRÃO, Blanchard. *Sessão das Quatro: cenas e atores de um tempo feliz*. Fortaleza: Editora ABC Fortaleza, 1998, p. 317.

para o ataque. Os jornais repercutiram as denúncias de Leonel Brizola, que alertava o país para as intenções dos militares.

Sônia Moreira nos informa sobre o depoimento do escritor Oswaldo França Júnior, na época piloto da FAB e servindo no Esquadrão de Combate na capital gaúcha. Ele relata as circunstâncias em que a ameaça aconteceu:

Brizola fez a Cadeia da Legalidade através das emissoras de rádio e se entrincheirou no Palácio do Governo, em Porto Alegre. O comandante do meu esquadrão nos reuniu e disse: "acabamos de receber uma ordem para silenciar o Brizola. Vamos tentar convencê-lo a parar com esse movimento de rebeldia. Se ele não parar com essa campanha, vamos bombardear o Palácio e as torres de transmissão da rádio que ele vem usando para fazer a Cadeia da Legalidade. Vamos fazer tudo às seis da manhã. Vamos tentar dissuadir Brizola até essa hora. Se não conseguirmos, vamos bombardear". (...) Dezesesseis aviões foram armados para a operação. Pelos meus cálculos, a gente ia pulverizar o palácio do governo!²¹³

A *Rede da Legalidade*, que saiu do ar a zero hora do dia 6 de setembro, com a posse de Jango, aumentou a popularidade da Dragão do Mar e de seus principais radialistas. As eleições de 1962 confirmaram o prestígio da emissora, que elegeu três parlamentares: Moysés Pimentel, deputado federal; Blanchard Girão e Aécio de Borba, deputados estaduais, além de um suplente, Peixoto Alencar. As candidaturas se deram, através de um partido minúsculo, o Partido Social Trabalhista (PST), situação que sinaliza a força da emissora junto ao público, num ano em que os dois maiores partidos do estado, PSD e UDN, se uniram em torno da "União pelo Ceará", que elegeu Virgílio Távora para governador.

Os relatos em torno das eleições de 1962 apontam, para a presença do rádio como elemento importante no processo. O jornalista Dorian Sampaio, que também participou da fase inicial da Dragão do Mar, analisa a União pelo Ceará como uma saída das elites políticas para se manterem no poder, diante dos movimentos de renovação que contaminavam o país.

(...) surgiu um elemento novo que foi ... O povo passou a ser mais informado, o **radiozinho de pilha**, esse grande herói nacional, todo o dia eu ia para o Aracati, quando era deputado, quando chego lá, o caboclo já sabia tudo o que estava havendo aqui em Fortaleza, porque

²¹³ MOREIRA, Sônia Virgínia. Ob.Cit., pg.60.

ele, 4 horas da manhã, está lá com o **rádio**. Então esse povo começou a ser informado. Ele ouvia isso daqui para lá, nomes da política nacional diferentes. Juscelino, um novo nome para ele, e o Ceará a mesma coisa. Então criou-se um ambiente de enfraquecimento e de amedrontamento das duas grandes forças políticas de se enfraquecerem entre si com o povo que estava procurando as alternativas da vida. (...) Então, deu-se aquilo que era considerado impossível: unir-se PSD com a UDN²¹⁴.

O jornalista Blanchard Girão credita à Dragão do Mar os mandatos conquistados pelos radialistas da emissora, lembrando que obteve votos na maioria dos municípios cearenses, em cidade que nunca tinha ido.

Em 1962, a Rádio no auge, dominando a audiência total em Fortaleza; a minha crônica *A nossa palavra* dominava a audiência quase que total da cidade, só da cidade, não, do estado; a Rádio tinha potência danada. Então resolveram fazer-me candidato a deputado; fui eleito folgadíssimo, fui o segundo mais votado da minha legenda, sem gastar um tostão, mesmo porque eu não o tinha; nem que eu quisesse não havia como gastar. Elegi-me deputado na posição de defesa do Governo Goulart, das reformas de base, mas veio a revolução e eles me cassaram.....²¹⁵

Os tempos que se seguiram e que levaram o país ao golpe de 1964 foram marcados por grande instabilidade política. As forças militares, em parceria com setores que na crise da renúncia de Jânio Quadros lutaram contra a posse de Jango, continuaram o processo de construção da ditadura que se instalou naquele ano. Os jornais da época são importantes sinalizadores do clima de tensão vivenciado no Brasil. O rádio, já consolidado em todo o país, foi uma arena em que a disputa se acirrou com mais intensidade. Na arena radiofônica nacional, dois personagens dividiam os discursos pró e contra João Goulart: o agora deputado federal pela Guanabara, Leonel Brizola, e o governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

João Goulart estava sob fogo cruzado: enquanto a esquerda atacava-o, acusando o presidente de aliado do imperialismo, a direita classificava-o de

²¹⁴ PONTE, Sebastião Rogério. *História e Memória do jornalismo Cearense*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – Nudoc/ UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2004, p. 157. O grifo na citação é meu.

²¹⁵ PONTE, Sebastião Rogério. Ob. Cit., p. 66.

subversivo. O clima se radicalizou com a realização do histórico comício da Central do Brasil, onde o presidente anunciou medidas polêmicas, como as relacionadas à Reforma Agrária e à nacionalização das refinarias de petróleo. O país inteiro acompanhava a crise nacional através do rádio, especialmente através do *Repórter Esso*, programa da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que em suas edições extraordinárias sintonizava o país com a crise.

A Rádio Dragão do Mar mantinha-se fiel ao governo de Goulart, divulgando informações sobre um possível golpe, que se concretizaria entre os dias 31 de março e 1º de abril. Nas vésperas do golpe militar, a imprensa publicou editoriais truculentos contra o presidente, que explicitavam o compromisso dos jornais cearenses com as forças militares promotoras do golpe. As notícias sobre o desenrolar dos acontecimentos chegaram aos radialistas da Dragão do Mar, na madrugada do dia primeiro. Segundo Nazareno Albuquerque, que ocupava o microfone da emissora, por ocasião da invasão dos militares e do posterior fechamento da rádio, os radialistas resolveram convidar algumas pessoas para garantir “um maior número de testemunhas, nos estúdios, caso realmente a polícia chegasse”.²¹⁶

Os cuidados não evitaram a invasão da emissora, a prisão dos radialistas e o fechamento por cerca de cinco meses da rádio, que voltaria depois sob o comando do general Almir Mesquita, amigo de Moysés Pimentel, colocado na emissora numa tentativa de salvá-la das represálias do regime militar. Os jornais do dia 1º de abril estamparam com destaque o fechamento da emissora. “Rádio Dragão do Mar ocupada pelo Exército” – dizia a manchete do jornal O Povo.²¹⁷ O corpo da notícia era curto e direto: “A Dragão vinha noticiando os últimos acontecimentos, fazia proclamações de apoio ao senhor João Goulart e conclamava o povo para pegar em armas”.

A conclamação para armas não é confirmada pelos radialistas que vivenciaram o episódio. O fato, entretanto, é que os profissionais que estavam na emissora foram presos para investigação. As cassações do então deputado

²¹⁶ Depoimento à rádio Dragão do Mar, por ocasião dos 45 anos da emissora, em 25/03/2003.

²¹⁷ Jornal O Povo, 1º/04/1964, p. 1.

Blanchard Girão e do suplente de deputado Peixoto Alencar, ambos oriundos da Dragão do Mar, foram publicadas nos jornais, no dia 10 de abril. A cobertura da mídia impressa do estado é de completo adesismo ao golpe militar. O único veículo de comunicação que sofreu intervenção do regime militar foi a Dragão do Mar. Os demais, apesar das prisões de alguns jornalistas, não contrariaram o regime.

O jornalista Dorian Sampaio, preso em 1969, fala sobre a censura nas empresas de comunicação no período.

(...) O Ceará sempre foi de donos de jornais que não são de enfrentar a Revolução. Mas, de qualquer maneira, aquele medo que a gente tinha de criar dificuldades para o dono do jornal. Aquele medo que a gente tinha de ver um desgraçado afoito. (...) Eu, de qualquer forma, em horas tais, se não tinha posição de mando dentro do jornal, mas de qualquer maneira tinha a posição do mais velho, eu chegava: "rapaz, não te metas nisso. Não te metas nisso, porque isto aqui não é brincadeira". Mas não pode ter coisa pior no mundo.²¹⁸

Eduardo Campos, diretor dos Diários Associados, no período do golpe, e defensor do movimento militar, ratifica a opinião de Dorian Sampaio sobre a censura nas empresas de comunicação.

Nenhum diretor de jornal pode se queixar de uma censura muito ativa, muito forte, pelo menos nos jornais; a rádio, não. Fecharam a Dragão do Mar e tudo. O jornal, não. Havia a censura, mas não era a do tempo do Getúlio. Era uma autocensura; pessoas respondiam pelo que faziam. (...) A revolução, no Ceará, foi mais contundente contra as pessoas que pensavam diferente, aquelas pessoas – não estou dizendo que pensavam errado, pensavam diferente – os comunistas principalmente, os esquerdistas. Com essas aí, foi muito contundente mesmo, mas quanto a jornalista em si, eu não tenho nada a revelar.²¹⁹

Blanchard Girão, preso por cerca de oito meses, obrigado a se manter fora da profissão durante muitos anos, também fala que o regime militar não teve grandes complicações com a resistência dos empresários da comunicação no Ceará, esclarecendo que não havia censor dentro das redações.

Não, nem era necessário. A censura era a autocensura mesmo. Os jornais se pelavam de medo. O troço era violento demais. Os jornais daqui não tinham censor de jeito nenhum. Nos jornais de São Paulo e

²¹⁸ PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 158.

²¹⁹ Id. Ibidem., p. 190.

do Rio, eu sei que houve censura dentro das redações, inclusive os jornais se rebelaram.²²⁰

As ações de repressão do regime militar aos veículos de comunicação no Ceará teve seu foco central na Dragão do Mar. Cassado de seus direitos civis, o então deputado Moysés Pimentel não só perdeu a emissora, que depois foi parar nas mãos do coronel César Cals²²¹, como viu suas atividades empresariais serem atingidas pelo golpe. A autorização de funcionamento do Canal 10, por exemplo, hoje de propriedade do grupo Édson Queiroz e afiliada do Sistema Globo de Televisão, foi confiscada de Pimentel, que já havia comprado inclusive os equipamentos retransmissores. A marca Pimentel, que identificava os produtos industrializados pelo empresário, óleo e margarina, também foi confiscada, só sendo recuperada anos depois, com a anistia política.

A Fortaleza Gás Butano, também de propriedade do empresário, foi parar nas mãos do mesmo Édson Queiroz, que havia conseguido a concessão da televisão. “As pressões eram muitas, tivemos que vender a empresa”²²² – diz Tarquílio Pimentel, filho do empresário. Foi o mesmo Tarquílio que, em plena tensão do golpe militar, ofereceu-se para viabilizar a saída do pai do país. “Ele recusou, disse que ficaria aqui, porque não tinha feito nada que o obrigasse a fugir do Brasil”- lembra Tarquílio. No retorno da democracia, Pimentel foi eleito deputado constituinte, pelo PMDB, nas eleições de 1982, e reeleito em 1990, quando se afastou da política. Veio a falecer em 2000, aos 91 anos de idade.

O exemplo da retaliação sofrida por Pimentel não foi único no país, no setor de radiodifusão. O caso da Rádio Mayrink Veiga também é emblemático, por causa da relação direta que a emissora tinha com João Goulart. Em 1962, a emissora, que pertencia a Antenor Mayrink Veiga, foi vendida para o senador paulista Miguel Leuzzi. Era nessa emissora que Leonel Brizola veiculava pronunciamentos em defesa do governo de Jango e consolidava seu prestígio no estado da Guanabara. Com o golpe, a emissora foi imediatamente fechada, logo nas primeiras horas do dia 1º de abril.

²²⁰ Id. Ibidem., p. 72.

²²¹ A família Cals ainda administra a empresa até hoje, com um perfil completamente diferente da Dragão do Mar dos tempos iniciais.

²²² Depoimento concedido à pesquisa.

Mesmo adaptando a programação à nova realidade do país, constituindo com as 37 emissoras do grupo do senador Leuzzi a chamada Rede da Democracia, encabeçada por Carlos Lacerda, em defesa do golpe, a rádio não foi poupada. Em novembro de 1965, os microfones da emissora foram lacradas, e sua frequência foi transferida para o senhor Roberto Marinho, passando a ser utilizada pela Rádio Eldorado, uma das emissoras do sistema Globo de Televisão. Aí, na cassação da Mayrink Veiga, como no fechamento da Dragão do Mar, encontram-se algumas das pontas do império Globo de Comunicação, que se consolidaria sob a égide da ditadura militar, nos anos 70.

A saída da Dragão do Mar do cenário coincidiu com os primeiros tempos da teledifusão no Estado, inaugurada em 1960, com a chegada da TV Ceará – Canal 2, emissora dos Diários Associados. Neste período “o quente era ouvir a Rádio Dragão do Mar, vibrante, apaixonada, sensacionalista”.²²³ Nestes primeiros anos, a Dragão competia em audiência com o novo veículo. O anedotário cearense dá conta de uma peleja entre a Dragão do Mar e Armando Falcão, naqueles anos pré-golpe militar. Para responder às críticas da emissora, Falcão ocupou o microfone do Canal 2. E, na televisão, insultou: “não tenho medo dessa lagartixa do brejo”. Lagartixa do brejo foi o apelido que o ex-ministro militar encontrou para atacar a emissora, que seria fechada em 1º de abril de 1964.

A tarefa de reconstruir o papel social do rádio no cotidiano de Fortaleza, apesar de instigante, não foi tarefa fácil, em decorrência da escassez de reflexão a respeito do tema. As narrativas sobre a cidade de Fortaleza, mesmo aquelas inspiradas nas operações da história cultural, passam ao largo da presença dos meios de comunicação no cotidiano das populações, referindo-se apenas em algumas poucas citações. A experiência da Rádio Dragão do Mar, que defini como objeto da pesquisa, também me obrigou a lidar com uma escassez de fonte documental sobre a emissora, já que o período estudado se fecha com a implantação da ditadura militar de 64, que dispersou registros importantes da sua história.

No entanto, o processo de garimpagem de dados e de confronto de fontes me apresentou um cenário em que o rádio se estabelece em Fortaleza,

²²³ CARVALHO, Gilmar. A televisão no ceará (1950-1960). 1ª edição. Fortaleza: Secretaria de Comunicação Social, 1985, p.8.

Considerações finais

Procurei, no decorrer desta dissertação, trabalhar no sentido de articular a reflexão teórica ao trabalho empírico, como forma de – num diálogo permanente entre as duas perspectivas – construir uma reflexão que me poupasse das análises generalizantes, que acabam por esconder os indícios de que nos fala Carlo Ginsburg.

Parti da compreensão da importância que os meios de comunicação assumem na constituição das sociedades modernas. O desenvolvimento da mídia, que dá-se num processo de entrelaçamento com outros processos histórico-sociais mais abrangentes e que, considerados em sua totalidade, constituem o que hoje chamamos de modernidade, transformou de forma irreversível a natureza da produção e do intercâmbio simbólico, interferindo diretamente nos ritos que compõem os contextos práticos da vida cotidiana. O propósito de conhecer a inauguração deste processo no Ceará levou-me a uma Fortaleza que, no encontro dos anos 50/60, passou a experimentar uma série de novas práticas culturais e novas formas de socialidade, que encontraram no rádio o seu principal articulador.

A tarefa de reconstruir o papel social do rádio no cotidiano de Fortaleza, apesar de instigante, não foi tarefa fácil, em decorrência da escassez de reflexão a respeito do tema. As narrativas sobre a cidade de Fortaleza, mesmo aquelas inspiradas nas operações da história cultural, passam ao largo da presença dos meios de comunicação no cotidiano das populações, referidos apenas em algumas poucas citações. A experiência da Rádio Dragão do Mar, que defini como objeto da pesquisa, também me obrigou a lidar com uma escassez de fonte documental sobre a emissora, já que o período estudado se fecha com a implantação da ditadura militar de 64, que dispersou registros importantes da sua história.

No entanto, o processo de garimpagem de dados e de confronto de fontes me apresentou um cenário em que o rádio se estabelece, em Fortaleza, como principal porta-voz da onda de modernidade que percorreu todo o país, nos

anos 50: introduziu novos hábitos, provocou novas demandas sociais, inseriu-se na intimidade do cotidiano da cidade. Um cotidiano que experimentava novas formas de lazer, através da programação da emissora que, além de promover fortes embates políticos, também ofereceu um conteúdo radiofônico de grande diversidade. Ali, num espaço em que o rural e o urbano se encontravam, a Dragão do Mar funcionou como a esfera de diálogo entre os dois mundos, numa ocasião em que a cidade aprofundava seu processo de urbanização.

No recorte de tempo em que se inseriu esta pesquisa, identificamos as fortes parcerias que se estabeleceram entre a Dragão do Mar e a cidade, com a emissora se constituindo numa importante esfera pública de participação, no curto período de democratização que o país viveu até o golpe de 64. Estas parcerias puderam ser observadas nos diversos acontecimentos que escolhemos para analisar e que nos serviram de fio condutor no percurso da experiência urbana da Fortaleza do período. Foi através da Rádio Dragão do Mar que a população se sentiu participando de episódios como o *Caso Inventário*. A emissora denunciou, o povo foi para as ruas, o governo recuou.

A Dragão do Mar também nos serviu de generoso observatório para confirmar a presença marcante dos discursos nacionalistas, que pontuavam a arena política do país. O programa de maior audiência da rádio, a crônica *A nossa palavra*, é um representante legítimo do ideário sob o qual o Brasil moderno se articulou no período JK. A emissora sintonizou a cidade com o clima de modernidade do país, apresentando novas formas de lazer e de hábitos de consumo.

A análise dos programas populares confirmou o processo de circularidade cultural de Ginzburg, em que os repertórios das culturas dominantes e subalternas sofrem influências recíprocas. Programas musicais, crônicas, pequenas histórias, *fait-divers*, que se incluíram no dia-a-dia das pessoas, interferiram na ordem do tempo e colocaram Fortaleza em contato com referências simbólicas diversificadas.

A experiência da Dragão do Mar ratificou, ainda, a perspectiva de que os receptores da cultura de massa também são produtores, numa ação criativa em

que se reapropriam dos conteúdos oferecidos, como nos sugere Certeau. Na apropriação destes conteúdos midiáticos, identifica-se um rico processo criativo, como confirmam as memórias narrativas dos depoentes, uma experiência que reafirma a perspectiva de que o indivíduo não assume uma posição passiva diante da cultura de massa, diferentemente do que foi pregado durante muito tempo. O ouvinte constrói sua leitura, apropria-se de formas diferenciadas do repertório simbólico ofertado pelo mídia, reelaborando-o a partir de suas referências culturais. Neste movimento, as ofertas da cultura de massa encontram-se com as tradições dos receptores, desencadeando uma renovação de repertórios simbólicos.

Esta dissertação pretendeu contribuir para a compreensão da Fortaleza da virada dos 50/60, considerando as relações entre a Rádio Dragão do Mar e o cotidiano da cidade. Confesso que a intensidade com que se conformaram estas relações surpreendeu-me. Portanto, mais do que conclusões, esta dissertação termina disponibilizando uma série de sugestões e desafios para que outros caminhos possam ser perseguidos, neste labirinto polêmico e sedutor da cultura de massa. Acredito que esta linha de abordagem pode nos levar por um caminho mais seguro para compreender a lógica dos elementos que constituem o mundo contemporâneo.

Bibliografia

- ABREU, Alzira Alves (org). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. 2 ed. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2 ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1986.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento das narrativa. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. 4 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CALABRE, Lia Calabre. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.
- CAMPOS, Eduardo. *História da Ceará Rádio Clube*. Sem catalogação, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora USP, 2003.
- CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel : o mote do consumo*. São Paulo: Editora Annablume, 2002.
- CARVALHO, Gilmar. *A televisão no Ceará (1950-1960)*. Fortaleza: Secretaria de Comunicação Social, 1985.
- CARVALHO, Jader de. *Aldeota*. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- CASTRO, José Liberal de. *Fatores de Localização e de Expansão da Cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 1977.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: *História: novos problemas*. Tradução: Theo Santiago. 4 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, no. 16, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COLARES, Otacílio. *Crônicas da Fortaleza e do Siará grande*. Fortaleza: Edições UFC/PMF. 1980.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e do Desporto do Ceará, 2002.
- DEL BIANCO, Nélia R. e MOREIRA, Sônia Regina (org). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ e Brasília:UnB, 1999.
- DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças*. Fortaleza. Edições UFC - Stylus Comunicações, 1989.
- DUMMAR FILHO, JOÃO. João Dummar, um pioneiro do rádio. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- FREITAS, Mariano. *Nós os estudantes*. Breve história da vida dos universitários cearenses na década de 60. Fortaleza: edições Livro Técnico, 2001.
- FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. *Documentação oral e a temática da seca: Estudos*. Brasília: Centro Gráfico, Senado Federal, 1985.
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 3 ed. São Paulo. Cia. das Letras, 1999.
- GOLDFEDER, Mirian. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- GONDIM, Linda M.P. *Uma dama da belle époque de Fortaleza: Maria de Lourdes H. Gondim – ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.
- HAUSSEN, Doris. *Rádio e política: tempos de Vargas e Peron*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- HOBSBAWM, ERIC J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo. Cia. das Letras, 1995.

- MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio palanque*. São Paulo: Mil Palavras, 1998.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. *A indústria Cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. In: Teoria da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2000.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Tradução: Theo Santiago. 4 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995, p. 13.
- LIMAVERDE, Narcélio. *Fortaleza, história e estórias – memórias de uma cidade*. Fortaleza: Edições ABC Fortaleza, 1999.
- LIMAVERDE, Narcélio. *Senhoras e senhores: histórias do rádio e da tv dos anos 50*. Fortaleza: Editora Vértice. s/d.
- LINHARES, Paulo. *Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral do Nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1992.
- LOPES, Marciano. *Coisas que o tempo levou: a era do rádio no Ceará*. Fortaleza. Gráfica VT, 1994.
- LOPES, Maria Immacolata V. O rádio dos pobres – comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.
- MELO, José Marque(org). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 1981.
- MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- MONTENEGRO, Abelardo F. Os partidos políticos no Ceará. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil - a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

- MOREIRA, Sônia Virginia. *Rádio palanque*. São Paulo: Mil Palavras, 1998.
- NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- NUNES, Márcia Vidal. Rádio e política: do microfone ao palanque: os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996), São Paulo: Annablume, 2002.
- NORA, Pierre. *O retorno do fato*. In: História: novas abordagens. Tradução de Theo Santiago. 4 ed. Rio de Janeiro. Editora: F. Alves, 1995.
- OLIVEM, Ruben George. *Nas bocas – a oralidade nos tempos modernos*. In: Sistemas de comunicação e identidades na América Latina. Porto Alegre: Edipucrs-Intercom, 1993.
- ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 2 ed. São Paulo: Editora Summus, 1985.
- PARENTE, F. Josênio C. O Ceará dos Coronéis (1945 a 1986). In: *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2000.
- PONTE, Sebastião Rogério da. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1993.
- PONTE, Sebastião Rogério. *História e Memória do jornalismo Cearense*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – Nudoc/ UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2004.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958, o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- SHAFER, R.Murray. “Rádio Radical”. In: *Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins. A comunicação populista de Aluísio Alves – Rio Grande do Norte, 1960-1980. In: *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981.
- SOUSA, José Inácio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação(1889-1945)*. São Paulo: Annablumne: Fapesp, 2003.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*.

Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Documentos:

IBGE – Anuário Estatístico do Brasil – 1958. Ano XIX

IBGE – Anuário Estatístico do Brasil – 1960 – Ano XXI

IBGE – Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento.
Série Regional. Censo Demográfico de 1950.

Periódicos:

Jornal O Povo

Jornal Unitário

Revista Folha do Rádio

Revista Perspectiva e Negócios

ANEXOS

Folha de Radio

ANEXOS

Foto 01

Folha do Rádio



Foto 01

Folha do Rádio

NÚMERO LXVII

FORTALEZA - CEARÁ

AGOSTO - 1960



Foto 02

UM MICROFONE QUE AJUDOU O PROGRESSO DE FORTALEZA !

Desde 1934 a mensagem da Indústria e do
Comércio é dirigida pelo microfone da
CEARA' RADIO CLUBE !

Sempre na frente com o maior faturamento
de publicidade a CEARA' RADIO CLUBE
sente que pesa mais no conceito da opinião
pública.

CEARA' RADIO CLUBE

*Única emissora a transmitir em três frequências,
simultaneamente.*



Segunda a Sexta - Feita, pela

RADIO IRACEMA

A Mais Popular



VESPERAL DO CHACRINHA

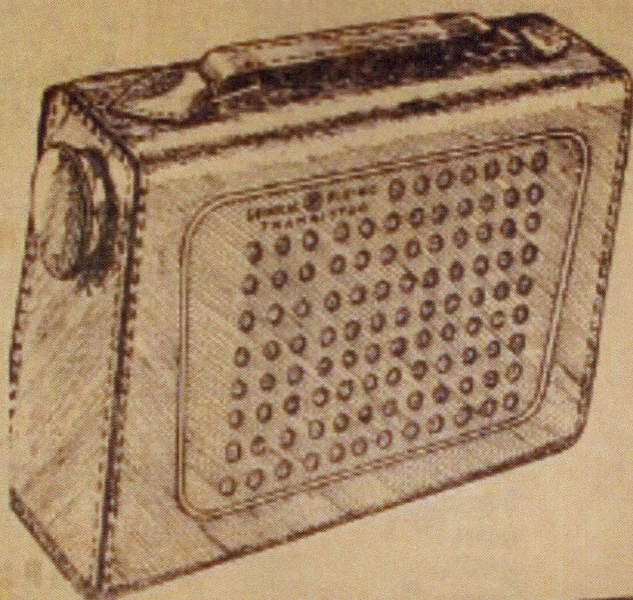
100% Musical. Sob o comando de

IRAPUAMA LIMA

Horário: 15,30 às 17.

TRANSITOR

Rádio portátil de linhas modernas e sóbrias



- Estudado e feito para o transporte constante para qualquer lugar, o Transitor é leve... cômodo... realmente portátil.
- Antena especial, que favorece a recepção em qualquer lugar.
- Funciona com pilhas "Eveready" carga de 500 horas, aproximadamente.
- Alto-falante de ímã permanente que proporciona um bom volume e grande pureza de som.



Na praia



No bar



Em qualquer lugar.

Vendas à vista e a prazo

Lojas

CARNEIRO E GENTIL

BARÃO DO RIO BRANCO, 1268 FONE: 1-1219
RUA DR. P. ORO BORGES, 133 FONE: 1-8857
RUA SENA MADUREIRA, 1043 FONE: 1-0534

PELA PRIMEIRA VEZ NO CEARÁ

JOÃO GILBERTO

O "BOSSA NOVA" em pessoa

HOJE DIA 3, NO "COUNTRY CLUB"



JOÃO GILBERTO

No "Country Club" em festa memorável cantando fam-
bém no microfone da RA DIO DRAGÃO DO MAR

Uma única e sensacional apresentação de João Gilberto

Mesa de pista	8 lugares	Cr\$ 2.000,00
Mesa interna	4 lugares	Cr\$ 1.200,00
Mesa externa	4 lugares	Cr\$ 800,00

Traje esporte — Conjunto do IVANILDO

RÁDIO DRAGÃO DO MAR

— a mais ouvida do Ceará

— TEM DUAS ONDAS QUE COBREM TODO O BRASIL!

Durante os trágicos acontecimentos de ORÓS, a
"RÁDIO DRAGÃO DO MAR" de Fortaleza
comandou a maior rede de emissoras já formada
no Brasil em todos os tempos.

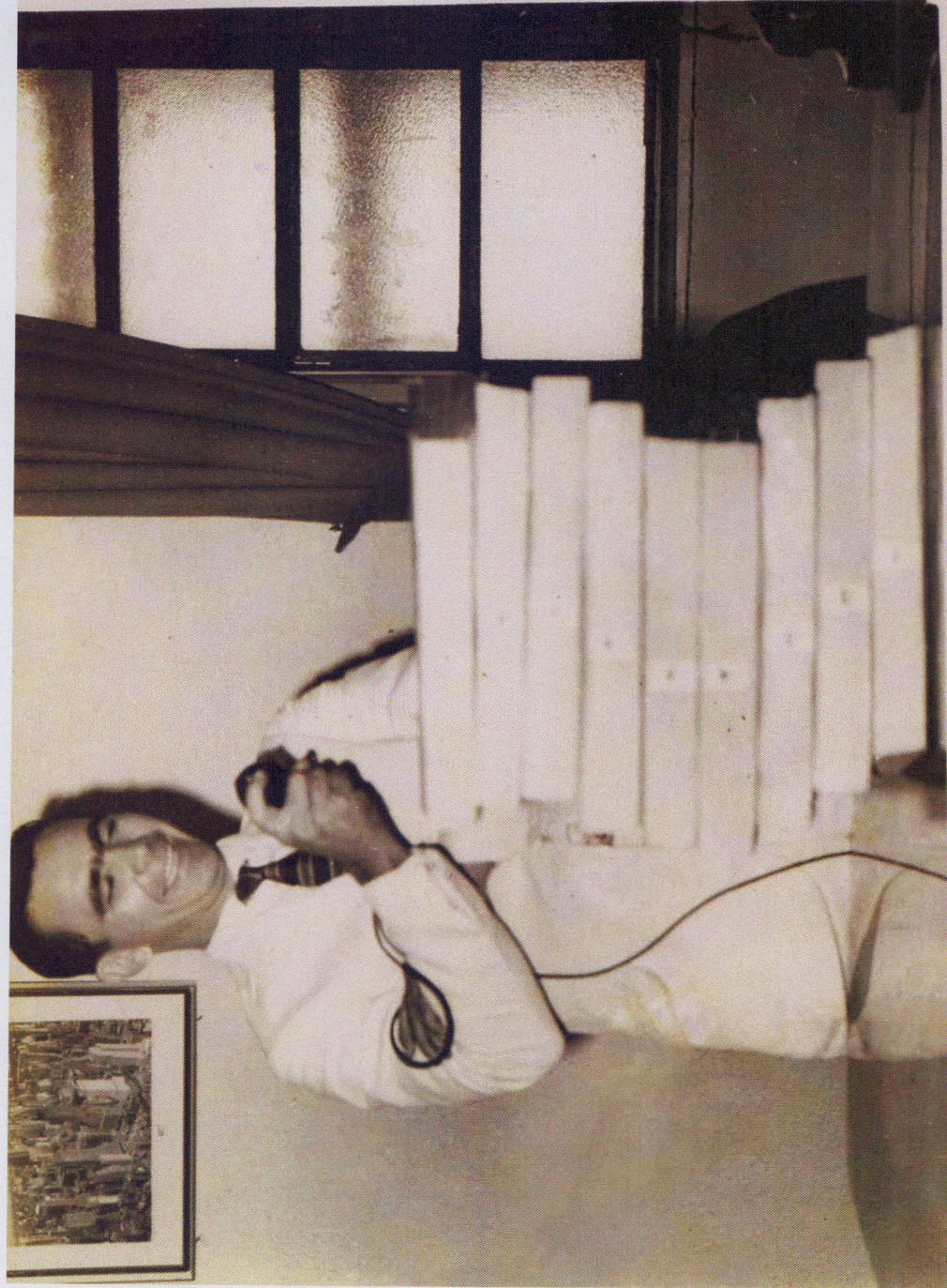
DO AMAZONAS AO RIO GRANDE DO SUL

O BRASIL OUVI O CEARÁ PELA "DRAGÃO DO MAR"

"A RÁDIO DRAGÃO DO MAR" – a mais ouvida
do Ceará – convida a qualquer um dos seus
presados clientes, que possua pesquisa própria,
a verificar se existe no Ceará uma emissora de
maior audiência! Abonaremos um ano de
publicidade a qualquer empresa que consiga
provar que a "RÁDIO DRAGÃO DO MAR"
não é somente a mais ouvida do Ceará.

— "DRAGÃO DO MAR".

— a emissora do Ceará que o mundo escuta!



*Rádio Reporter
PEIXOTO & ALENCAR*

no comando da sensacional campanha "Chessman não deve morrer."

Foto 08

